



---

**PROFHISTÓRIA**

MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

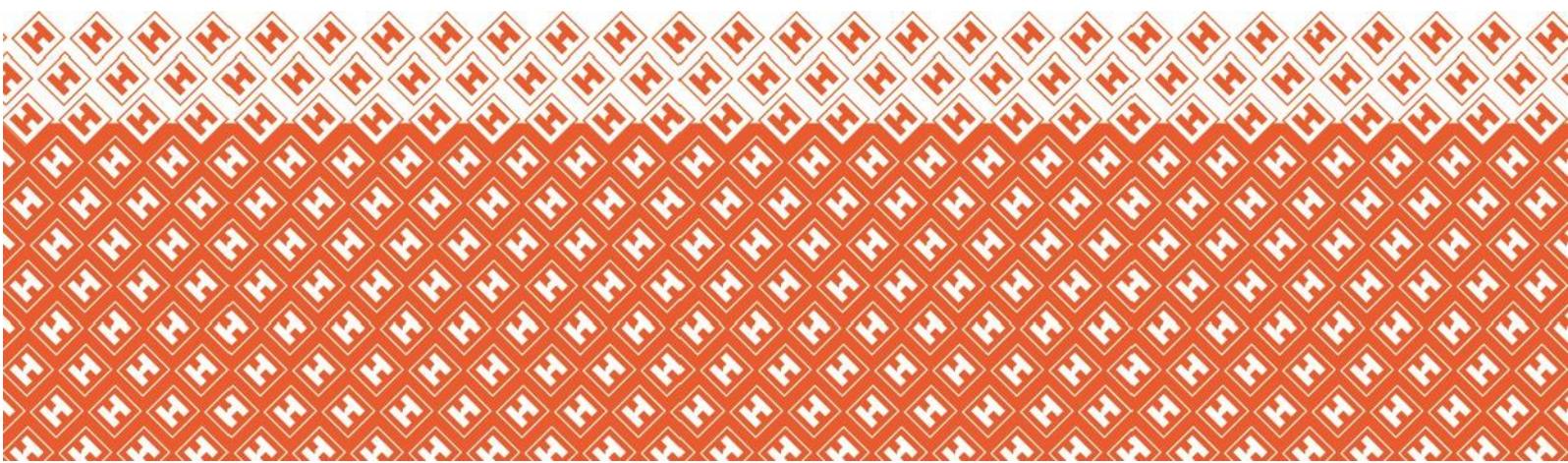
SINARA PEREIRA LIMA COSTA

HISTÓRIA E GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO INTERDISCIPLINAR À LUZ DO  
PATRIMÔNIO NATURAL



Universidade Regional do Cariri – URCA

Novembro/2022



Sinara Pereira Lima Costa

**HISTÓRIA E GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR À  
LUZ DO PATRIMÔNIO NATURAL**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória da Universidade Regional do Cariri com parte da obtenção do título de mestre.

Área de concentração: História/Ensino de História

Orientadora: Profa. Dra. Janaína Valéria Pinto Camilo

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema  
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri - URCA

Costa , Sinara Pereira Lima

C838sinara Pereira Lima Costah HISTÓRIA E GEOGRAFIA:  
UMAPROPOSTA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR À LUZ DO  
PATRIMÔNIO

NATURAL / Sinara Pereira Lima Costa . Crato-CE , 2022.

115p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Ensino de História da  
Universidade Regional do Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janaína Valéria Pinto Camilo

1.Ensino de História , 2.Geografia , 3.Interdisciplinaridade , 4.Patrimônio  
Natural ; I.Título.

CDD: 907

Sinara Pereira Lima Costa

HISTÓRIA E GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE ENSINO INTERDISCIPLINAR À  
LUZ DO PATRIMÔNIO NATURAL

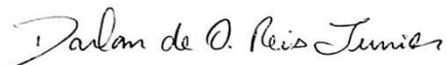
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de  
História-PROFHISTÓRIA da Universidade Regional do Cariri-URCA para obtenção do  
título de Mestre em História em: 25/11/2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Simone da Silva Costa (membro externo)



---

Prof. Dr. Darlan de Oliveira Reis Junior (membro interno)



---

Profa. Dra. Janaína Valéria Pinto Camilo (Orientadora)

Dedico este trabalho à minha querida mãe Nair, meu exemplo maior de pessoa do bem, mãe e mulher, que, sem medir esforços, sempre fez de tudo para que eu pudesse realizar meus sonhos, e este é um deles. A você, mãe, gratidão sempre!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço aos meus pais, Nair Pereira Lima e Antonio Arenilton Vilar da Costa, pelo grande esforço para me proporcionar uma educação escolar que eles não tiveram oportunidade de ter. Devo a eles, principalmente à minha mãe que batalhou e trabalhou como pôde para oportunizar minha formação acadêmica, pessoal e profissional.

Às minhas irmãs Samara e Naiara, que me apoiaram, contribuíram da forma que elas podiam e, principalmente, sempre acreditaram no meu potencial, incentivando-me a estudar e trabalhar na profissão que escolhi para minha vida. Agradeço também à minha pequena sobrinha Bianca Maria, filha de minha irmã Naiara, pela alegria contagiante que sempre me arranca sorrisos no dia a dia e nunca me deixa esquecer o quanto a família é importante.

À minha orientadora, Janaína Valéria Pinto Camilo, pelas valiosas orientações e ensinamentos, por acreditar em mim e no meu trabalho, pela paciência e quietude durante todo o processo de definição do objeto de estudo, organização de ideias e principalmente, durante a escrita da dissertação.

À minha prima e amiga Liziana, que foi quem me apresentou o programa do ProfHistória, e sempre esteve presente para compartilhar ideias, angústias, bem como pontos positivos dessa jornada.

À Isabelle, pessoa maravilhosa que, apesar de ter conhecido na etapa final desta caminhada, ajudou-me nas últimas pesquisas de campo e vem sendo uma companheira, fazendo-se presente na minha vida por meio de paciência, dedicação e carinho.

Aos meus amigos Jefferson, Marcondes, José, Laura, Vanessa, Bia, Ana Luiza, Dárcio Junior, Irlandio, Thiago, bem como a meu cunhado Nilo Rafael que contribuíram de maneira direta e indireta, seja com conversas importantes ou triviais, troca de ideias acadêmicas e experiências e/ou apoio emocional durante esse processo tão importante para minha formação profissional e pessoal. E não poderia deixar de agradecer também a meu amigo e colega de profissão, Emerson, que me ajudou na tradução do resumo.

Ao Geopark Araripe, principalmente nas pessoas de Rafael Soares e Fábio Alexandre, que me ajudaram no processo de pesquisa sobre o Geopark Araripe, recebendo-me cordialmente na sede do Geopark.

Agradeço também a todos os meus colegas de turma e professores do Mestrado - PROFHISTÓRIA URCA, principalmente aos docentes que foram meus professores pelas discussões e aulas enriquecedoras e de suma significância para meu processo de formação e para definição da minha pesquisa.

*“Entre as metáforas muito empregadas para se falar dos diversos impulsos interdisciplinares que, de tempos em tempos, beneficiam determinado campo de saber, está a imagem das ondas. Certo campo de conhecimento está bem posicionado em seu lugar, como se fosse uma bela praia tropical, e de momentos em momentos o oceano lhe entrega uma vaga de ondas, que vêm banhar suas areias e as renova, mais uma vez. Há depois o repuxo. Mas então as águas já deixaram algo de si nas areias, que por isso já não são mais exatamente as mesmas. E as próprias ondas, por outro lado, também levaram consigo um pouco das areias que ajudaram a fertilizar”.*

*José D’Assunção Barros*

## RESUMO

Esta dissertação busca realizar um estudo de como a relação de interdisciplinaridade entre a História e a Geografia, mediada pelos conceitos de espaço e tempo, bem como o patrimônio natural (Geopark Araripe nos Geossítios Colina do Horto e Batateiras), podem contribuir para o ensino de história e geografia nas escolas da região do Cariri cearense, em especial, as do município de Crato – Ceará. Trata-se de uma pesquisa teórica e empírica, que envolveu um vasto levantamento bibliográfico, o qual deu suporte teórico para o desenvolvimento do trabalho; além de pesquisas de campo nas áreas de estudo com intuito de realizar reconhecimento do espaço como pesquisadora, bem como levantamento de material fotográfico e documental. Com base nesse contexto, buscou-se também demonstrar a importância da relação de interdisciplinaridade entre a História e a Geografia como um estudo relevante no campo disciplinar das Ciências Humanas para os professores das disciplinas em pauta, considerando que, em muitos casos, os professores de história, para complementar sua carga horária nas escolas de educação básica, são incumbidos de lecionar a disciplina de geografia ou o contrário. Pensando nessa problemática, o produto proposto foi um *web site*, intitulado: “Trilha interdisciplinar para o ensino de História com a Geografia na Educação Básica”, que consideramos como um material de suporte pedagógico para os professores dessas disciplinas, os quais vivem essa realidade em seu cotidiano profissional; nele pode ser encontrado alguns caminhos interdisciplinares (atividades, sugestões de leitura sobre o tema e entre outras coisas), todavia, é importante mencionar, que ele não deve ser entendido como material pronto e finalizado, tal como uma bula de remédio ou uma receita que precisa ser seguida fielmente para obter resultados satisfatórios; na verdade, o que se pretende com o produto é estabelecer mais uma ponte interdisciplinar entre as disciplinas em questão. Portanto, ele pode e deve ser repensado, complementado e adequado à realidade educacional, a qual o professor e seu alunado estejam inseridos.

**Palavras-chave:** Ensino de História, Geografia, Interdisciplinaridade e Patrimônio natural.

## **ABSTRACT**

This dissertation seeks to carry out a study of how the interdisciplinarity relationship between History and Geography mediated by the concepts of space and time, as well as the natural heritage (Geopark Araripe in Geosites Colina do Horto and Batateiras) can contribute to history and geography teaching in schools in the Cariri region of Ceará - Brazil, especially those in the municipality of Crato – Ceará, Brazil. This is a theoretical and empirical research, which involved a vast bibliographic survey which gave theoretical support for the development of the work, in addition to field research in the areas of study with the aim of recognizing the space as a researcher, as well as a survey of photographic and documental material. Based on this context, we also sought to demonstrate the importance of the interdisciplinarity relationship between History and Geography as a relevant study in the disciplinary field of Human Sciences for teachers of the subjects in question, considering that in many cases history teachers, to complement their workload in basic education schools, they are responsible for teaching geography or the opposite. Thinking about this problem, the proposed product was a web site, entitled: “Interdisciplinary path for the teaching of History with Geography in Basic Education” (in Portuguese: “Trilha interdisciplinar para o ensino de História com a Geografia na Educação Básica”), that we consider as a pedagogical support material for teachers of these subjects who live this reality in their professional daily life, in it can be found some interdisciplinary paths (activities, suggestions for readings on the subject and among other things), however it is important to mention, that it should not be understood as ready-made material, such as a medicine leaflet or a prescription that needs to be followed faithfully to obtain satisfactory results, in fact, this product is intends to establish another interdisciplinary bridge between the disciplines in question. Therefore, it can and should be rethought, complemented and adapted to the educational reality in which the teacher and her students are inserted.

**KEYWORDS:** History Teaching, Geography, Interdisciplinarity and Natural Heritage.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Maiores distinções entre interdisciplinaridade Científica e interdisciplinaridade escolar .....	29
Figura 02 – Três concepções epistemológicas da função da interdisciplinaridade ....	30
Figura 03 – A dupla visão das finalidades da interdisciplinaridade .....	31
Figura 04 – Os campos de operacionalização da interdisciplinaridade e seus ângulos de acesso .....	31
Figura 05 – Localização do Geopark e da Chapada do Araripe .....	40
Figura 06 – Estratigrafia da Bacia Sedimentar do Araripe .....	42
Figura 07 – Documentos submetidos à Rede Global de Geoparques – UNESCO .....	52
Figura 08 – Fachada da sede do Geopark Araripe .....	56
Figura 09 – Sede do Geopark Araripe – Recepção .....	57
Figura 10 – Localização e antiga nomenclaturas dos Geossítios (Geotopes) .....	59
Figura 11 – Ação do Programa “Visitas Guiadas” .....	65
Figura 12 – Geoeducação – Oficinas .....	65
Figura 13 – Localização dos Geossítios que foram focos do estudo .....	67
Figura 14 – Estátua do Padre Cícero (Geossítio Colina do Horto) .....	69
Figura 15 – Geossítio Colina do Horto – Teleférico do Horto .....	70
Figura 16 – Teleférico do Horto .....	70
Figura 17 – Geossítio Colina do Horto – Museu vivo do Padre Cícero .....	71
Figura 18 – Romaria das Candeias .....	72
Figura 19 – Romaria de Nossa Senhora das Dores .....	72
Figura 20 – Romaria de finados .....	73
Figura 21 – Resquícios do Muro da Sedição de Juazeiro do Norte de 1914 .....	75
Figura 22 – Cascata do Lameiro – Geossítio Batateiras .....	77
Figura 23 – Casa de Taipa – Geossítio Batateiras .....	77
Figura 24 – Ruínas do antigo Engenho do Pau antes do incêndio .....	80
Figura 25 – Ruínas do Engenho do Pau depois do Incêndio em 2018 .....	80
Figura 26 – Atual situação das Ruínas do Engenho do Pau de 1880 .....	81
Figura 27 – Pedra da Batateira .....	82
Figura 28 – Ilustração do aplicativo Google Earth .....	87

Figura 29 – Plataforma “webnode” .....	88
Figura 30 – Imagem ilustrativa do produto (site) .....	89

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Critérios básicos para chancela oficial de um Geopark .....	50
Tabela 02 – Principais objetivos do Geopark Araripe .....	55/56
Tabela 03 – Objetivos estratégicos da Educação Ambiental do Geopark Araripe.....	62/63

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDUC/IPHAN– Coordenação de Educação Patrimonial

CIEA – Centro de Interpretação e Educação Ambiental

CETEM – Centro de Tecnologia Mineral do Ministério da Ciência e Tecnologia

COFLO – Coordenadoria Florestal

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais / Serviço Geológico do Brasil

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral

EA – Educação Ambiental

G.A – Geopark Araripe

IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais não Renováveis

*IGCP – International Geoscience Programme*

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MMA – Ministério do Meio Ambiente

NAGUC – Núcleo de Apoio à Gerência da Unidade de Conservação

Pe. – Padre

RMC – Região Metropolitana do Cariri

SEMACE – Superintendência Estadual do Meio Ambiente

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

URCA – Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E GEOGRAFIA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR MEDIADO PELO TEMPO, ESPAÇO E OS PATRIMÔNIOS CULTURAL E NATURAL</b> .....	18
1.1 – Caminhos interdisciplinares entre História e Geografia por meio dos conceitos de Espaço e Tempo .....	18
1.2 – Abordagens conceituais sobre Interdisciplinaridade .....	25
1.3 – Patrimônios Cultural e Natural: possibilidades interdisciplinares para o ensino de História .....	32
1.3.1 – Perspectivas sobre Patrimônio Natural e a História Ambiental .....	36
<b>CAPÍTULO 2 – GEOPARK ARARIPE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO CAMPO DA INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA</b> .....	40
2.1 – Caracterização geográfica do Geopark Araripe .....	40
2.2 – Breve história do Geopark Araripe, questões atuais e possibilidades de estudo interdisciplinar entre a História e a Geografia .....	49
2.2.1 – Transição de Geotope para Geossítio .....	58
2.3 – Educação Ambiental no Geopark Araripe: possibilidades para um ensino interdisciplinar entre História e Geografia .....	61
2.4 – Os Geossítios como recurso interdisciplinar para o ensino de História e Geografia.....	66
2.4.1 – O caso do Geossítio Colina do Horto .....	67
2.4.2 – O caso do Geossítio Batateiras .....	76
<b>CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA, GEOGRAFIA E PATRIMÔNIO NATURAL: UM CAMINHO INTERDISCIPLINAR</b> .....	85
3.1 – Trilha interdisciplinar para ensino de História e Geografia na educação básica com base no Patrimônio Natural.....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
<b>ANEXOS</b> .....	114

## INTRODUÇÃO

A Geografia como ciência busca compreender as relações entre a natureza e a sociedade e suas dinâmicas no espaço geográfico. A História, por sua vez, entendida como “estudo do homem no tempo” (Bloch, 2001, p. 55), rompe com o paradigma simplista de ser definida como mero “estudo do passado”. E, como disciplinas, ambas, estão comprometidas direta ou indiretamente com a formação de um pensamento crítico dos estudantes. Nesse contexto, o encontro entre essas duas disciplinas é inevitável, visto que a produção e as mudanças do espaço se dão ao longo do tempo e principalmente, na maioria das vezes, por influência direta da humanidade.

Com base nesse pressuposto, entender a importância da relação de interdisciplinaridade entre a História e a Geografia é um trabalho importante nas Ciências Humanas, principalmente para profissionais da educação que trabalham com essas disciplinas, tendo vista que em muitos casos os professores de história, para complementar sua carga horária nas escolas, são responsabilizados de lecionar geografia; ou, os de geografia, a disciplina de história. Todavia, é importante destacar que a interdisciplinaridade proposta nesta pesquisa é uma troca de conhecimentos entre essas duas disciplinas e esses profissionais, e não uma sobrecarga de um para suprir as necessidades do sistema.

É partindo dessa problemática inicial que se propõe neste trabalho estudar como a relação de interdisciplinaridade entre a História e a Geografia, mediada pelos conceitos de espaço e tempo, bem como o patrimônio natural (Geopark Araripe nos Geossítios Colina do Horto e Batateiras) podem contribuir para o ensino de história e geografia nas escolas da região do Cariri cearense, em especial, as do município de Crato – Ceará no tempo presente, pois, considero que o espaço é um dos principais elos que liga as disciplinas em questão e o patrimônio cultural e natural, este estudo apresenta-se como uma ferramenta que pode promover a interdisciplinaridade entre essas disciplinas.

Para estabelecer essa análise e relação de interdisciplinaridade entre a História e a Geografia por meio do patrimônio natural, utilizou-se como objeto de estudo, o Geopark Araripe, tendo como principal foco o Geossítio Colina do Horto, localizado na Região Metropolitana do Cariri, ao sul do estado do Ceará, a 3km da cidade de Juazeiro do Norte e o Geossítio Batateiras, localizado na cidade de Crato.

O Geopark Araripe foi o primeiro parque geológico das Américas reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Sua aprovação ocorreu em setembro de 2006. *Geopark* é considerado um selo outorgado pela UNESCO para áreas com significativo patrimônio geológico de importante interesse científico, que contenham características de valor natural excepcional.

A metodologia de uma pesquisa científica é um instrumento fundamental que possibilita ao pesquisador construir caminhos possíveis para buscar respostas ao problema pesquisado, Barros (2012, p.80), destaca que:

A metodologia remete a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eger ou constituir materiais, de extrair algo destes materiais, de movimentar sistematicamente em torno do tema definido pelo pesquisador. A metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação.

Nesse sentido, esta pesquisa caracteriza-se por ser um estudo de caráter teórico e empírico, com uma abordagem metodológica de cunho qualitativo onde os estudos contextualizados poderão servir como suporte teórico e metodológico nas aulas de História e Geografia sobre a temática que ela retrata. De acordo com essa proposta, este trabalho é considerado também um estudo de caráter descritivo, tendo em vista que por meio dele práticas podem ser melhoradas e/ou repensadas com base em uma observação objetiva e interdisciplinar no contexto em que ela for aplicada.

A dissertação está estruturada de forma sequenciada e interligada contemplando os seguintes capítulos: Capítulo 1 – História e Geografia: um estudo interdisciplinar mediado pelo tempo, espaço e os patrimônios cultural e natural; Capítulo 2 – Geopark Araripe: possibilidades e desafios no campo da interdisciplinaridade entre a história e a geografia; Capítulo 3 – História, Geografia e Patrimônio natural: um caminho interdisciplinar; e por fim, as considerações finais.

No capítulo 1, percebendo a importância dos conceitos de espaço e tempo e do patrimônio cultural e natural nos estudos historiográficos e geográficos, foi desenvolvida uma importante contextualização de tais conceitos, na busca por melhor estabelecer os caminhos de interdisciplinaridade entre a história e a geografia. Nesse sentido, as principais obras que deram suporte teórico para realizar este trabalho foi: “História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares” (2017); “Geografia e História: uma interdisciplinaridade mediada pelo Espaço” (2010), ambos de José D’ Assunção Barros; algumas obras do geógrafo Milton Santos, tais como: “Por uma geografia

nova” (2012) e “Espaço e Sociedade” (1979); “Estratos do tempo – Estudos sobre História” (2014) de Reinhart Koselleck; “O que é patrimônio histórico” (2013) de Carlos Lemos; “Alegoria do patrimônio” (2006), de Françoise Choay; “O que é interdisciplinaridade?” (2008), organizado por Ivani Fazenda; “Geopark Araripe: Histórias da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura” (2012), organizado pelo Projeto Cidades do Ceará e outras obras relacionadas à temática pesquisada.

No capítulo 2 é apresentado o objeto de estudo, o Geopark Araripe, principalmente os Geossítios focos desta pesquisa, de maneira mais concreta. Nele é abordado a caracterização geográfica do G.A, bem como um pouco do seu processo histórico de formação até seu reconhecimento pela rede de geoparques mundiais da UNESCO. Outros pontos importantes contextualizados neste capítulo, são os desafios e principalmente as possibilidades de trabalho no campo do ensino de História e Geografia com os Geossítios Colina do Horto e o Batateiras de maneira interdisciplinar, além de apresentar brevemente a Educação Ambiental do G.A, no sentido salvaguarda esse importante patrimônio natural e as práticas que ele possibilita junto a setores da sociedade e instituições de ensino que as podem desenvolver. Com isso, entende-se que o incentivo do desenvolvimento da EA nas escolas deve ser uma prática presente e permanente, pois o objeto deste estudo apresenta-se como um instrumento relevante no campo interdisciplinar.

Enfim, no capítulo 3, é apresentado o produto, um *web site* (Trilha interdisciplinar para o ensino de História com a Geografia na Educação Básica), cujo endereço eletrônico é <https://mestrado2.webnode.page/>; ele apresenta possíveis caminhos de se trabalhar a História e a Geografia de maneira interdisciplinar na educação básica. O mesmo é destinado a professores de tais disciplinas, que buscam alternativas para um ensino interdisciplinar. Considero importante ressaltar que não se pretende com esse produto criar uma espécie de “bula” ou “passo a passo” a serem seguidos fielmente para se trabalhar interdisciplinarmente nas aulas de história ou geografia, o que se propõe é apresentar uma contribuição de cunho interdisciplinar pensando o patrimônio natural com foco nos Geossítios Colina do Horto e Batateiras. Logo, tais contribuições podem ser seguidas, repensadas, melhoradas, feita a releitura que for necessária para cada espaço e sujeitos que desejam trilhar essa caminhada.

# CAPÍTULO 1

## HISTÓRIA E GEOGRAFIA: UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR MEDIADO PELO TEMPO, ESPAÇO E OS PATRIMÔNIOS CULTURAL E NATURAL

### 1.1 – Caminhos interdisciplinares entre História e Geografia por meio dos conceitos de Espaço e Tempo

Quero pensar na História como uma onda que se move através desse vasto oceano formado pelos inúmeros campos de saber e pelas múltiplas possibilidades de objetos de estudos. Por vezes, a onda da História encontra outras ondas pelo seu caminho deslizante através das águas do conhecimento humano. E as vezes encontra certas ondas – as mesmas ondas – muitas e muitas vezes na sua eterna aventura errante. (BARROS, 2017, p. 10)

A História e a Geografia, desde suas origens científicas, quando começaram a se consolidar como disciplinas (século XIX), passaram por significativas mudanças e renovação em suas respectivas áreas de conhecimento, com objetivo de ampliar suas áreas de abrangência em seus campos de conhecimentos científicos, analisar e entender melhor seus objetos; em determinados momentos e contextos, atender as demandas políticas, sociais e econômicas que a sociedade as incumbiam para respaldar movimentos nacionalistas e, principalmente, estudar, na busca de uma melhor compreensão, das relações sociais que se estabeleceram e se estabelecem nas sociedades no Espaço ao longo do tempo.

Esse movimento de renovação promovido por essas mudanças e ampliação de seus campos de estudo, os quais ocorreram com mais ênfase a partir do século XX, como por exemplo, na História com a criação da Escola Annales e na Geografia com surgimento da denominada Geografia crítica, guiaram ainda mais as referidas disciplinas para o comprometimento direto e/ou indireto com a formação de um pensamento crítico. Com base nesse pressuposto, o encontro entre essas duas disciplinas é inevitável, visto que a produção e as mudanças do espaço se dão ao longo do tempo e principalmente - na maioria das vezes - por influência direta da ação humana.

Todavia, é importante considerar que não é tão simples e superficial estabelecer relações concretas entre os conceitos de espaço e tempo e tais relações não se deram “de um dia para noite”. Barros (2017), ressalta que para uma observação e uma análise plena da intrínseca relação entre espaço e tempo é

necessário ir além da compreensão do presente em relação às estruturas do tempo que se sedimentam no espaço. Logo, é importante nesse estudo levar em consideração um olhar sistemático apoiado na análise de fontes históricas e outras fontes de estudos que possam contribuir para este trabalho. Ainda de acordo com o autor, “O espaço, a mais magnífica expressão de acumulação de tempo, é entretecido a dois pelas heranças do Passado-Presente e pelas demandas do presente atual propriamente dito [...]” (BARROS, 2017, p. 62).

Pensamos, por exemplo, em uma paisagem. Para realizar o estudo dessa paisagem o professor de história e o professor de geografia precisam percebê-la como elemento que revela a história do lugar e a maneira como os diversos habitantes se relacionaram e se relacionam com a natureza, na qual eles estão inseridos, por meio das marcas deixadas pelo tempo na sua materialização no espaço.

O espaço é um dos principais conceitos da Geografia. É considerado espaço geográfico aquele que foi produzido e transformado pelos seres humanos ao longo da história, sendo assim, o principal “palco” onde se estabelece e se desenvolve as atividades humanas. Para Milton Santos (1978, p. 122):

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida [...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções.

Outra definição importante de espaço é a do geógrafo suíço Claude Raffestin. Segundo ele:

[...] O espaço é, de certa forma, “dado como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. ‘Local’ de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. (RAFFESTIN, 1993, p.144)

Nesse contexto, pode-se perceber a sutil relação do espaço enquanto categoria geográfica com o território. Porém, é importante ressaltar que esses conceitos têm sentidos e significados diferentes que não podem ser confundidos. O que Raffestin propõe a partir dessa conceituação é apontar o fato de que o território

pode ser compreendido também, para além de sua conotação de “poder”, como um produto do espaço.

Santos (1997), pensando a relação do espaço com o tempo em seu livro “Espaço e Sociedade”, considera que seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico; nesse sentido, pode-se considerar que a sociedade evolui no tempo e no espaço. Assim, o espaço seria o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em mudança permanente. Por fim, somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se pode interpretar as diversas modalidades de organização espacial.

Desse modo, ampliar a compreensão da História como “o estudo do Homem no Tempo e no Espaço” é fundamental para se entender a base da relação interdisciplinar entre a História e a Geografia. Segundo Barros (2010), uma das primeiras escolas geográficas a ter chamado atenção dos historiadores, e com mais ênfase particularmente os historiadores e historiografia da Escola dos Annales, foi a escola geográfica de Vidal de La Blache (Possibilismo). Tal fato decorreu quando os historiadores perceberam a necessidade de colocar em um mesmo nível as noções de tempo e espaço; logo começaram a dialogar com conceitos mais tradicionais da Geografia (espaço, paisagem, território). É importante considerar ainda que La Blache já atuava interdisciplinarmente com historiadores, desde a publicação dos seus célebres *Tableau de la géographie de la France* (1903).

[...] Vidal de la Blache pode ser perfeitamente categorizado como um geógrafo-historiador ou como um historiador-geógrafo, possuindo em seu acorde identitário estas duas notas em perfeita harmonia – a Geografia e a História – o que fez dele uma espécie de *locus* para circularidade interdisciplinar [...] O encontro entre Geografia e História dá-se ainda através de um dos principais recursos teórico-metodológicos proposto por Vidal de la Blache: o “tempo geográfico”<sup>1</sup>. (BARROS 2017, p. 129/130)

O Possibilíssimo geográfico proposto por La Blache, cunhou-se em oposição ao determinismo geográfico proposto pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel. De maneira geral, o Determinismo consiste na ideia de entender que a natureza

---

<sup>1</sup> De acordo com Barros (2017), pode-se associar denominado “tempo geográfico” através de uma comparação com a concepção de “tempo histórico” em vigor no contexto histórico que La Blache vive, e ainda que o geógrafo sustentava a ideia de que o “tempo geográfico” poderia ser observado pontualmente nas paisagens, uma vez que ele nelas se materializava por meio de uma dupla ação da natureza e da História.

determina os processos sociais humanos, expressões como “as condições naturais determinam a história” e “o homem é um produto do meio” representam o caráter dessa escola. Já o Possibilismo labachiano trabalha com ideia de ver a natureza como possibilidade para ação humana, apontando para o fato de que entre o homem e a natureza existem influências mútuas. Vidal de La Blache com seu possibilismo geográfico criticou a dimensão política dos estudos de Ratzel, teceu críticas ao caráter naturalista, bem como atacou a concepção fatalista e mecanicista da relação entre a natureza e os seres humanos. Cabe mencionar ainda nessa discussão, a título de informação, que de acordo com Barros (2010, p. 74), “esta relação íntima entre a sociedade e o meio geográfico (no sentido lablachiano) estaria precisamente na base da formação de uma nova modalidade historiográfica: a Geo-História”.

No tocante à nova modalidade da historiografia, a Geo-História, é importante destacar um célebre trabalho que é considerado um dos principais estudos nesse novo campo da historiografia: “O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo no tempo de Felipe II”<sup>2</sup> (1946), do historiador francês Fernand Braudel. Nesse livro, o autor propõe analisar o tempo a partir de três temporalidades distintas (a longa, a média e curta duração) cada uma com seu próprio ritmo.

Nesse sentido, podemos perceber nitidamente que os estudos cunhados por Vidal de la Blache são de grande contribuição para compreensão e aproximação entre a Geografia e a História, porém, é importante ressaltar que ele sempre teve o minucioso cuidado de apontar que cada uma tem seu método e objeto de estudo distinto e que ambas não podem ser confundidas. De acordo com Lira (2019), La Bache em seu artigo intitulado “*Sur l'esprit géographique*” (1914), buscou apontar as distinções entre as disciplinas em questão, visto que havia uma preocupação pedagógica na época que chamava sua atenção relacionada à questão de que a maioria dos professores de geografia dos colégios franceses em fins do século XIX era ou historiador ou amante da natureza, porém, e principalmente essa preocupação não significou um distanciamento da história, apenas uma medida preventiva, pois

---

<sup>2</sup> Segundo Barros (2017), Braudel aproxima nessa obra a historiografia da geografia lablacheana, em que meio e espaço compõe noções equivalentes ; e traz, em seu primeiro volume, onde se propõe um estudo da longa duração no qual os processos de transformação ocorrem lentamente, um paradigma, que seria “a ideia de estabelecer como ponto de partida da análise historiográfica o espaço geográfico” (p.138), conotando a Braudel o *status* de principal historiador que estabeleceu bases para se pensar em uma interdisciplinaridade entre História e Geografia.

como afirma ele, (La Blache *apud* Lira, 2019, p. 02), “O relógio do geógrafo não é exatamente o mesmo que o do historiador.”( VIDAL DE LA BLACHE, 1914, p. 557).

Agora, considero válido “abrir um parêntese” para mencionar que aqui no Brasil podemos analisar a intrínseca relação entre a História e a Geografia a partir da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado no ano de 1838, o qual foi inspirado no *Institut Historique* de Paris na França. O IHGB tinha por objetivo central, criar uma História do Brasil destacando seus grandes personagens e heróis, trazendo “à luz o verdadeiro caráter da Nação brasileira”. De acordo com Circe Bittencourt *apud* Mathias (2011, p. 42),

[...] o IHGB reuniu para si a tarefa de escrever a história oficial do Brasil, aquela responsável por forjar a identidade da nação. Segundo Bittencourt, nesse momento se estabeleceu uma sintonia de interesses entre a história acadêmica e a história escolar.

É importante considerar, que apesar de se estabelecer relações nessa situação entre a história e a geografia os objetivos que se buscam neste trabalho são opostos ao que propôs o IHGB naquele período.

Outro contexto emblemático de aproximação entre as disciplinas de história e geografia no Brasil foi na década de 1970, com a criação do Parecer 853/71, o qual estabeleceu que a disciplina escolar História passava a ser integrada a uma área de ensino, junto com a disciplina Geografia, denominada Estudos Sociais. Esse parecer surgiu a partir da sanção da Lei nº 5.692/71 de 11 de agosto de 1971, vigorada em contexto sombrio da história do Brasil, período em que o país se encontrava sob vigor da ditadura civil-militar. Esta Lei estabeleceu as diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus, e apresentou as novas propostas para esses níveis de educação.

No que tange ao Parecer 853/71, de acordo com o Conselho Federal de Educação, de autoria do Conselheiro Valnir Chagas, o sentido dado ao termo “matéria” estava diretamente relacionado ao recorte que incluía algumas disciplinas que deveriam constar no currículo e separava essa versão do currículo pleno, este sim ampliado pela parte diversificada.

Entre outros artigos o Parecer 853/71, determinava que:

Art.1º. O núcleo-comum a ser incluído, obrigatoriamente, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus abrangerá as seguintes matérias:

- a) Comunicação e Expressão
- b) Estudos Sociais
- c) Ciências

§ 1º Para efeito da obrigatoriedade atribuída ao núcleo-comum, incluem-se como conteúdos específicos das matérias fixadas: em Comunicação e Expressão – a Língua Portuguesa; nos Estudos Sociais – a Geografia, a História e a Organização Social e Política do Brasil; nas Ciências – a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas.

Art.2º. As matérias fixadas, diretamente e por seus conteúdos obrigatórios, deverão conjugar-se entre si e com outras que se lhes acrescentem para assegurar a unidade do currículo em todas as fases do seu desenvolvimento.

Art 4º. As matérias fixadas nesta Resolução serão escalonadas, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus, da maior para a menor amplitude do campo abrangido, constituindo atividades, áreas de estudo e disciplinas.

No caso da “matéria” Estudos Sociais criada pelo Parecer em questão, como visto, a História e a Geografia foram fundidas, o que implicava redução de carga horária dessas disciplinas e, conseqüentemente, estabelece uma superfluidade em seus conteúdos, tendo em vista que tal matéria propunha uma valorização de estudos ligados ao patriotismo e à legitimação dos denominados “heróis nacionais”. Schmidt (2011), citando Urban (2011), destaca que a autora considera que um dos objetivos da adoção de Estudos Sociais é que tal disciplina deveria desenvolver nos estudantes noções de espaço e tempo a partir dos estudos da história local, para ir se ampliando até chegar aos estudos nacionais e assim por diante; principalmente, ainda eram reforçadas pelo ensino de Estudos Sociais noções como: patriotismo e a valorização dos heróis nacionais dentro de um contexto que tentava legitimar pelo controle do ensino; a política classista de dominação e a alienação por parte do Estado.

Desse modo, a sanção da Lei 5.692/71 na década de 1970, como visto impôs significativas mudanças para o contexto educacional brasileiro e fixou as bases das diretrizes para o ensino do primeiro e segundo graus, além de mudar a concepção de ensino nas escolas, pois os artigos e decretos criados e vigorados por essa Lei interferiram decisivamente na reformulação dos currículos e influenciariam de forma direta e indireta no que seria ensinado nas disciplinas do primeiro e segundo graus; a exemplo, pode-se citar o Parecer 853/71.

O Parecer 853/71, entre outras abordagens, trouxe a obrigatoriedade do ensino de Estudos Sociais que se estabeleceu até o fim do período da ditadura militar. Esse período foi marcado por perseguições e censuras, pois a imposição dos Estudos Sociais foi seguida de intensos movimentos de resistência, principalmente por parte dos professores e historiadores que reivindicavam a volta do ensino de História nas escolas do país.

Enfim, é importante considerar aqui ainda que o Parecer 853/71, impôs a obrigatoriedade do ensino de Estudos Sociais, porém, sua criação e proposta de ser

uma disciplina no currículo da educação do Brasil estendeu-se até a década de 1990 e não resultou exclusivamente da influência dos governos militares. Mas, o que não se pode deixar de destacar, é que, sem dúvida nenhuma, é que aquele contexto de ditadura civil-militar foi um terreno fértil para sua imposição no currículo da educação brasileira, suprimindo a História e a Geografia, disciplinas fundamentais na educação, que têm em suas essências o importante papel de contribuir para despertar a consciência crítica dos educandos.

Pensar o conceito de tempo é outra parte fundamental desta pesquisa, apoiando-se na premissa de enxergá-lo como um elemento fundamental para produção do conhecimento histórico. Para isso, trabalharemos com a proposta conceitual do historiador alemão Reinhart Koselleck que se encontra em sua obra “Estratos do tempo: Estudos sobre história” (2014). Segundo esse autor,

A história sempre tem a ver com o tempo, com tempos que permanecem vinculados a uma condição espacial, não só metaforicamente. [...] Estratos do tempo também remetem a diversos planos, com durações diferentes e origens distintas, mas que apesar disso, estão presentes e atuam simultaneamente. (KOSELLECK, 2014 p. 09)

Com base nesse contexto, Koselleck, ao problematizar o tempo, considera sua importância para os eventos que constroem as narrativas da historiografia por meio das experiências temporais da humanidade. O autor compreende/analisa o tempo a partir de estratos temporais e o associa a uma metáfora geológica que remete aos processos de formação das estruturas geológicas (agrupamentos de rochas com características semelhantes, que podem ser apreendidas, do ponto de vista humano, como partes permanentes e singulares da história geológica) que se relaciona a tempos e profundidades distintos, e concomitante com velocidades de formação diferentes, permitindo assim, analisar as temporalidades e as experiências das sociedades, baseando-se nessa estrutura temporal. Dessa forma, uma mesma experiência pode ser formada e conseqüentemente ser formadora de diferentes estratos do tempo.

A esse respeito, o historiador salienta que se coloca no campo das metáforas, e que a “expressão estratos do tempo” remete a formações geológicas que dizem respeito a tempos e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciaram umas das outras em velocidades distintas no transcurso da chamada história geológica, no entanto, é uma metáfora que só pôde ser usada a partir do

século XVIII, depois que a antiga ciência natural, a *historia naturalis*, foi temporalizada e, com isso, historicizada (KOSELLECK, 2014).

## 1.2 – Abordagens conceituais sobre Interdisciplinaridade

O fenômeno da interdisciplinaridade como instrumento de resgate do ser humano com a síntese projeta-se no mundo todo. Mais importante que conceituar é refletir a respeito de atitudes que se constituem como interdisciplinares. A dificuldade na sua conceituação surge porque ela está pontuada de atitudes, e não simplesmente em um fazer. Entretanto, precisa ser bem compreendida para que não ocorram desvios na sua prática, o que me levou a refletir sobre as reivindicações que a geraram e sobre suas origens. Isto é um exercício fascinante, já que ela pavimentou o caminho para outra nova ordem de se pensar o ser humano, o mundo e as coisas do mundo; velhos caminhos há muito esquecidos foram reabertos e, além disso, permitiu rever conceitos e certezas cristalizados na mente humana e viajar no tempo. (TRINDADE in FAZENDA, 2008, p. 66)

Pensar acerca das definições propostas para o termo “Interdisciplinaridade” é uma das bases teóricas para fundamentar a importância desta pesquisa. Portanto, este tópico contextualizará importantes conceituações sobre o tema, com a finalidade de melhor estabelecer compreensões sobre a proposta do trabalho.

De acordo com Barros (2010), as fortes relações interdisciplinares da História com a Geografia já perfazem mais de um século, atentando para o fato de se ter o “homem” e as sociedades humanas como objeto de estudo em comum ;assim, pode-se dizer que o Espaço é o grande mediador das relações entre essas duas disciplinas.

Nesse contexto, considera-se importante, antes de seguir qualquer outro caminho discursivo, fazer uma análise preliminar sobre o que é interdisciplinaridade, com a finalidade de melhor entender essa relação.

A interdisciplinaridade tem sido objeto de muita discussão entre professores e pesquisadores. Embora ninguém negue sua importância na constituição de um conhecimento escolar não fragmentado que possibilite ao aluno uma compreensão do mundo em sua complexidade e suas articulações inerentes entre a vida social e a natureza física, biológica, química, etc., o desafio é a sua concretização (BITTENCOURT, 2008, p. 255).

Refletir sobre um ensino interdisciplinar é a proposta-chave deste estudo, pois, como visto, esse tema tem sido o amplamente discutido nos últimos anos, acerca do campo de ensino na produção científica e escolar, tendo em vista a busca de novas metodologias em detrimento das metodologias tradicionais, as quais o ensino

de História foi e ainda é associado de maneira equivocada, principalmente na educação básica.

De acordo com Yared (2008, p. 161), “como a própria palavra indica, não é um conceito fechado em si mesmo, pois desta forma já não seria inter= movimento”. Seguindo a linha de raciocínio desta autora, a origem científica do termo interdisciplinaridade teria como significação básica, a relação entre disciplinas, por ser mais usual quando pensamos sobre essa temática, atentando para fato de que alguns autores distinguem de outros similares como, por exemplo, pluridisciplinaridade e a transdisciplinaridade, termos que também conotam relações disciplinares em vários níveis, como nível de cooperação e coordenação crescente no sistema de ensino-aprendizagem. Por fim, a autora conclui, sem entrelinhas que:

[...] para mim interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torna vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e voo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. Creio que a interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade. (YARED, 2008, p. 161)

Para Fazenda (2008, p. 119), “interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano”. A autora (2008) ainda destaca, apoiando-se em Morin (2001, p. 115), que segundo ele:

A interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica.

Perez (2018), procurando definir interdisciplinaridade, apoia-se nos estudos de Gusdorf (1995) e de Japiassu (1976). Em linhas gerais, o primeiro destaca que a interdisciplinaridade é a busca pela totalidade do conhecimento em oposição ao saber fragmentado; assim, o campo da interdisciplinaridade é onde se discute uma nova forma de conhecimento e prática, em que não há mais fragmentação. A base

para essa construção é o diálogo entre as disciplinas. Já o segundo, entende a interdisciplinaridade como um processo em que há interatividade mútua, em que todas as disciplinas que participam do processo devem influenciar e ser influenciadas umas pelas outras. Por meio desse processo, seria possível restabelecer a unidade do conhecimento, religando as fronteiras (PEREZ, 2018, p. 457).

Hernández (1998), refletindo sobre a prática interdisciplinar e sua relação com a globalização, de maneira geral, conotou novos sentidos de forma direta e/ou indireta a educação, todavia atentando para o fato de que uma não é sinônimo da outra e não podem ser confundidas.<sup>3</sup>

Jose D' Assunção Barros (2017), em sua obra “História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares”, poeticamente ressalta que a interdisciplinaridade não envolve exatamente um campo de saber parado, na verdade, os diálogos e os movimentos interdisciplinares devem ser entendidos como dois campos de saberes em movimento, um atuando sobre o outro. Os encontros interdisciplinares são como águas de dois rios que se encontram; por vezes, como se ensaiassem um abraço amoroso; por vezes, defrontando-se com certa violência, como se uma corrente desejasse submeter a outra, absorvê-la dentro de si mesma para depois seguir adiante, fortalecida. Ou simplesmente, um diálogo interdisciplinar pode ser comparado a duas ondas que se abraçam no meio do oceano, o que só poderia se dar se as ondas tivessem movimentos próprios para além daqueles que lhes são ditados pelo próprio mar (BARROS, 2017, p. 09).

Yves Lenoir (in Fazenda, 2008), em seu trabalho intitulado: “Didática e Interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável”, apresenta importantes definições sobre a compressão clara e objetiva do tema, diferenciando Interdisciplinaridade científica de Interdisciplinaridade escolar, pois segundo o autor (2008, p. 51.), “como não se deve confundir disciplina científica e disciplina escolar, a

---

<sup>3</sup> Para estabelecer melhor essa relação, o autor chega à conclusão que a noção e a prática de globalização podem se situar pelo menos em três eixos: a) Como forma de sabedoria, como um sentido do conhecimento que se baseia na busca de relações que ajude a compreender o mundo no qual vivemos a partir de uma dimensão de complexidade; b) Como referência epistemológica que restabelece 'o pensamento atual como problema antropológico e histórico- chave, o que leva a abordar e pesquisar problemas que vão além da compartimentação disciplinar; c) Como concepção do currículo que adota formas tão díspares como a que coloca globalização na sequência de programação, desde a qual podem relacionar conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, como propõem as atuais reformas de países como o Brasil e a Espanha (HERNÁNDEZ, 1998, p.34).

interdisciplinaridade escolar deve ser nitidamente diferenciada da interdisciplinaridade científica”.

Seguindo essa linha de raciocínio, o autor apresenta uma série de exemplos configurados em tabelas e imagens que serão apresentados na sequência, pois, em muitos pontos, as ideias propostas por Lenoir em seu trabalho entram em concordância direta e indireta com o que se pretende objetivar com este estudo, principalmente no que se refere à interdisciplinaridade escolar.

No tocante às diferenças entre “Interdisciplinaridade científica” e “Interdisciplinaridade escolar”, o autor apresenta a seguinte proposta:

**Figura 01: Maiores distinções entre interdisciplinaridade Científica e interdisciplinaridade escolar**

Interdisciplinaridade científica	Interdisciplinaridade escolar
<b>FINALIDADE</b>	
<p>Tem por finalidade a produção de novos conhecimentos e a resposta às necessidades sociais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• pelo estabelecimento de ligações entre as ramificações da ciência;</li> <li>• pela hierarquização (organização das disciplinas científicas);</li> <li>• pela estrutura epistemológica;</li> <li>• pela compreensão de diferentes perspectivas disciplinares, restabelecendo as conexões sobre o plano comunicacional entre os discursos disciplinares. (Schülert e Frank 1994)</li> </ul>	<p>Tem por finalidade a difusão do conhecimento (favorecer a integração de aprendizagens e conhecimentos) e a formação de atores sociais:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• colocando-se em prática as condições mais apropriadas para suscitar e sustentar o desenvolvimento dos processos integradores e a apropriação dos conhecimentos como produtos cognitivos com os alunos; isso requer uma organização dos conhecimentos escolares sobre os planos curriculares, didáticos e pedagógicos;</li> <li>• pelo estabelecimento de ligações entre teoria e prática;</li> <li>• pelo estabelecimento de ligações entre os distintos trabalhos de um segmento real de estudo.</li> </ul>
<b>OBJETIVOS</b>	
Tem por objeto as disciplinas científicas.	Tem por objeto as disciplinas escolares
<b>MODALIDADE DE APLICAÇÃO</b>	
<p>Implica a noção de pesquisa: Tem o conhecimento como sistema de referência.</p>	<p>Implica a noção de ensino, de formação: Tem como sistema de referência o sujeito aprendiz e sua relação com o conhecimento</p>
<b>SISTEMA REFERENCIAL</b>	
<p>Retorno à disciplina na qualidade de ciência (saber sábio).</p>	<p>Retorno à disciplina como matéria escolar (escolar), para um sistema Referencial que se restringe às ciências.</p>
<b>CONSEQUÊNCIAS</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conduz: à produção de novas disciplinas segundo diversos processos; às realizações técnico-científicas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conduz ao estabelecimento de ligações de complementaridade entre as matérias escolares.</li> </ul>

Como já dito, a proposta que se busca aqui é lançar e/ou ampliar bases para se pensar em uma interdisciplinaridade prática entre as disciplinas de História e Geografia em sala de aula, e para isso tomaremos como base a linha de raciocínio definida no quadro acima por Lenoir, principalmente no que se refere à “interdisciplinaridade escolar”.

O autor ainda sugere outras formas de se pensar na importância da interdisciplinaridade e suas múltiplas relações com o ensino. Veja a seguir:

**Figura 02: Três concepções epistemológicas da função da interdisciplinaridade**

Opções epistemológicas	Características
Abordagem relacionai	Estabelecer ligações (complementaridade, convergências, interconexões etc.) e "passarelas" ( <i>bridge-building</i> )
Abordagem ampliativa	Preencher o vazio observado entre duas ciências existentes (emergência de novas disciplinas científicas) ( <i>no man's land</i> )
Abordagem radical	Substituir uma outra estruturação que a estruturação disciplinar (cf. a crítica desconstrucionista) (tábula rasa)

Fonte: Lenoir in Fazenda, 2008, p. 51.

Nessa abordagem (figura 02), Lenoir aponta três ramos epistemológicos da função da interdisciplinaridade, 1 – relacionai; 2 – ampliativa; e 3 – radical; cada uma com suas respectivas características e objetivos diferentes, como pode-se observar acima. Levando em consideração tais abordagens, a que mais se relaciona o que se busca nesta pesquisa é a primeira (Abordagem relacionai), segundo a qual, “*estabelece ligações, convergências, complementaridade, interconexões*”, pois é a partir dessas palavras chaves que se propõe aqui estabelecer os caminhos interdisciplinares entre a História e a Geografia.

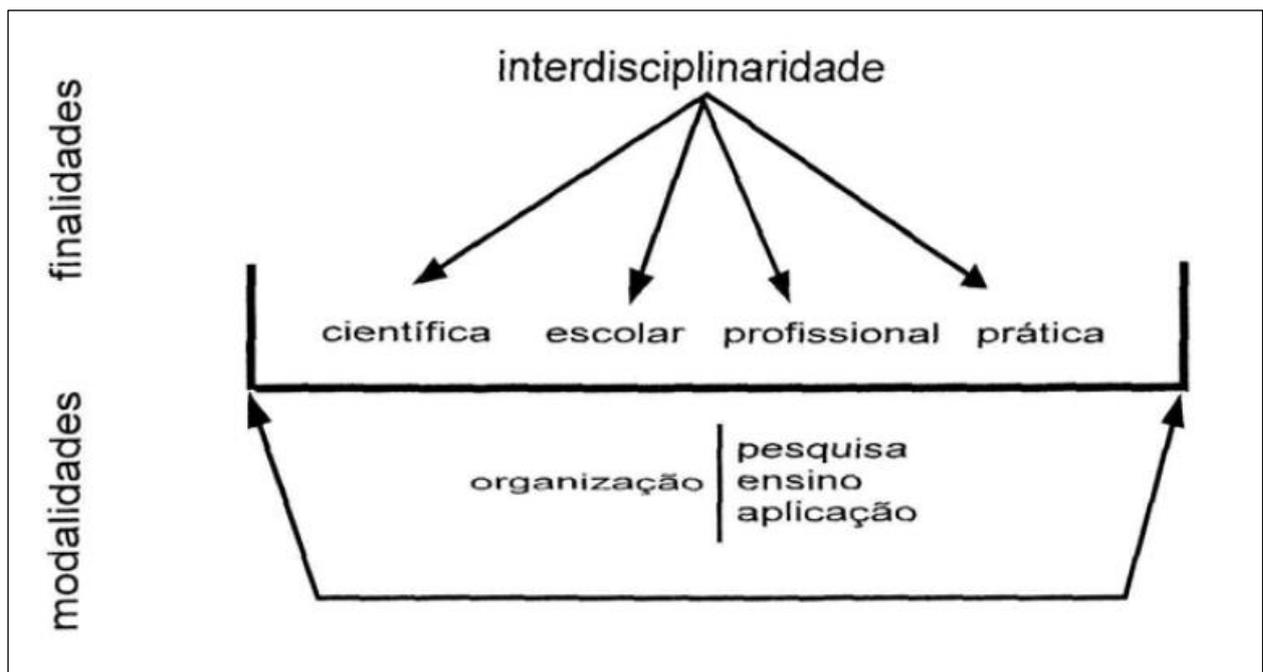
**Figura 03: A dupla visão das finalidades da interdisciplinaridade**

Uma perspectiva de pesquisa de uma síntese conceitual (acadêmica)	Uma perspectiva instrumental
Objetivo: constituir um quadro conceitual global que poderia, numa ótica de integração, unificar todo o saber científico	Objetivo: resolver problemas da existência cotidiana com base em práticas particulares
Busca da unidade do saber Pesquisa de uma superciência Preocupações fundamentalmente de ordem filosófica e epistemológica	Recurso a um saber diretamente útil (funcional) e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos, aos anseios da sociedade

Fonte: Lenoir in Fazenda, 2008, p. 49.

Segundo o autor (2008), essas duas visões apresentadas na figura 03, conotam as principais tensões relacionadas à interdisciplinaridade, desde sua gênese científica, evidenciando que a “*perspectiva de pesquisa de uma síntese conceitual (acadêmica)*” possui um caráter mais etimológico com nítida influência europeia; já a “*perspectiva instrumental*” é mais prática com raízes anglo-saxônica.

**Figura 04: Os campos de operacionalização da interdisciplinaridade e seus ângulos de acesso**



Fonte: Lenoir in Fazenda, 2008, p. 50.

Nessa abordagem (figura 04), Lenoir apresenta além da interdisciplinaridade científica e escolar, exemplos de outros ramos operacionais, intitulados de interdisciplinaridade profissional e interdisciplinaridade prática, que, de acordo com o autor, “qualquer que seja o campo de operacionalização da interdisciplinaridade, ele poderá ser de pesquisa, ensino ou prática[...] No domínio da educação, a interdisciplinaridade escolar pode ser, portanto, objeto de pesquisa, ser ensinada e praticada”. (LENOIR in FAZENDA, 2008, p.50)

Com base nesse contexto teórico apresentado, pode-se perceber nitidamente que ainda não há um consenso sobre a definição precisa do que é a interdisciplinaridade, fato este que não compromete o teor de importância deste trabalho, pois não se pretende aqui travar uma discussão sobre a gênese e definição mais apropriada do termo. O que se propõe é lançar bases para melhor estabelecer a compreensão das relações interdisciplinares entre História e Geografia, e, como já mencionado, o espaço é nosso principal aliado nessa caminhada.

Todavia, a linha de raciocínio para pensar a interdisciplinaridade entre História e Geografia nesta pesquisa se aproxima também da ideia proposta por Ivani Fazenda (2008, p. 119), de entendê-la como “uma nova atitude diante conhecimento”, bem como o que propõe o pesquisador Yves Lenoir, “Abordagem relacionai” (2008, p. 51).

### **1.3 – Patrimônios Cultural e Natural: possibilidades interdisciplinares para o ensino de História**

É preciso considerar o Patrimônio Cultural como tema transversal, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, ato essencial ao processo educativo para potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos. Embora tenha ficado patente que o processo educacional é mais amplo que a escolarização – inserindo-se em contextos culturais nos quais a instituição escolar não é o único agente educativo – [...] (FLORÊNCIO, 2012, 27)

No que tange ao termo patrimônio, considero importante, antes de qualquer outro caminho, entender a gênese dessa palavra. Para Funari e Pelegrini (2009, p. 10), “patrimônio é uma palavra de origem Latina, *patrimoniun*, que se refere a entre outros antigos romanos a tudo, o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*, pai de família”. Já para Choay, “[...] patrimônio é uma palavra de origem antiga ligada às estruturas familiares econômicas e judaicas de uma sociedade estável e hierarquizada no espaço e no tempo”.(2006, p. 11).

Em ambas definições a palavra patrimônio aparece como uma conotação de poder econômico ligado a legados familiares, passado de geração para geração. De acordo com Funari e Pelegrini (2009, p. 11):

O conceito de patrimônio, surgido no âmbito privado o direito de propriedade estava intimamente ligado aos pontos de vista e interesses aristocratas. Entre os romanos, a maioria da população, não era proprietária, não possuía escravos logo não era possuidor do *patrimonium*. o patrimônio era um valor aristocrata e privado, referente a transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana. Não havia o conceito de patrimônio público. Ao contrário, o estado era apropriado pelos pais de famílias. O patrimônio era patriarcal individual privativo e aristocrata.

Ao longo do tempo, o conceito de patrimônio passou por significativas mudanças. Nos dias de hoje, o termo recebe diferentes denominações, tais como histórico, cultural, ambiental ou natural. No ano de 1985, na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais que ocorreu no México, um documento foi criado. Segundo ele,

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas. (DECLARAÇÃO DO MÉXICO, 1985, não paginado)

Esse documento lançou as bases para a compreensão de patrimônio cultural que temos hoje, pondo em visibilidade a importância de defendê-lo e preservá-lo como um bem da humanidade. Lemos (2013), apoiado Hurgues de Varine-Borham, destaca que o patrimônio cultural pode ser dividido em três categorias: a primeira seria constituída pelos elementos da natureza, “nessa categoria, estão por exemplo, os rios, as águas desse rio, os seus peixes, as carnes dos seus peixes, suas cachoeiras [...]” (Lemos, 2013, p. 08). A segunda, de acordo com o autor, “refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ou saber fazer. São os elementos não tangíveis do patrimônio cultural” (Lemos, 2013, p. 09). A terceira categoria, “[...] reúne os chamados bens culturais que englobam todas as sortes das coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer” (Lemos, 2013, p. 10).

Tendo em vista essa importância e o que propõe, a UNESCO apud IPHAN (2022), na busca por promover a identificação, a proteção e a preservação do patrimônio cultural e natural no mundo, considerado valiosos para humanidade, o

patrimônio cultural apresenta-se como um instrumento de fundamental importância para resguardar a identidade, a memória e as manifestações culturais dos povos. Compreende-se por Patrimônio Cultural Mundial os patrimônios compostos por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham um excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico; e por Patrimônio Natural Mundial, as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico, de conservação excepcional e de valorização humana (UNESCO apud IPHAN, 2022).

Em relação à definição de Patrimônio Material e Imaterial, pode-se caracterizar como Patrimônio material ou tangível, os bens móveis e imóveis, obra de arte, as bibliotecas, os documentos políticos, os conjuntos urbanísticos, os monumentos naturais, as jazidas arqueológicas, as paisagens e locais cuja preservação seja de interesses públicos, quer sua vinculação a fatos históricos memoráveis, quer por seu excepcional valor artístico, etnográfico, turístico ou folclórico. A UNESCO apud IPHAN (2022, não paginado), conceitua Patrimônio imaterial como sendo “as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem-no como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

Nesse sentido, o patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, guarda consigo o importante dever de preservar os legados de natureza material e imaterial da história da sociedade ou de um determinado povo, bem como da natureza que, infelizmente, muitas vezes é ameaçada pela própria sociedade. Entender sua singularidade se traduz em significados que agrega ao indivíduo sentido de pertencimento e protagonismo da sua própria história, passando assim a valorizar, de maneira efetiva, sua identidade e seu povo.

Outro ponto que merece importante destaque, quando se pensa a respeito de patrimônio para além de sua origem, está relacionado à questão da adoção de políticas de preservação dos bens que compõem o patrimônio cultural. De acordo com Silva Junior (2016, p. 19):

[...] a preocupação com a definição de políticas para salvaguarda dos bens que conformam o patrimônio cultural, conforme Zanirato e Ribeiro (2006, p. 252), remonta o final do século XVIII, mas particularmente a Revolução

Francesa, quando se desenvolveu uma outra sensibilidade em relação aos monumentos destinados a invocar a memória e impedir o esquecimento dos feitos do passado. Já Choay (2001, p. 172), ressalta que até a década de 1960 o trabalho de conservação dos monumentos históricos visava essencialmente aos grandes edifícios religiosos e civis. [...] Foram os enciclopedistas preocupados com a proteção do patrimônio histórico e artístico da França, durante o período da Revolução Francesa, que idealizaram políticas de proteção ao patrimônio do país, extremamente ameaçados por grupos que destruíam os símbolos eclesiásticos e aristocráticos.

No caso do Brasil<sup>4</sup>, as primeiras políticas lançadas voltadas para as questões do patrimônio cultural tiveram início na Era Vargas, que ainda, de acordo com Silva Junior (2016), sob forte influência da “Carta de Atenas de 1931”<sup>5</sup>, ressalva o Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o qual particularmente foi a primeira legislação patrimonial, que instituiu o Tombamento, organizou a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional e estabeleceu quais bens deveriam constituir o patrimônio nacional.

Outro prisma importante nesse estudo é compreender a definição de Educação Patrimonial. O IPHAN considera sobre o tema que:

Atualmente, a CEDUC<sup>6</sup> defende que a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. Sua formulação decorre de um longo processo de debates institucionais, aprofundamentos teóricos e avaliações das práticas educativas voltadas à preservação do Patrimônio Cultural e, ao mesmo tempo, ampara-se em uma série de premissas conceituais. (FLORÊNCIO et al., 2012, p. 19)

---

<sup>4</sup> De acordo com a Unesco Brasil, atualmente o trabalho do Patrimônio Mundial no Brasil tem significado importante nas colaborações com os governos em âmbito federal, estadual e municipal, e também com a sociedade civil. Atualmente, o país conta com 22 bens inscritos na lista do Patrimônio Mundial pelo seu valor excepcional e universal para a cultura da humanidade. Dos 22 sítios do Patrimônio Mundial no Brasil, 14 são culturais, um misto (Paraty) e sete naturais. Disponível em : <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil>

<sup>5</sup> A Carta de Atenas de 1931 (a do “restauro”) marcou o começo das formulações intergovernamentais, em nível internacional, de diretrizes voltadas para a “proteção e conservação” do patrimônio cultural. Foi fruto de uma reunião científica organizada pelo Escritório Internacional de Museus da Sociedade das Nações (estrutura do Comitê Internacional de Cooperação Intelectual), sendo aprovada também na instância da Assembleia da Sociedade das Nações. (Revista Vitruvius, 2015) Link de acesso a Carta de Atenas de 1931 > <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

<sup>6</sup> Coordenação de Educação Patrimonial – CEDUC/IPHAN

Nesse sentido, entender a Educação Patrimonial como um processo formativo que tem como base fundadora o Patrimônio Cultural é a chave para compreender sua proposta educacional, considerando o diálogo com os agentes culturais e sociais como referências para construção coletiva de seus conhecimentos, e assim, colaborando para sua valorização, preservação e reconhecimento como componente relevante na esfera educacional.

No Brasil, a educação patrimonial surge efetivamente como expressão apenas no final da década de 1980 (Demarchi, 2016). Átila Tolentino, em seu artigo intitulado “O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática”, contextualizando sobre o surgimento da temática em questão no Brasil, aponta que:

A educação patrimonial surge muito antes da própria existência do termo. Chagas (2013) alerta a tentativa de se estabelecer um marco zero para a educação patrimonial, sendo 1983 o ano e Petrópolis, no Rio de Janeiro, o local. Na verdade, quando faz isso, está se referindo à realização do 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, promovido pelo Museu Imperial, a partir do qual se introduziu a expressão educação patrimonial no Brasil, inspirada numa metodologia britânica de *heritage education*. O autor esclarece que a relação entre educação e patrimônio está presente nos museus desde longa data, vindo desde práticas museológicas do século XIX e do serviço educativo do Museu Nacional, instituído formalmente em 1926, por exemplo. (TOLENTINO, 2016, p. 41)

Nesse sentido, a prática de educação patrimonial no Brasil, em tese, antecede a gênese da criação do seu termo e esteve intrinsecamente relacionada às práticas museológicas. É importante destacar também, que essa prática apresenta-se como uma ferramenta valiosa para o ensino, em particular para o ensino de História em todos os níveis educacionais, demonstrando assim, que ele não se limita apenas às atividades museológicas. Pois assim como Demarchi (2016, p. 51), entendemos que: “o patrimônio é um grande trunfo para as práticas educativas, é possível a partir dele pensarmos nós mesmos, nossa condição histórica, entendermos a alteridade cultural e, ato contínuo, compreendermos o outro [...]”.

### **1.3.1 – Perspectivas sobre Patrimônio Natural e a História Ambiental**

Foi a partir da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) que, ineditamente, se definiu patrimônio natural, como:

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural (UNESCO, 1972, p. 02).

Tendo por base esse documento do início da década de 1970, pode-se dizer que o entendimento e o estudo relacionado ao patrimônio natural é historicamente recente, podendo estar associado ao efetivo surgimento dos movimentos ambientalistas no final da década de 1960 e início da década de 1970. A partir dele, viu-se a importância de olhar para o meio natural no sentido de conservar e valorizar a excepcional beleza estética e valor científico da paisagem natural como bem universal único que merece ser preservado.

Em relação à questão do patrimônio natural no Brasil, Pereira (2018, p. 41/42), destaca que,

A confusão acerca das competências quanto ao patrimônio natural no Brasil, em grande parte, se deve ao fato de o governo brasileiro ter definido como interlocutor da Unesco para o tema do patrimônio natural no âmbito da Convenção do Patrimônio Mundial o Ministério do Meio Ambiente (MMA), contudo, essa questão precisa ser entendida no âmbito das condições para o reconhecimento dos bens, que demanda uma declaração de integridade. Desse modo, um patrimônio natural guardaria condições de integridade se houvesse a preservação não somente do atributo em si, mas de todas as condições para a sua formação. Por exemplo, no caso de quedas d'água, a integridade do bem pediria a preservação da bacia que a alimenta, exigindo uma escala de atuação territorial mais compatível com a desenvolvida pelo MMA nas unidades de conservação, tendo em vista que a atuação do Iphan por meio do tombamento tem caráter pontual. A partir do exposto é possível afirmar que o patrimônio natural no Brasil tem um duplo caráter: o primeiro ligado à noção de monumento natural e à experiência internacional, entendido como algo que apresenta grandiosidade e beleza proveniente de uma noção de monumentalidade e intocabilidade, cuja preservação obedece a uma visão utilitarista. Já no Brasil, em consonância com o texto constitucional vigente, conforme Scifoni (2006, 2008 e 2012), outro significado surgiu, o do patrimônio natural como parte da vida humana, uma natureza social. Assim, o patrimônio natural passa a ser interpretado como um testemunho dos processos naturais e das relações criadas entre os seus elementos, que, além de fazer parte da memória humana, já que assume um significado e sentido para diferentes grupos sociais, tornando-se uma referência histórica, é introduzido na memória social.

É a partir desse contexto ou como citado pelo autor “duplo caráter” do patrimônio natural no Brasil, como noção de beleza natural excepcional, e principalmente e como referência histórica para diferentes grupos sociais, que

buscaremos estabelecer os caminhos para o desenvolvimento de um ensino interdisciplinar da História com a Geografia com base no patrimônio natural.

Desse modo, a vertente natural/ambiental do patrimônio assume no contexto dessa pesquisa um papel relevante, tendo em vista que a proposta é pensar a importância do Geopark Araripe tendo como objeto/espço desta pesquisa, o Geossítio Colina do Horto e o Geossítio Batateiras, para se desenvolver o ensino de história numa proposta interdisciplinar com a Geografia. E um dos caminhos para se pensar essa proposta está relacionada também a História Ambiental, considerada por alguns estudiosos como um campo da historiografia relativamente novo, porém não menos importante para História.

De acordo com Worster (1991, p.199):

A história Ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da História muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a História Ambiental rejeita a premissa convencional que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “supernatural”, de que as consequências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas. [...] A ideia de uma História Ambiental começou a surgir na década de 1970, à medida que se sucediam conferências sobre crise global e cresciam os movimentos ambientalistas entre as cidades de vários países, [...] ela nasceu numa época de realização e reforma cultural em escala mundial. [...]

Nesse contexto, pode-se dizer que a História Ambiental surge como uma modalidade da historiografia dedicada aos estudos ligados à relação dos seres humanos com meio ambiente e suas mudanças. Ainda dialogando com um dos estudos de Donald Worster sobre História Ambiental, o autor ressalta que a mesma pode ser categorizada em três níveis:

[...] O primeiro trata do entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; incluímos aí tanto os aspectos orgânicos quanto inorgânicos da natureza, inclusive o organismo humano, que tem sido um elo nas cadeias alimentares da natureza [...]. O segundo nível da história ambiental introduz o domínio socioeconômico na medida em que este interage com o ambiente. [...] o terceiro nível de análise para o historiador, vem aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza [...] (WORSTER 1991, p. 201/202).

De acordo com esse pressuposto, a História ambiental apresenta-se como uma ferramenta indispensável para se pensar em um ensino de história

interdisciplinar, pensando o espaço como palco para o desenvolvimento desses três níveis, principalmente o primeiro e o segundo, proposto por Worster.

Assim, a História e a Geografia consideradas disciplinas correlatas, assumem um papel de suma importância nas esferas políticas, culturais, econômicas, sociais, históricas e humanas da sociedade, ambas comprometidas em proporcionar uma compreensão e leitura do mundo de forma crítica e analítica. Partindo desse prisma, o encontro interdisciplinar entre elas, como já visto, é inevitável, pois as dinâmicas humanas que criam e transformam o espaço se dão ao longo do tempo.

Enfim, nessa dança harmônica, o espaço considerado produto da sociedade é o elo primário dessa intrínseca relação interdisciplinar entre as duas disciplinas em questão. Outro protagonista importante nesse processo é o Tempo, que nos estudos historiográficos apresenta-se como um elemento-chave para desenvolvimento dos conhecimentos históricos, bem como o patrimônio natural e, em particular neste estudo, o Geopark Araripe, tendo como protagonistas os Geossítios Colina do Horto e Batateiras, que nesta pesquisa assumem um papel decisivo para articulação de um ensino interdisciplinar entre as disciplinas História e Geografia na educação básica da região do Cariri cearense.

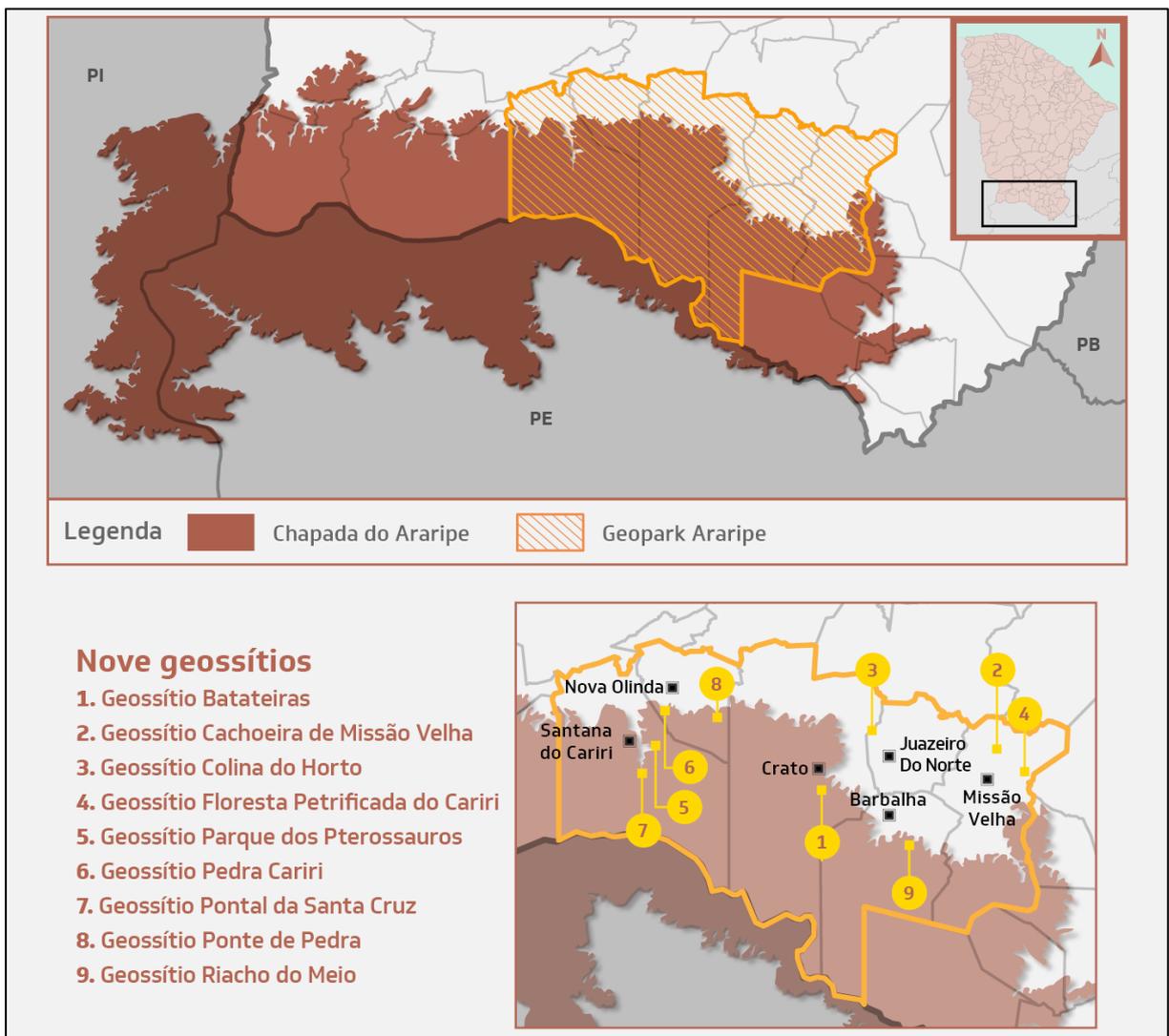
## CAPÍTULO 2

### GEOPARK ARARIPE: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NO CAMPO DA INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA

#### 2.1 – Caracterização geográfica do Geopark Araripe

O Geopark Araripe encontra-se localizado na porção Sul do estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. A sua extensão territorial é cerca de 3.789 km<sup>2</sup>, abrangendo os municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri.

**Figura 05: Localização do Geopark e da Chapada do Araripe**



Fonte: Secretaria de Ciências, Tecnologia e Educação Superior – Governo do Ceará (2021)

O Geopark Araripe conta com nove Geossítios<sup>7</sup> abertos para visitação popular, são eles: Geossítio Batateiras, Geossítio Cachoeira de Missão Velha Batateiras, Geossítio Colina do Horto, Geossítio Floresta Petrificada do Cariri, Geossítio Parque dos Pterossauros, Geossítio Pedra Cariri, Geossítio Pontal de Santa Cruz, Geossítio Ponte de Pedra e Geossítio Riacho do Meio (Figura 05).

É importante destacar que esse território está inserido em uma região caracterizada pelo importante registro geológico do período Cretáceo (Bacia Sedimentar<sup>8</sup> do Araripe) com destaque para seu conteúdo paleontológico e registros entre 150 e 90 milhões de anos, que apresenta um bom estado de preservação, oferecendo assim, notória diversidade paleobiológica. Segundo Boas (2012, p. 36), “a paleobiodiversidade da Bacia do Araripe sugere que havia um ambiente favorável à vida, associado a condições especiais de pós-morte, o que possibilitou a preservação excepcional dos fósseis, constituindo-se um evento geológico singular”.

A Bacia do Araripe é uma unidade geológica que compreende uma área de 12.000km<sup>2</sup> (Neumann, 1999). É considerada a maior bacia sedimentar do interior do Nordeste brasileiro, inserida no sertão, estendendo-se pelo extremo sul do Estado do Ceará, noroeste do Pernambuco e leste do Piauí. Tem como principal destaque, em termos de relevo, a Chapada do Araripe. O registro geológico desta região revela capítulos importantes da evolução da história da Terra. Os depósitos sedimentares da Bacia do Araripe preservam grande diversidade de rochas, como os calcários, argilitos, arenitos e espessos depósitos de gipsita, registro dos ambientes geológicos que existiram nesta região. Além disso, esta Bacia preservou, de forma excepcional, abundantes registros fóssilíferos da vida existente nesta época, como peixes, artrópodos, restos de pterossauros, tartarugas, crocodilomorfos, assim como folhas e outros fragmentos vegetais e troncos fossilizados. A preservação desta vasta riqueza de fósseis da região foi propiciada por condições singulares durante a evolução geológica da Bacia do Araripe. (CEARÁ, 2012, p. 38)

Concordando com Ceará (2012), o maior destaque na paisagem da área do Geopark Araripe é constituído pela exuberante Chapada do Araripe, cobrindo uma superfície com aproximadamente 180 km de comprimento (na direção Leste-Oeste) e largura variável entre 30 e 50 km, abrangendo o extremo sul do Estado do Ceará, noroeste do Estado do Pernambuco e leste do Estado do Piauí. O topo da chapada

---

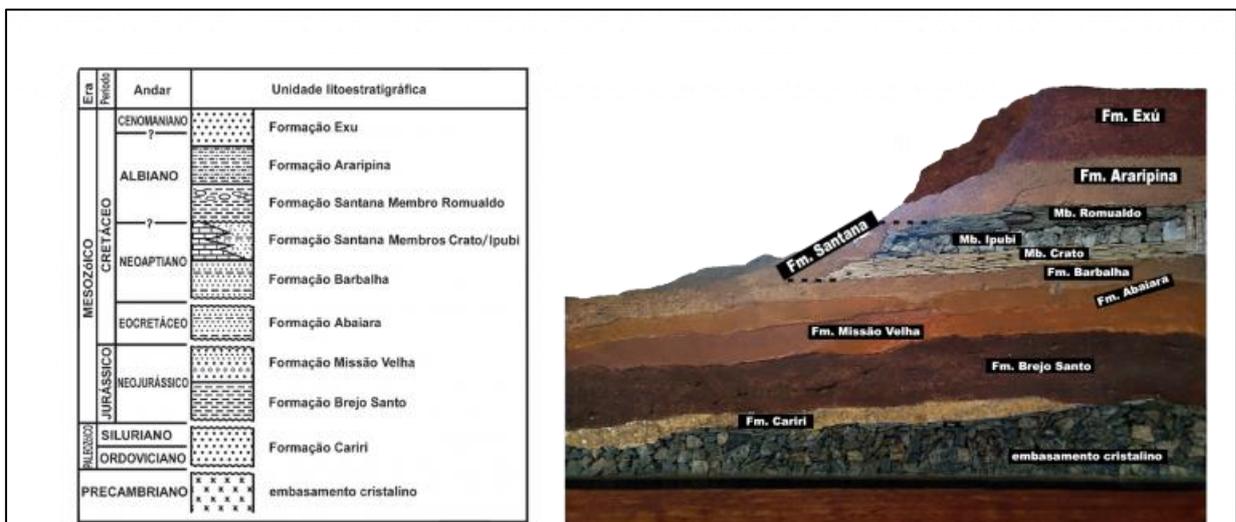
<sup>7</sup> De acordo com o aplicativo GEOSSIT, “Os geossítios representam as ocorrências *in situ* de partes da geodiversidade de alto valor científico que, em conjunto com as correspondentes ocorrências *ex situ* (coleções de museu) constituem o Patrimônio Geológico. Considerando que o patrimônio geológico é somente justificável pelo seu valor científico, a sua relevância somente pode ser nacional ou internacional, uma vez que não existe ‘ciência local’”.

<sup>8</sup> Bacia sedimentar é um tipo de formação geológica rochosa formada nas depressões de relevo (áreas rebaixadas), que, com o tempo, foram acumulando sedimentos. São formadas por várias camadas de sedimentos superpostas que podem ser restos de animais e vegetais, rochas, conchas, ossos, dentre outros.

atinge aproximadamente altitudes de 850 e 1.000 m, e apresenta uma extensa área de relevo aplanada, formando uma superfície similar a uma “mesa” limitada em quase toda sua extensão por escarpas<sup>9</sup> fortemente influenciadas por sua estrutura geológica e pelas várias formações rochosas que preservaram a história da evolução da Terra e da Vida ao longo do tempo (Ceará, 2012).

A bacia sedimentar do Araripe apresenta uma diversidade do ponto de vista geológico, com estratigrafia constituída por várias formações<sup>10</sup> associadas diretamente à sua origem geológica, como pode ser observado na figura 06, abaixo.

**Figura 06: Estratigrafia da Bacia Sedimentar do Araripe**



Fonte: Geopark Araripe, 2022.

De maneira geral, de acordo com Alves *et al.* (2010), a formação Exu é a única formação que é uma camada contínua por toda a extensão da Chapada, a qual é formada por arenitos avermelhados, friáveis e argilosos. A formação Cariri é constituída de arenitos conglomeráticos, em que, além do quartzo e feldspato, notam-se uma sutil presença de moscovita. A formação Missão Velha, na sua parte inferior,

<sup>9</sup> Escarpas são porções de relevo que geralmente, se estende são retilíneas ou sinuosas, por grande extensão na forma de despenhadeiros ou penhascos verticalizados.

<sup>10</sup> De acordo com as informações do site do Geopark Araripe, precisamente não existem classificações corretas, ou erradas. O que existe são modelos propostos e nos cabe adotar o modelo A, B ou C a fim de utilizá-lo para o entendimento dessas formações. De maneira geral, o nome da formação geológica é uma homenagem que o geólogo faz à localidade onde visualizou o afloramento pela primeira vez, ou onde o descreveu, não querendo dizer que ele ocorra apenas naquela localidade, ou cidade, das quais destacam-se: Formação Cariri (reconhecida às vezes por Mauriti) – Formação Brejo Santo – Formação Missão Velha – Formação Abaiara – Formação Barbalha (reconhecida às vezes por Rio da Batateira) – Formação Santana (Membro Crato, Membro Ipupi e Membro Romualdo) – Formação Araripina (reconhecida também como Arajara) e Formação Exu. (Geopark Araripe, 2022)

é constituída de um arenito de cor amarelada e avermelhada, já na parte superior é essencialmente constituída por um arenito fino a médio, quartzoso com boa esfericidade dos grãos, com níveis grosseiros a conglomeráticos. A formação Santana é dividida em camadas carbonatadas e argilosas-siltos e evaporíticas; a camada carbonatada é constituída de calcáreos com intercalações de folhelhos, siltitos, margas e arenitos calcíferos.

Do ponto de vista fitogeográfico, também de acordo com Alves *et al.* (2010), a chapada do Araripe pode ser caracterizada em quatro zonas: o topo da Chapada, a encosta, o pediplano e o sertão.

1ª - O topo da Chapada, dominada pela vegetação de cerradão e solos férteis, apresenta ausência de água e exige cuidados especiais, em decorrência do uso inadequado do solo. 2ª - A encosta, onde está localizada a vegetação de floresta e os mananciais de água (fontes), é um ecossistema frágil e considerado, por lei, "Área de Preservação Permanente", embora venha sendo muito danificada pela ocupação indevida de setores da encosta. 3ª - O pediplano ou brejos tem a sua existência determinada por condições geológicas onde as camadas sedimentares estão inclinadas em uma determinada direção, fazendo com que as águas das chuvas, caindo sobre a superfície, penetrem nos solos e nas rochas permeáveis até aflorar em forma de fonte; é o que acontece no Cariri, ocupa uma extensão de mais de 9.000 km<sup>2</sup>. Desde o período colonial é considerada uma produtora de alimentos para o sertão. Nessa área desenvolveram duas grandes cidades: Crato e Juazeiro do Norte. 4ª - O sertão constitui a área mais seca do nordeste e está bordejando toda a Chapada do Araripe, caracterizado pela escassez de chuva e vegetação da caatinga, apresenta também longos períodos de seca e observa-se que estão avançando sobre a área da encosta. (ALVES, *et al.* 2010, p. 02)

A Chapada do Araripe denota para a região do Cariri cearense aspectos diferentes das demais áreas do sertão que a rodeia, sendo considerada pelo meio científico e popular como "oásis do sertão", relacionada à sua vegetação diferenciada, solos férteis e, principalmente, pela a riqueza hídrica associada à existência de nascentes (fontes d'água) que se apresenta como uma importante fonte para abastecimento público da população do Cariri, com destaque para a cidade de Crato, características fundamentais na época de ocupação desse território.

As nascentes d'água surgem do contato de dois tipos de arenitos, os arenitos permeáveis da Formação Exu, do topo da chapada, e os arenitos impermeáveis da Formação Arajara, como ilustrado no anexo 01.

Essa riqueza de recursos naturais em potencial dos recursos hídricos da região do Cariri cearense foi e ainda é um fator importante para desenvolvimento socioeconômico da região. A história econômica desse trecho do sertão cearense é

marcada por uma sucessão de momentos prósperos e de crise na pecuária e agricultura, onde a economia era baseada, entre outras coisas, na criação de gado, cultivo da cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas.

Cabe salientar ainda, que essa singularidade hídrica, conotou e ainda conota para essa região representações para além das simbologias culturais populares, pois a presença de fontes de água e conseqüentemente a existência de solos férteis criaram um espaço onde os interesses políticos das classes dominantes (coronéis, donos de grandes propriedades rurais) foram fortemente usados como instrumento de poder e dominação política e social na região.

Contextualizando sobre essas questões em um dos seus estudos sobre os processos históricos de construção da região do Cariri cearense, o historiador Darlan de Oliveira Reis Junior, aponta o seguinte fato:

[...] No decorrer dos séculos XVIII e XIX já se difundia a ideia de um espaço único em contraste com o restante do interior cearense e também das províncias vizinhas. A representação de um território como espaço privilegiado no interior do Ceará, devido ao solo fértil e à presença de fontes de água em contraposição à aridez do entorno, foi um importante instrumento político, utilizado pelas classes senhoriais na consolidação de seu domínio sobre o território. O Cariri, assim denominado, passou a ter uma existência histórica, de região vivida e representada. Ou seja, no decorrer da temporalidade, o espaço regional ganhou sentidos diversos, apropriações, usos e práticas que foram e ainda são objetos de disputa em vários campos como política, cultura, história, economia e representação simbólica. (REIS JR. 2016, p.343)

Nesse sentido, é importante ter uma compreensão mais ampla dos processos de construção da história local da região do Cariri e de sua geografia, principalmente do município de Crato, cuja exuberância da chapada do Araripe apresenta-se como elemento primordial de sua paisagem, colocando-a em destaque por sua beleza paisagística e riqueza hídrica, sendo popularmente chamada de “Princesa do Cariri” e “Cratinho de açúcar”.

Cavalcanti, contextualizando em sua Tese de doutorado, intitulada “Geossítio Batateira – Memórias em movimento: tramas territoriais e ambientais no Cariri cearense”, sobre o reconhecimento de Crato como uma cidade que se destaca por sua história, bem como por sua geografia no Sul do estado do Ceará, aponta o seguinte fato:

O reconhecimento do Crato como uma cidade que ocupa um enorme destaque no extremo-sul do estado do Ceará remonta às épocas anteriores. Apresentada pela historiografia local como a cidade que, em grande medida na Região do Cariri, se fizera repercutir na primeira metade do século XIX, como a interlocutora de movimentos políticos emancipatórios de cunho liberal e republicanos eclodidos primeiramente em Pernambuco, tal como, a Revolução de 1817 e ainda a Confederação do Equador, de 1824. Acrescesse, ainda, o fato de ter sido uma das poucas cidades que, em 1828, postulou junto ao governo uma representação, onde se pleiteava a criação da Província dos Kariris Novos, cuja capital seria a Vila do Crato sede administrativa, cuja iniciativa partira do Presidente da Câmara de vereadores do Crato, Nunes Berford. Essa seria a primeira de várias iniciativas visando tornar o Cariri uma unidade política autônoma. (CAVALCANTI, 2019, p. 56/57)

Com base nesse contexto, levando em consideração os processos de construção da história local e sua geografia, pode-se abrir um parêntese para pensar as relações de interdisciplinaridade nas aulas das disciplinas de História e Geografia na educação básica, pois é nesse momento que os professores de História e de Geografia podem articular estudos conjuntos que sejam possíveis para seu alunado analisar e entender a história e a geografia local como elementos intrínsecos que se complementam, e que juntos é possível ter uma percepção mais completa e crítica dos processos de construção do seu lugar, tornando os alunos sujeitos ativos e participativos na construção da história e espaço geográfico local, o qual está em transformação continuamente.

A Chapada do Araripe, incluindo o território do Geopark Araripe, apresenta também uma rica fauna e flora com características típicas de regiões semiáridas, bem como singularidades vegetacionais em determinadas áreas. Os principais tipos de vegetação encontrados em seu perímetro são: Caatinga, Cerrado, Mata Úmida e Carrasco, os quais são de suma importância para espécies endêmicas<sup>11</sup>, como também, para comunidades tradicionais que habitam seu território.

A Caatinga é a vegetação predominante nos domínios territoriais do Geopark Araripe. A gênese de seu nome está ligada à tribo tupi-guarani, cujo significado é “mata ou floresta branca”. Essa denominação está associada às

---

<sup>11</sup> Espécies endêmicas são aquelas que estão limitadas a uma área geográfica e não são encontradas naturalmente em nenhuma outra parte do mundo. No caso da Chapada do Araripe, pode-se citar como exemplo o soldadinho-do-araripe, que é um pássaro endêmico da Chapada do Araripe e é globalmente ameaçado de extinção pela perda de habitat, provocada pelo desmatamento e degradação da natureza. Principalmente na região, tornou-se um símbolo de luta na conservação de espécies em risco de extinção.

características de adaptação às condições climáticas da região (clima semiárido), onde, durante a maior parte do ano, as áreas desse tipo de formação vegetal apresentam um aspecto esbranquiçado, devido ao caule da maioria das árvores, após perderem as folhas no período mais seco.

Ceará, citando Ribeiro e Walter (2012), aponta que o Cerrado ocorre nas áreas da Chapada do Araripe que predominam terrenos com relevo plano e solos arenosos, pobres e porosos, sendo uma vegetação bioestratificada, com um nível herbáceo contínuo e um nível arbóreo descontínuo de árvores predominantemente tortuosas.

De acordo com Loila et al. (2015), a Mata Úmida ocorre na vertente e topo imediato ao Nordeste da chapada, sob influência do clima tropical, com dois períodos bem distintos: um chuvoso e outro seco, com cerca de 4 a 6 meses sendo secos. É importante ressaltar ainda que, de acordo com o autor, apesar do período seco, a fisionomia dessa espécie vegetal não apresenta características acentuadas de déficit hídrico, mantendo mais de 80% da cobertura foliar durante todo o ano.

As principais características da formação vegetal carrasco consiste em uma vegetação composta por arbustos, geralmente de caules tortuosos com natureza caducifolia. Ceará (2012, p 55) destaca que “[...] é definido como uma associação de árvores e arbustos xerófilos, muito ramificados, densamente agrupados e de difícil penetração, com a pouca ocorrência de cactáceas”.

Uma questão relevante que também merece destaque aqui, a título de informação, é a revisão e complementação do inventário do patrimônio geológico do Geopark Araripe, ocorridas no ano de 2011 (Anexo 02). De acordo com Boas (2012), o principal objetivo desse inventário foi além de rever, caracterizar e avaliar todas as ocorrências geológicas de magnitude importância do território, levando em consideração seu enquadramento holístico, seus potenciais usos e necessidades de conservação, bem como a sua relevância do ponto de vista internacional, nacional, regional e local.

De acordo com o levantamento do anexo 02, a partir dessa nova avaliação, foram identificados 26 geossítios, dos quais 17 apresentam relevância regional (Colina do Horto, Cachoeira de Missão Velha, Pedra Cariri, Ipubi, Riacho do Meio, Ponte de Pedra, Pontal de Santa Cruz, Abaiara, Brisa da Serra, Pedra Branca, Café da Linha, Poço da Mãe D’água, Vale do Calcário, Gnaisse do Embasamento, Buraco da Maço e Contato da Brejo Santos com a Missão Velha); 6 relevância nacional (Batateiras,

Sobradinho, Mina da Pedra Branca, Mina da Conceição Preta e Brejo Santo); e 3 relevância internacional (Floresta Petrificada do Cariri, Parque dos Pterossauros e Serra da Mãozinha).

É importante ressaltar que, apesar da identificação desses outros geossítios, o Geopark Araripe possui atualmente apenas 9 (nove) Geossítios (Geossítio Batateiras, Cachoeira de Missão Velha Batateiras, Geossítio Colina do Horto, Geossítio Floresta Petrificada do Cariri, Geossítio Parque dos Pterossauros, Geossítio Pedra Cariri, Geossítio Pontal de Santa Cruz, Geossítio Ponte de Pedra e Geossítio Riacho do Meio) abertos para visita pública, como mencionado no início deste capítulo, e, segundo Moura-Fé (2016), todos esses possuem potencial de crescimento. Em relação aos outros já identificados, que ainda não estão totalmente inventariados, entre outras coisas, por uma questão de preservação e precaução, ainda não estão abertos para visita popular.

Sobre a relevância dos Geoparques, concorda-se com boas (2012, p.67), quando a autora, pensando sua importância, bem como sua contribuição para preservação do patrimônio natural, afirma que:

Os geoparques podem contribuir para a implementação de uma efetiva estratégia de geoconservação, uma vez que a sua filosofia está centrada na promoção do desenvolvimento sustentável, de um dado território, baseado na conservação do patrimônio geológico. Assim, um geoparque constitui um grande auxílio para a realização das três últimas etapas da estratégia de geoconservação. A disponibilização do conhecimento geocientífico (divulgação) pode promover, de alguma forma, a adoção de comportamentos e atitudes, tidas como essenciais para a utilização e gestão sustentável do patrimônio geológico (conservação e monitorização).

Nesse sentido, o Geopark Araripe é, sem dúvidas, um espaço importante para Região do Cariri, que pode contribuir de maneira direta ou indireta para o desenvolvimento econômico sustentável não só dos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, mais também para a Região Metropolitana do Cariri – RMC<sup>12</sup> no geral. A essa questão de desenvolvimento territorial sustentável, também se soma à importância da Geoconservação e geoturismo para a região. Segundo Moura-Fé (2016, p. 28), o Geopark Araripe “já possui ambientes de grande relevância científica

---

<sup>12</sup> A RMC é composta por nove municípios: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri.

e educacional para que as atividades geoturística e de geoeducação<sup>13</sup> sejam ainda mais desenvolvidas na região”.

O Geopark Araripe possui um grande potencial para a prática de geoturismo. De acordo com Schobbenhaus e Silva (2012), geoturismo pode ser centrado na ótica da geodiversidade, o “geo” em Geoturismo significa geologia e geomorfologia e a partícula “turismo” significa “visitar geossítios, aprender, entender, valorizar e se envolver”. “Em um sentido mais amplo, o Geoturismo compreende os elementos geológicos combinados com os componentes do turismo, como atrações, hospedagem, passeios, atividades de interpretação e de planejamento e gestão” (SCHOBHENHAUS & SILVA, 2012, p. 14).

Desse modo, podemos pensar o geoturismo no Geopark Araripe como uma ferramenta que fomenta uma forma de turismo sustentável para região cariense, contribuindo diretamente para geoconservação, que pode ser entendida como “um ramo de atividade científica que tem como objetivo a caracterização, conservação e gestão do patrimônio geológico e processos naturais associados” (BRILHA, 2005, p. 51).

Assim entender e/ou analisar os Geossítios e seu potencial na relação com geoconservação e geoturismos, e principalmente como eles podem ser pensados dentro da ótica de um ensino interdisciplinar entre as disciplinas de História e Geografia na Educação Básica, pode ser um ambiente fértil de estudo, pois acredita-se que a partir da educação e da interpretação ambiental é possível sensibilizar as pessoas sobre a importância da conservação dos elementos da geodiversidade e da preservação da história e cultural local.

Agora, no próximo subtítulo, abriremos espaço para falar um pouco sobre a história de constituição do Geopark Araripe, com a pretensão de ter mais propriedade sobre os processos de formação do objeto de estudo deste trabalho.

---

<sup>13</sup> O autor introduz o termo “geoeducação” citando um dos seus outros trabalhos sobre a temática, apontando que “Moura-Fé *et al.* (2016) propõem o estabelecimento e o desenvolvimento do conceito científico da geoeducação, entendida como um ramo específico da educação ambiental a ser aplicado na geoconservação do patrimônio natural, e que seja tratado, fomentado e desenvolvido nos âmbitos formais e/ou não formais do ensino” (MOURA-FÉ, 2016, p. 31).

## 2.2 – Breve história do Geopark Araripe, questões atuais e possibilidades de estudo interdisciplinar entre a História e a Geografia

A fundamentação da ideia de um geoparque pressupõe a salvaguarda da memória da história evolutiva da Terra. A prática desse conceito inclui integração entre os povos, conservação ambiental, acesso à educação e cultura, além de avanços em desenvolvimento sustentável. Todo o planejamento se justifica em um plano de fundo consolidado pelo conjunto das características geológicas, naturais e culturais, reconhecidos dentro de um determinado território. (SOARES, 2019, p. 65)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) define geoparques como áreas geográficas padronizadas, onde sítios e paisagens de relevância geológica internacional são administrados com base em um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável, com uma abordagem que relaciona a conservação de suas paisagens e sítios com desenvolvimento sustentável e que, por conseguinte, envolve as comunidades locais em seus processos. Atualmente, existem 177 Geoparques Mundiais da UNESCO em 46 países (UNESCO, 2022).

Desses 177 Geoparques Mundiais reconhecidos pela UNESCO, três se encontram no território brasileiro: o Geopark Araripe, o Geoparque do Seridó e o Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, os dois últimos foram incluídos na Rede Global de Geoparques recentemente, em abril de 2022, durante a 214ª sessão do Conselho Executivo, ocorrido na cidade de Paris, na França.

O Geoparque do Seridó<sup>14</sup> encontra-se localizado no centro-sul do estado do Rio Grande do Norte, o qual foi recentemente reconhecido pela UNESCO, neste ano de 2022. Ele abriga mais de 120 mil habitantes, incluindo comunidades como os quilombolas, que mantêm viva a memória de seus ancestrais escravizados da África para preservar sua cultura por meio de práticas tradicionais, museus e centros culturais; é também um testemunho dos últimos 600 milhões de anos da história da Terra, que abriga uma das maiores reservas minerais de scheelita da América do Sul (UNESCO, 2022).

O Geoparque Mundial Caminhos dos Cânions do Sul<sup>15</sup> está localizado na região Sul do Brasil, abrigando cerca de 74.120 habitantes. É caracterizada pela Mata Atlântica um dos ecossistemas mais ricos do planeta em termos de biodiversidade.

---

<sup>14</sup> Site > <https://geoparqueserido.com.br/>

<sup>15</sup> Site > <https://canionsdosul.org/>

Os habitantes pré-colombianos da área costumavam se abrigar em paleotocas (cavidades subterrâneas escavadas por extinta megafauna paleovertebrada como a preguiça gigante), cujos numerosos vestígios ainda são visíveis no geoparque. Além disso, o local apresenta os cânions mais impressionantes da América do Sul (UNESCO, 2022).

O Geopark Araripe, o qual é objeto de estudo deste trabalho, ostenta o título de primeiro geoparque das Américas e do hemisfério sul com selo da UNESCO e componente da Rede Global de Geoparques (*Global Geoparks Network*), foi criado em 2006 e está localizado na porção sul do estado do Ceará. Nas linhas que se seguem, será feito um breve levantamento a respeito de sua história, que tem como eixo norteador teoricamente a proteção e conservação dos Geoassítios.

Os geoparques reconhecidos pela UNESCO são importantes espaços com fundamental relevância geológica que se destacam no cenário paisagístico interacional. Brilha (2005) aponta que foi no fim da década 1990 que a Divisão de Ciências da Terra da UNESCO promoveu a criação do Programa Geoparque como resposta a um reconhecimento crescente da necessidade de conservação do Património Geológico.

De acordo com Soares (2019), o geoparque que objetiva fazer parte da Rede Mundial de Geoparks, para receber a selo oficial de um Geopark é necessário preencher alguns critérios-chave apresentados pelo UNESCO, tais como:

**Tabela 01: Critérios básicos para chancela oficial de um Geopark**

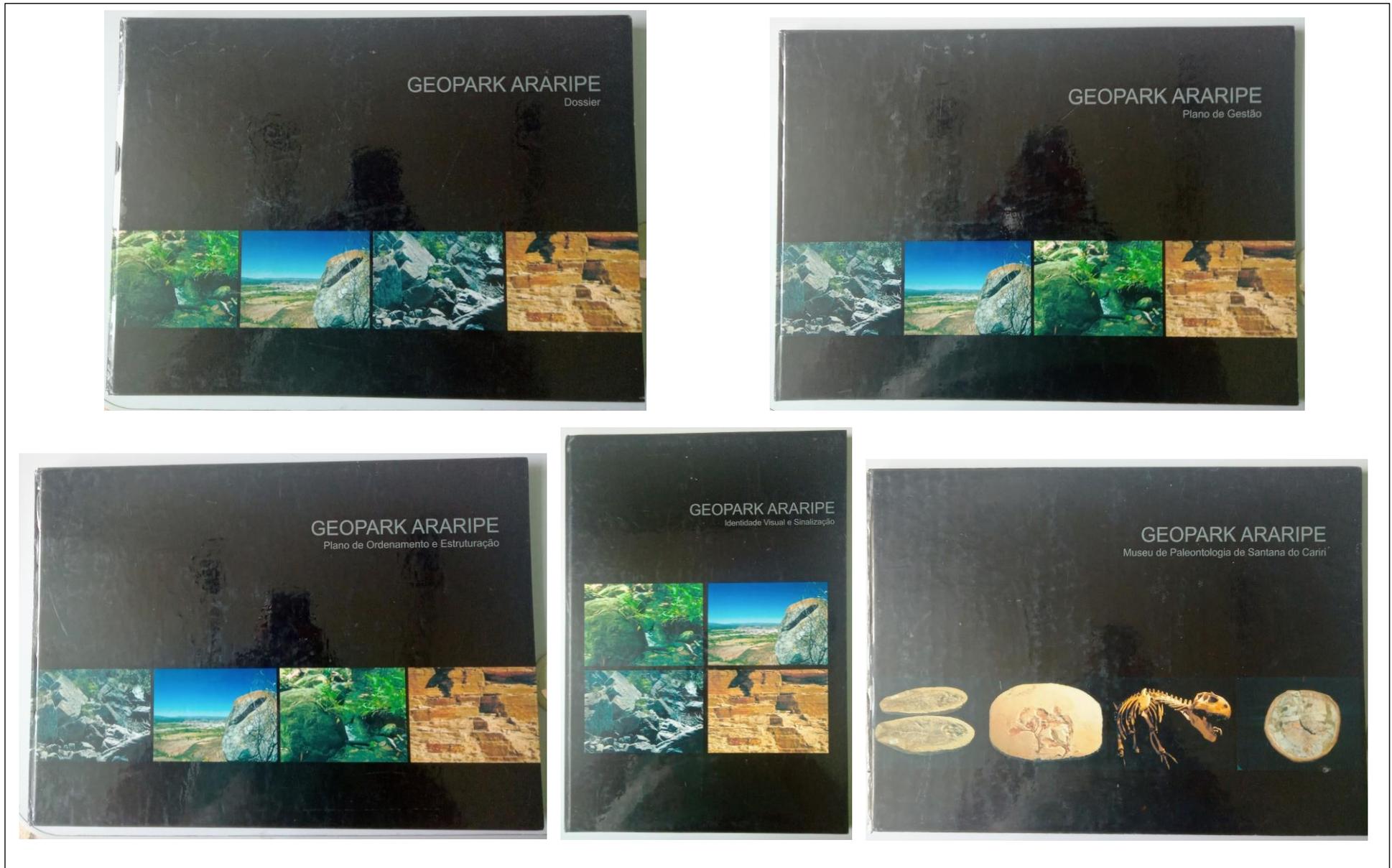
1 – Ser uma paisagem natural unificada, com a identificação de Geossítios geológico paleontológicos únicos, o que significa que tanto as rochas quanto os fósseis precisam ser de grande valor científico;
2 – Dar uma notável contribuição para o desenvolvimento sócio-econômico da região como um todo (geoturismo, guias, artesanato, etc.);
3 – Contribuir antes de tudo para a formação dos alunos, estudantes e adultos nas geociências, assim como para a educação ambiental;
4 – Contribuir para a proteção e promoção do meio ambiente atual, bem como da herança geológico-paleontológica nele existente.

Fonte: UNESCO apud SOARES, 2019, p 66.

O Geopark Araripe inicia seu projeto entre os anos de 2004 e 2005, tendo como principal idealizador a Universidade Regional do Cariri – URCA. Nesse período ele ainda não era um programa que fazia parte da Rede Global de Geoparques, era um território que ainda buscava reconhecimento por parte da UNESCO para integrar a referida Rede.

A trajetória para conseguir reconhecimento pela Rede Global de Geoparques, sob os auspícios da UNESCO foi sistemática e criteriosa. Realizou-se, entre outras coisas, uma série de levantamentos geológicos, paleontológicos, culturais e entre outros tipos de estudos da área que iria abranger os geossítios, os quais culminaram em um conjunto de documentos para serem enviados para a UNESCO, dos quais se destacam: Geopark Araripe – Dossier; Geopark Araripe – Plano de Gestão; Geopark Araripe – Plano de Ordenamento e Estruturação; Geopark Araripe – Identidade Visual e Sinalização; Geopark Araripe – Museu de Paleontologia de Santana do Cariri; (figura 07) que podem ser encontrados na sede do Geopark Araripe.

**Figura 07: Documentos submetidos à Rede Global de Geoparques – UNESCO**



Fonte: Registros de pesquisa da autora, 2022.

Esses documentos, ilustrados na figura 07, foram de grande importância e fundamentalmente necessários para buscar o objetivo do Geopark Araripe? tornar-se o primeiro geoparque das Américas e do hemisfério sul com selo da UNESCO. Neles, além de apresentar estudos de levantamento geológicos, paleontológicos e culturais da região da qual o Geopark Araripe faz parte, registra-se também, em suas entrelinhas, o processo histórico de construção do Geopark, que são ricas fontes de pesquisa.

E pensado sob a ótica da Educação Básica, tais documentos podem também ser utilizados como materiais pedagógicos de cunho interdisciplinar; por exemplo, em uma aula de campo realizada pelos professores(as) de História e Geografia para conhecer a sede do Geopark. Um dos roteiros da visita pode ser conhecer e analisar os documentos em questão com a finalidade de compreender sua importância no processo de formação histórica e o processo de reconhecimento como geoparque com selo da UNESCO, bem como compreender a geografia expressa na paisagem local nas páginas dos documentos. E por meio desse estudo de campo, com auxílio dos professores e um membro do Geopark, analisar as mudanças<sup>16</sup> que ocorreram desde sua gênese até os dias atuais, entendendo que tais mudanças se deram no espaço que compreende o Geopark Araripe, e que eles (educandos, educadores, e principalmente as comunidades locais e etc) são agentes diretos ou indiretos da preservação da história, da cultura e do meio ambiente do lugar.

Outra possibilidade, a partir dessa visita de campo à sede do Geopark, é estimular os estudantes no coletivo, juntamente com os professores, a refletirem sobre o papel do Geopark Araripe no fortalecimento da identidade das comunidades próximas aos geossítios, levantando questionamentos, tais como: “o que mudou depois que o Geopark Araripe, em 2006, recebeu o título de primeiro geoparque das Américas e do hemisfério sul com selo da UNESCO?”; “Essas mudanças trouxeram significados e sentimento de pertencimento para comunidades locais?”; “Qual a visão que essas comunidades têm do Geopark?”; “A educação ambiental e patrimonial chegam à essas comunidades para incentivar a preservação dos geossítios?”

Essas indagações podem servir como caminhos para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa na escola tendo como pesquisadores alunos e professores

---

<sup>16</sup> Um exemplo de mudança que pode ser analisado e entendido o "porquê da mudança" é a da nomenclatura de alguns Geossítios, bem como a de Geotopo para Geossítio. (Esse assunto será retomado mais à frente).

de História e Geografia, com tema de pesquisa relacionado ao levantamento da história real de uma das comunidades localizadas próximas a um dos geossítios e, por meio de sua história, analisar também a forma como o seu espaço geográfico foi construído, e até que ponto as ações do Geopark Araripe contribuíram para isso, tendo em vista que o espaço geográfico está em constante transformação e os eventos históricos são um dos principais moldadores dessas transformações.

Cabe mencionar ainda, com base nesse contexto, que o desenvolvimento de projetos de pesquisa (Iniciação Científica) na Educação Básica, apresenta-se como uma ferramenta de suma importância que possibilita o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, assim como, o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes, e isso, para educação brasileira, é fundamental, principalmente na atual conjuntura política que estamos vivenciando, cujos desarranjos desvalorizam e desestimulam a pesquisa científica no país.

Além dessa série de documentos (figura 07), para realizar o credenciamento junto à Rede Global de Geoparques da UNESCO, é exigido também pela UNESCO que sistematicamente o Geoparque preencha previamente os seguintes requisitos: I – possuir área definida e delimitada; II – Compreender um número de sítios geológicos e paleontológicos relevantes; III – Estar o Geopark já construído, instalado e em funcionamento pleno; IV – Possuir administração formal que busque a utilização de métodos de conservação e promoção do próprio parque, em articulação a diretrizes locais de desenvolvimento socioeconômico, cultural e ambiental sustentável; V – Possuir significado científico particulares e incomum; VI – Representar significativamente a história geológica e os eventos evolutivos; VII – Agregar valores ambientais, ecológicos, arqueológicos, históricos e culturais também relevantes do significado científico; VIII – Apresentar, no plano administrativo, uma análise de parque, diagnóstico do território e potencialidades do desenvolvimento endógeno; IX – Respeitar a legislação ambiental local, regional e nacional. Em cada caso, permitindo coleção de peças somente para fins educativos; X – Atualizar e divulgar informações sobre o progresso do parque periodicamente; e XI – Envolver a comunidade local, autoridades públicas, instituições de ensino e pesquisas, além de interesses privados.

Seguindo essa lógica, finalmente no ano de 2006, durante a *2nd UNESCO Conference on Geoparks*, que foi realizada na Irlanda do Norte, o Geopark Araripe - sob os auspícios da UNESCO - foi reconhecido pela Rede Global de Geoparks como

sendo o primeiro Geoparque das Américas com selo UNESCO. A criação do Geopark Araripe contou com o apoio institucional das seguintes entidades: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Centro de Tecnologia Mineral do Ministério da Ciência e Tecnologia (CETEM) e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais não Renováveis (IBAMA), além de outras ONGs regionais (CEARÁ, 2012).

Seus objetivos (tabela 2) foram e ainda são fundamentais para mostrar com nitidez sua relevância para desenvolvimento territorial da região e, sem dúvidas, foi uma peça importante para sua aprovação como membro da Rede Global de Geoparques.

**Tabela 02: Principais objetivos do Geopark Araripe**

I – Proteger e conservar os sítios de maior relevância geológica/paleontológica, territorialmente denominados geossítios;
II – Proporcionar à população local e aos visitantes oportunidades de conhecer e compreender tanto os contextos científicos das várias eras geológicas (Pré-Cambriano, Paleozóico e Mesozóico), bem como de outros enquadramentos regionais importantes, como o complexo cultural do Cariri e o ecossistema ambiental da região;
III – Possibilitar o conhecimento e a divulgação dos registros arqueológicos de povoamento ancestral da região;
IV – Intensificar relações com todo um espectro de atividades (científicas, culturais, turísticas e econômicas), com ênfase na história evolutiva da Terra e da Vida;
V – Divulgar a história da ocupação do território, a cultura regional e suas manifestações, e as formas de utilização sustentável dos recursos naturais na região;
VI – Promover a inclusão social para além da proteção e promoção dos registros geológicos, paleontológicos, antropológicos, ambientais, paisagísticos e culturais, considerando a participação da sociedade como um dos pilares do desenvolvimento do Geopark Araripe enquanto território de ciência, educação e cultura;
VII – Incentivar um turismo de qualidade, baseado nas múltiplas valências do território, através de uma estratégia de promoção e divulgação de nível internacional;

VII – Cooperar em articulação estreita com os stakeholders e os poderes públicos municipal, estadual e federal, de forma a garantir um contínuo desenvolvimento do território.

Fonte: Geopark Araripe, 2022.

Atualmente a sede do Geopark encontra-se localizada na cidade de Crato – Ceará, na rua Carolino Sucupira, bairro Pimenta (figura 08). Dispõe de uma equipe técnica e administrativa constituída por 5 (cinco) coordenadores nas áreas de Educação Ambiental, Geoconservação, Comunicação, Cultura e Desenvolvimento Regional Sustentável e 12 profissionais que constituem uma equipe técnica multidisciplinar (geólogo, biólogo; historiador, geógrafo, jornalista, tradutores e economista). Além disso, a estrutura do Geopark Araripe também compreende o Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri - URCA, em Santana do Cariri, que envolve 27 pessoas (Geopark Araripe, 2010).

**Figura 08: Fachada da sede do Geopark Araripe**



Fonte: Registros da autora, 2022.

Figura 09: Sede do Geopark Araripe – Recepção



Fonte: Registros da autora, 2022.

Desde o ano de 2016, a gestão do Geopark Araripe é de responsabilidade da URCA, e possui um grupo de apoio institucional que, segundo Boas (2012), é composto por uma coordenação executiva, constituída por um coordenador executivo, uma secretária executiva, um diretor científico e um geólogo; um conselho de gestão formado por representantes de instituições do setor terciário, poder público municipal, estadual e federal e iniciativa privada; um comitê científico formado por 14 investigadores da URCA e outras instituições de pesquisa do território do Geopark Araripe.

O anexo 03 deste estudo resume de maneira sintética o processo de evolução do Geopark Araripe, destacando alguns eventos importantes que marcaram sua história, desde sua candidatura junto à UNESCO no ano de 2005, aspirando sua inserção na Rede Global de Geoparques até o ano 2021 com envio da proposta para a *9th International Unesco Global Geoparks* e almejando sediar, de forma inédita, a próxima conferência mundial de Geoparks que ocorrerá em 2023.

### **2.2.1 – Transição de Geotope para Geossítio**

Inicialmente, o Geopark Araripe foi desenvolvido dentro de uma organização mais voltada para as Geociências, de modo que pouco tempo depois o mesmo foi vinculado ao IGCP<sup>17</sup> (*International Geoscience Programme*), assim, ele era fundamentalmente voltado para geologia. Essa questão, com o decorrer do tempo, foi repensada e atualmente o Geopark em questão foca também em outras áreas, como por exemplo, a cultura, o desenvolvimento territorial sustentável e etc.

Nesse sentido, o Geopark Araripe, apesar de teoricamente sempre ter, entre outras missões, a de ser um programa voltado para o desenvolvimento territorial sustentável, não conseguia executar isso muito bem, porque a própria geologia criava uma distância em relação à comunidade local. Sobre essa questão, pode-se citar como exemplo o termo alemão *GEOTOPE* (referindo-se ao que hoje chama-se de *GEOSSÍTIO*), que foi introduzido por um consultor alemão no início do projeto.

Nessa lógica, no início do programa Geopark Araripe, um Geotope era associado à sua nomenclatura; a respectiva estrutura geológica, por exemplo, Geotope Granito, Geotope devoniano e Geotope Ipubi eram nomenclaturas que

---

<sup>17</sup> IGCP é um direcionamento vinculado ao departamento de Ciências da Terra da UNESCO, o qual tem a missão de incluir a promoção do uso sustentável dos recursos naturais, o avanço de novas iniciativas relacionadas com a geodiversidade e o geopatrimônio e a mitigação de riscos geológicos.

causavam estranhamento às comunidades locais que não as reconheciam e não se identificavam como sujeitos que faziam parte da construção do programa Geopark Araripe. Para constatar esse fato, pode-se citar que no período que foi aberto os Geossítios, ou como era chamado os Geotopes para visitação, observou-se a maior depredação de placas das descrições dos geossítios.

Pensado essa problemática, conforme o programa Geopark Araripe foi amadurecendo, os chamados geotopes passaram a se chamar Geossítios e as nomenclaturas foram repensadas e associadas à cultura local das comunidades para se estabelecer uma tentativa de identidade com essas comunidades.

**Figura 10: Localização e antigas nomenclaturas dos Geossítios (Geotopes)**



Fonte: Acervo Geopark Araripe "Geopark Araripe Dossier, 2005".

A transição de GEOTOPE para GEOSSÍTIO ocorreu da seguinte forma: Geotopo Granito tornou-se Geossítio Colina do Horto; Geotopo Devoniano tornou-se Geossítio Cachoeira de Missão Velha; Geotopo Missão Velha tornou-se Geossítio Floresta petrificada; Geotopo Batateiras manteve a mesma nomenclatura (trocando apenas o termo Geotopo por Geossítio), pois o mesmo tem relação com a identidade local, relacionado ao rio que corre no local que tem o mesmo nome: "Rio Batateiras" e a "pedra da batateira", que faz parte das lendas locais; Geotopo Nova Olinda tornou-

se Geossítio Pedra Cariri, Geotope Santana tornou-se Geossítio Parque dos Pterossauros; Geotope Arajara tornou-se Geossítio Riacho do Meio; Geotope Exu tornou-se Geossítio Pontal da Santa Cruz; Geotope Ipubi tornou-se Geossítio Ponte de Pedra.

Sobre esse último, deve-se considerar que o chamado Geotope Ipubi, na verdade, foi extinto por não apresentar relevância do ponto de vista cultural e turístico, pois tratava-se apenas de uma mina de gesso abandonada, e o Geossítio Ponte de Pedra foi inserido em seu lugar, mas em uma outra localização, fora da antiga mina de gesso.

Todavia, é importante considerar que, por si só, a “simples” mudança de nomes dos geotope para geossítios não é suficiente para estabelecer elos de identidade com as comunidades locais que fazem parte do Geopark. O processo de construção de identidade não é tão simples, e é necessário ir para além do óbvio, ou seja, buscar realizar outras ações que engajem de maneira efetiva as pessoas dessas comunidades.

Um caminho que poderia contribuir para melhorar essa problemática, seria criar projetos acessíveis para as pessoas que compõem essas comunidades com a finalidade de despertar nelas um sentimento de pertencimento e reconhecimento dos geossítios como um bem natural a ser preservado por todos. E as escolas que estão inseridas nesses espaços poderiam ser importantes locais para o desenvolvimento de tais projetos.

E, no contexto desse estudo, vislumbramos que as disciplinas/professore(a)s de História e Geografia e seus alunos poderiam ser formidáveis aliados nessa experiência, produzindo atividades de campo ou até mesmo aulas interdisciplinares, como por exemplo, uma aula teórica e posteriormente uma aula de campo produzidas pelo professor de História e/ou Geografia que, juntos, podem intercalar temas relacionados à História e à Geografia de um geossítio, demonstrando a sua relevância para o desenvolvimento territorial sustentável local, seu potencial geográfico, a história por trás daquele patrimônio natural e a importância de sua preservação, e assim os alunos posteriormente seriam agentes transmissores desses conhecimentos construídos no coletivo em seus ambientes de convívio diário.

### **2.3 – Educação Ambiental no Geopark Araripe: possibilidades para um ensino interdisciplinar entre História e Geografia**

Pensar um ensino interdisciplinar é uma proposta promissora e desafiadora no campo educacional atualmente, tendo em vista que um dos grandes desafios da educação no tempo presente é propor metodologias que contribuam cada vez mais no desenvolvimento intelectual, cognitivo e social dos educandos. No que diz respeito ao ensino de História na Educação Básica, a proposta de um ensino interdisciplinar é de suma importância para produção de novos recursos didáticos e/ou adaptação, quando necessária, dos já existentes.

Como visto no primeiro capítulo, a aproximação entre a História e a Geografia, promovida principalmente pela proposta de renovação da historiografia a partir da escola dos Annales, abriu caminhos com base, inicialmente, no conceito de espaço para cunhar estudos interdisciplinares no ensino de História juntamente com a Geografia, bem como abriu caminho também para o surgimento da chamada História Ambiental, que é uma importante aliada nesse processo.

A história ambiental rejeita a suposição de que a experiência humana seja isenta de restrições naturais, de que a humanidade constitui uma espécie única e isolada, mas que “em qualquer sociedade, a natureza é fonte de valores e representações intrincados, complexos, contraditórios, que nutrem as artes, as religiões, os mitos, os saberes” (MARTINS, 2007, p. 30).

Com a História Ambiental, ampliou-se o leque dos estudos históricos, tornando possível incluir na ótica dos historiadores uma visão do mundo pensando a questão ambiental. No entanto, é importante destacar que, de certa maneira, tal questão aparenta comumente está e alheia aos historiadores, e por isso pretendemos aqui realizar uma análise de como a proposta do setor de Educação Ambiental do Geopark Araripe pode contribuir para fomentar a prática de um ensino interdisciplinar entre a História a Geografia para Educação Básica local.

A Educação Ambiental (EA) pode ser entendida como uma prática que contribui para o desenvolvimento de um pensamento crítico das pessoas acerca das questões ambientais e sua relação com a sustentabilidade. No Brasil, a EA teoricamente está assegurada constitucionalmente, o artigo 225 da Constituição Federal de 1988, pelo qual lê-se, compete ao Poder Público promover a educação ambiental em todos os graus de ensino, além de buscar formas de possibilitar o

engajamento da sociedade em geral na preservação e recuperação do meio ambiente. A lei federal nº 9.795/1999, dispõe em seus artigos 1º e 2º que:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. (BRASIL, 1999)

Nesse sentido, incentivar o desenvolvimento da EA no ambiente escolar deve ser uma prática presente e permanente, e no campo da interdisciplinaridade apresenta-se com um elemento valioso, pois permite a aproximação de vários saberes que não se limitam apenas às disciplinas que são foco desta pesquisa (História e Geografia), mas também outras, como: Ciências, Artes, Português e até mesmo Matemática, cada uma contribuindo para produção de um conhecimento interdisciplinar, lúdico e inovador que contribua de forma efetiva para o que propõe a Educação Ambiental na educação brasileira.

Na região do Cariri cearense, o Geopark Araripe tem mostrado protagonismo no desenvolvimento de atividades (ações e projetos) na área da EA de cunho formal e informal, buscando, entre outras coisas, contribuir para a sensibilização em relação à questão da valorização e preservação do meio ambiente local. Na tabela abaixo, serão apresentados os objetivos estratégicos do setor de EA do Geopark Araripe.

**Tabela 03: Objetivos estratégicos da Educação Ambiental do Geopark Araripe**

Contribuir na disseminação de conhecimentos em relação à educação ambiental para a população em geral sobre o território;
Contribuir na formação da equipe interna de educação do Geopark, professores, gestores e alunos do território, incentivando-os a serem agentes multiplicadores;
Promover a interação da comunidade com o Geopark Araripe, acolhendo demandas e estimulando novas iniciativas;
Integrar, reforçar e dinamizar o trabalho em redes socioeducativas;
Promover um espaço aberto para novas práticas pedagógicas;

Fortalecer e criar centros de interpretação e educação ambiental no território;
Elaborar programas e ações de educação arqueológica, museológica, patrimonial e em geociências;
Colaborar na produção de material didático-pedagógico;
Dinamizar a relação dos projetos de extensão e pesquisa com o Geopark Araripe;
Incentivar projetos e pesquisas acadêmicas aplicadas relacionadas as temáticas do Geopark Araripe;
Fazer capacitações internas com a equipe de trabalho do Geopark Araripe.

Fonte: Geopark Araripe, 2022.

Com base nesses objetivos, o setor de EA busca, de maneira geral, construir conhecimento sobre a temática em parceria com escolas e instituições educacionais, capacitar sua equipe interna, incentivar a realização de projetos e pesquisas acadêmicas e incentivar o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas e outras demandas que possam contribuir para disseminação da Educação Ambiental na região.

De acordo com informações colhidas junto ao setor de Educação Ambiental do Geopark Araripe, tal setor tem suas atividades configuradas mediante o já citado artigo 1º da Lei Nº 9795/1999 – Lei de Educação Ambiental.

Com base nessa perspectiva, o Geopark Araripe possui três centros de Educação Ambiental: Crato/CE, Missão Velha/CE e Nova Olinda/CE. Atualmente, estão desenvolvendo projetos e ações de educação formal e informal que visem promover ações educacionais que possam colaborar na qualidade de vida e sustentabilidade da população que compõem seu território.

Dentro do setor de EA do Geopark Araripe existe o Centro de Interpretação e Educação Ambiental (CIEA), que foi criado em meados de 2010 e encontra-se localizado na cidade de Crato, no Parque de Exposição Pedro Felício Cavalcante. Nele é realizado o acolhimento de estudantes e profissionais da educação de diferentes níveis de ensino, bem como visitantes em geral. As ações (projetos, cursos, palestras e oficinas) que são desenvolvidos pelo CIEA tem por finalidade principal difundir os objetivos do Geopark Araripe (tabela 03), com destaque para difusão dos conhecimentos sobre o mesmo, capacitações internas da equipe de trabalho do Geopark Araripe (principalmente a equipe do setor EA), assim como promover ações educacionais de preservação e conservação do seu território.

Em relação à logística de visita ao Centro de Interpretação e Educação Ambiental do Geopark, Oliveira *et al.* (2022, p. 04) destaca que:

As visitas ao CIEA são realizadas por agendamentos prévios ou por visitas espontâneas. Os agendamentos prévios são feitos com pelo menos quinze dias de antecedência por meio de ofício, geralmente são feitos por escolas e universidades e outras instituições de cunho educacional, pois esse meio possibilitará que os interessados tenham acesso à realização de oficinas as quais devem ser escolhidas com antecedência para serem providenciados os materiais necessários. As visitas espontâneas acontecem principalmente por vinda de turistas e visitantes que estão passando pela região. O acolhimento no CIEA começa com uma exposição sobre “Geoparques” e o GeoPark Araripe e em seguida é feita uma apresentação dos geossítios, mostra de vídeo, conversa sobre as oficinas, distribuição de material explicativo e pedagógico bem como realização de oficina. No CIEA são desenvolvidos projetos para sustentabilidade ambiental e de divulgação dos trabalhos do G.A, proporcionando um processo educativo direto na população atendida.

Atualmente, de acordo com setor de EA, os programas/ações ativos na área de Educação Ambiental do G.A configuram-se em palestras<sup>18</sup>, oficinas<sup>19</sup> e um programa.

Esse programa é um projeto que está em implantação, no qual se planeja levar estudantes da região para conhecer cada Geossítio e viver um dia de pesquisador, com a finalidade de conhecer os Geossítios sob outra ótica, conhecendo as peculiaridades de cada Geossítios, com suas potencialidades, visando um desenvolvimento sustentável.

A seguir, observa-se algumas das ações desenvolvidas pelo Geopark Araripe com foco na Educação Ambiental, tendo como público-alvo alunos de escolas públicas e privadas (figuras 11 e 12).

---

<sup>18</sup> Kariri: do Jurídico ao Natural; Proteção do Meio Ambientares; Apresentação dos geossítios; Empreendedorismo sustentável; Aprendizagem Criativa; Educação Financeira.

<sup>19</sup> Oficinas implantadas: Produção de Origami; Produção de réplica de fósseis; Produção de Fanzines; Pterossauros do Cariri: Arte com Papercraft; GeoMaker: Robô Artista; Material Reciclado; Boneca Abayomi; Pintura do soldadinho do Araripe; Produção de Sabão, partindo do óleo de cozinha usado; Xilogravura e Alquimia dos pigmentos minerais: uma produção artística. Oficinais em implantação: Material didático inclusivo; Bijuterias de Origami; Fabricação de Sabonetes; Oficina de papel reciclado; Oficina de escultura de argilas.

**Figura 11: Ação do Programa “Visitas Guiadas”<sup>20</sup>**



Fonte: Acervo Geopark Araripe, 2022 (Instagram).

**Figura 12: Geoeducação – Oficinas**



Fonte: Acervo Geopark Araripe, 2022 (Facebook).

Ainda de acordo com o setor de EA, os procedimentos para solicitação de agendamento para realização de ações voltadas para Educação Ambiental em

<sup>20</sup> Sobre essa ação, publicada na manhã desta quarta-feira (08/06), em nota na rede social (Instagram) do Geopark, foi recebida mais uma escola dentro do seu programa de Visitas Guiadas, desta feita professores e alunos da Escola Professora Maurina Rodrigues Santos, de Salgueiro - Pernambuco. Na ocasião, a escola foi recepcionada pelo diretor executivo do Geopark Araripe, Eduardo Guimarães, que conjuntamente com o bolsista Jonas Gomes, conduziu a visita apresentando os aspectos geológicos, patrimoniais e culturais que fazem a riqueza da nossa região. Visitas Guiadas: Para o agendamento de instituições de ensino da rede pública e particular no programa de Visitas Guiadas do Geopark Araripe, deve-se entrar em contato pelo telefone (88) 3102.1237. O Geopark Araripe é aberto a visitação pública de segunda a sexta das 08h às 12h e das 14h às 17h". Acessado em: [https://www.instagram.com/p/CejmykQOfm8/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CejmykQOfm8/?utm_source=ig_web_copy_link)

parceria com Geopark se dão preferencialmente por e-mail: [geoeducação@urca.br](mailto:geoeducação@urca.br) ou [geoparkararipe@urca.br](mailto:geoparkararipe@urca.br).

Com relação à existência de programa/ação voltada para Educação Ambiental do Geopark e preservação dos Geossítios nas comunidades que vivem próximas às áreas dos Geossítios ou em alguma escola da região, existe atualmente uma parceria com a Secretaria de Meio Ambiente do município de Barbalha, com ações no Geossítio Riacho do Meio, na qual a prefeitura dispõe de 4 bolsistas no Geossítio, e o setor de EA do Geopark atua com formações junto aos bolsistas e à comunidade.

Vale ressaltar ainda que o setor de EA está desenvolvendo um projeto de implantação de outros Centros de Interpretações Ambientais – CIEA, no Geossítio do Horto em Juazeiro do Norte, em Missão Velha e em Nova Olinda, nos quais pretende-se implantar várias ações da Geoeducação nas comunidades envolvidas.

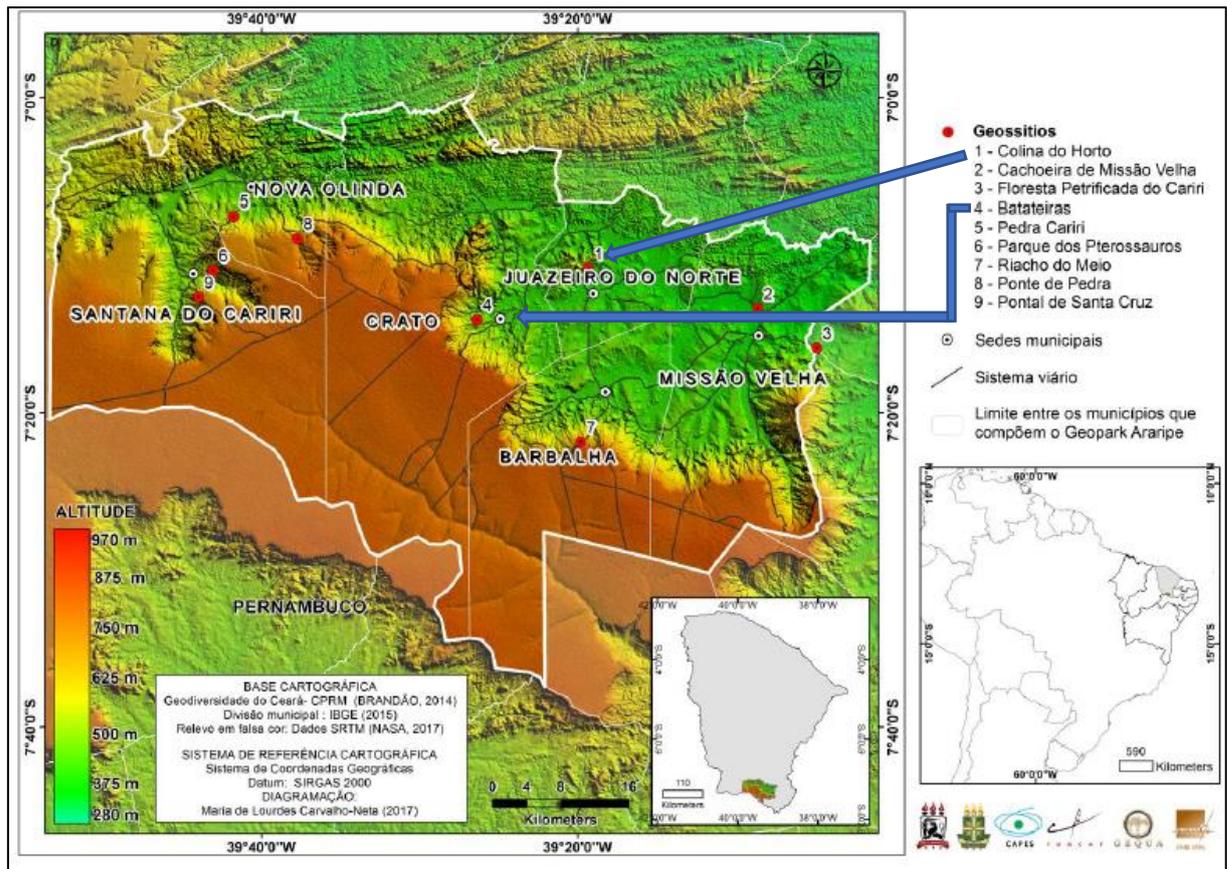
Segundo Ceará (2012, p. 63), “as ações de EA no Geopark Araripe se baseiam na tentativa de fortalecer visões de integração e interdisciplinaridade que estimulem uma reflexão sistêmica na diversidade socioambiental dentro do seu território”. Nesse sentido, as práticas que se propõem neste estudo estão em concordância com a proposta de Educação Ambiental do Geopark, tendo como principal eixo norteador uma educação interdisciplinar dentro do campo de ensino da disciplina de História com a Geografia, com finalidade de integrar e ampliar seus conhecimentos e, a partir disso, contribuir para desenvolvimento de uma educação histórica e geográfica crítica, completa, participativa e lúdica na região.

## **2.4 – Os Geossítios como recurso interdisciplinar para o ensino de História e Geografia**

Como previamente visto, o Geopark Araripe e seus Geossítios constituem um importante e exuberante patrimônio natural no espaço da região do Cariri cearense, e apresentam-se como recursos valiosos para geocoservação e o geoturismo local. E na esfera da educação não é diferente, os geossítios podem servir como importantes elementos para estimular a aprendizagem em uma ótica interdisciplinar entre o ensino de História e Geografia, tendo como eixos norteadores o espaço geográfico (os Geossítios) e os processos históricos de construção desses espaços que se deram e ainda se dão ao longo do tempo.

Desse modo, é partindo desse pressuposto que os próximos tópicos deste capítulo contextualizarão os processos de construção histórica do Geossítio Colina do Horto e do Geossítio Batateiras (figura 13), sua geografia e como esses processos podem ser pensados dentro da lógica de um ensino interdisciplinar entre as disciplinas de História e Geografia na educação básica local.

**Figura 13: Localização dos Geossítios que foram focos do estudo**



Fonte: CARVALHO NETA, *et al* 2016 (adaptado).

#### 2.4.1 – O caso do Geossítio Colina do Horto

O Geossítio Colina do Horto encontra-se localizado na Região Metropolitana do Cariri, ao sul do estado do Ceará, a 3km do centro urbano de Juazeiro do Norte. “A Colina do Horto é o acidente geográfico mais importante do município de Juazeiro do Norte e está localizado inteiramente na zona urbana. Oferece uma visão panorâmica, podendo-se avistar todo o Vale do Cariri e a Chapada do Araripe” (Ceará, 2012. p. 75).

A geografia e história por trás desse Geossítio são, sem dúvida, singulares; seus aspectos históricos, naturais, culturais e geoturísticos conotam para esse espaço

um ambiente fértil para o desenvolvimento de atividades no campo nas disciplinas de História e Geografia, que possibilitam aos educandos e educadores realizarem uma análise interdisciplinar em relação a história e geografia local, considerando que este Geossítio conta também um pouco da história de construção e evolução urbana da cidade de Juazeiro do Norte, sob influência direta da figura do Padre Cícero Romão Batista.

Para a compreensão do Geossítio Colina do Horto deve ser considerado o processo histórico-religioso que envolve o lugar. A Colina do Horto ganhou destaque na História de Juazeiro do Norte em virtude da presença do Padre Cícero Romão Batista, maior figura política e religiosa no final do século XIX e início do século XX. Padre Cícero protagonizou o chamado “milagre da hóstia”. Quando entregou, em 1889, o sacramento à beata Maria de Araújo, que estava presente em sua missa, segundo vários testemunhos, a hóstia, em sua boca transformou-se em sangue. Este suposto milagre causou uma forte polêmica dentro da Igreja Católica na época e tanto Maria de Araújo como Padre Cícero foram proibidos de divulgar o milagre. Apesar dessas sanções, em pouco tempo, Juazeiro do Norte atraiu uma das maiores romarias populares do Brasil. A beata Maria de Araújo e Padre Cícero ganharam fama nacional. O Padre Cícero conseguiu exercer um notável poder político local e promoveu o desenvolvimento e a emancipação de Juazeiro do Norte até a sua morte em 1934. (CEARÁ, 2012, p. 77)

No final da década de 1960, foi construída a estátua de cerca de 27 metros do Padre Cícero (figura 17), que depois dos supostos milagres foi/é considerado santo pelos seus devotos e principalmente, desde então, o que hoje é o Geossítio Colina do Horto tem sido um espaço de peregrinações popular. As chamadas “romarias”<sup>21</sup>, das quais se destacam a romaria das Candeias que ocorre entre os dias 29 de janeiro a 2 de fevereiro (figura 18), a de Nossa Senhora das Dores no 15 de setembro (figura 19) e a romaria de Finados entre os dias 29 de outubro a 2 de novembro (figura 20), são eventos constantes durante o ano.

Pereira (2014, p 30) destaca que “a religiosidade e a fé se apresentam como importantes aspectos históricos da produção espacial urbana da cidade de Juazeiro do Norte”. Nesse sentido, o turismo religioso arquitetado nas romarias é uma peça importante que movimenta a economia local da cidade de Juazeiro do Norte.

Atualmente a cidade de Juazeiro do Norte, nas imediações do Geossítio Colina do Horto, conta um mais uma atração turística, o Teleférico do Horto (figura 15

---

<sup>21</sup> “[...] o Geossítio Colina do Horto tem recebido peregrinações constantes durante todo o ano em datas específicas. Esses eventos recebem o nome popular de “romarias” e as pessoas que as frequentam são chamadas de “romeiros”, nomenclaturas relacionadas ao sobrenome do sacerdote - Cícero Romão Batista” (SOUSA; LOPES, 2021, p. 217).

e 16), que proporciona aos visitantes que desejam se aventurar nesse passeio uma visão panorâmica e deslumbrante do Vale do Cariri e da Chapada do Araripe. Ele também pode ser pensado para área da educação para realização de atividades (aula) de campo nas quais podem ser feitas diferentes análises de estudo, tais como: paisagística, avanço da evolução urbana da cidade de Juazeiro do Norte, desenho simples de perfil topográfico da Chapada do Araripe, entre outras.

**Figura 14: Estátua do Padre Cícero (Geossítio Colina do Horto)**



Fonte: registros da autora, 2022.

**Figura 15: Geossítio Colina do Horto – Teleférico do Horto**



Fonte: Registros da autora, 2022.

**Figura 16: Teleférico do Horto**



Fonte: g1 Ceará, 2022.

Figura 17: Geossítio Colina do Horto – Museu vivo do Padre Cícero



Fonte: Registros da autora, 2022.

**Figura 18: Romaria das Candeias**



Fonte: g1 Ceará, 2020.

**Figura 19: Romaria de Nossa Senhora das Dores**



Fonte: Diocese de Crato. 2017.

**Figura 20: Romaria de finados**



Fonte: TVj1.com.br, 2019.

As romarias na cidade de Juazeiro do Norte são consideradas uma das maiores atividades culturais e religiosas que reúnem centenas de pessoas que buscam conhecer, peregrinar ou agradecer “favores religiosos” nas imediações do horto do Padre Cícero.

Juazeiro do Norte já é considerada o segundo maior centro de religiosidade popular do Brasil. Há estimativas de que cerca de dois milhões e meio de romeiros visitam a cidade a cada ano, ficando atrás apenas das romarias a Aparecida do Norte, no Estado de São Paulo. A polarização religiosa ao redor do Padre Cícero marca os setores culturais e econômicos: há três museus na cidade que tratam da história do Padre, a Casa Museu do Padre Cícero, o Museu Vivo do Padre Cícero e o que está situado no Memorial Padre Cícero. Há, ainda, várias casas de milagres, locais onde os fiéis depositam peças representativas de promessas ou milagres que acreditam ter alcançado. Nas romarias, a variedade de comércio ambulante de santinhos, lembranças, velas e comidas, se multiplica, como também acontece com as hospedarias populares, ou ranchos para romeiros. O Horto se tornou o lugar de maior destaque nesses movimentos, sendo mais visitado pela manhã, quando os romeiros madrugam pela Rua Caminho do Horto, em penitência. Os fiéis visitam também o Santo Sepulcro, percorrendo ao todo mais de 6km como num formigueiro humano. No caminho do Santo Sepulcro, mistura-se a fé e o espírito de penitência, com o gosto pela natureza. A multidão que sobe o Horto tem como sua atração principal a estátua do Padre Cícero e as lembranças da história do Patriarca e dos grandes desafios que Juazeiro viveu ao longo de cem anos. (CEARÁ, 2012, p. 81)

A história por trás das romarias tem sua gênese associada aos supostos milagres do Pe. Cícero, que ganhou força com o "famoso" milagre da beata Maria de Araújo, em meados do ano 1889, quando uma hóstia dada pelo Pe. Cícero teria se transformado em sangue na boca da beata. Assim que a notícia do suposto milagre se espalhou pela região, as pessoas (os romeiros) começaram a ir para cidade com mais frequência, em penitência, buscando auxílio religioso, tendo como referência a figura do padre em questão. Nesse sentido, essa manifestação religiosa assume um papel importante no processo de reconhecimento do Juazeiro do Norte como uma cidade referência cultural, comercial e principalmente religiosa no interior do estado do Ceará.

Além da estátua do Pe. Cícero, os romeiros e os turistas que visitam o Geossítio Colina do Horto também encontram nesse roteiro de visita a trilha do Santo Sepulcro, Museu vivo do Padre Cícero, Igreja do Senhor Bom Jesus do Horto, Capela do Santo Sepulcro<sup>22</sup> e o Muro da Sedição de 1914.

Esses ambientes apresentam-se como espaços formidáveis para o desenvolvimento de atividades dentro e fora da escola (aula em sala e aula de campo), tendo em vista que as aulas de campo precisam apresentar um foco de estudo e um roteiro de visita bem definido para que a teoria se alie à prática de forma que uma complete a outra, e assim contribuindo para desconstrução da visão dos educandos de aula de campo como "passeio" na educação básica, bem como com a finalidade de que os mesmos entendam a prática de campo como uma extensão da sala de aula, um momento de análise na prática e concretização do que foi estudado em sala.

Para melhor compreender o que foi contextualizado no parágrafo anterior, pode-se usar como exemplo, o caso do Muro da Sedição de 1914 (figura 21), que, como visto, é um dos roteiros de visita do Geossítio Colina do Horto.

Em linhas gerais, a chamada Sedição de Juazeiro do Norte de 1914 foi uma revolta considerada popular, porém, controversamente liderada pelos coronéis do interior do Ceará, tendo como principais figuras o Pe. Cícero Romão Batista, o político Floro Bartolomeu e a família Acyoli (poderosa e tradicional família da época no Ceará), que teve como palco a cidade de Juazeiro do Norte.

---

<sup>22</sup> O Santo Sepulcro é o local onde foi enterrado um dos beatos que viveram na época do Padre Cícero e apresenta duas capelinhas, onde os romeiros acendem velas e fazem suas preces (CEARÁ, 2012, p. 75).

**Figura 21: Resquícios do Muro da Sedição de Juazeiro do Norte de 1914**



Fonte: Registros da autora, 2022.

O estopim da sedição está associado à insatisfação dos coronéis em relação às medidas políticas adotadas pelo Governo Federal naquele período, em particular, no interior do estado do Ceará, que entre outras coisas buscava minar o poder dos oligarcas na região, desarticulando do poder naquele momento da família Acyoli. A situação de pobreza extrema e o fanatismo religioso foram os principais gatilhos para a população aderir a revolta, que ingenuamente acreditava estar reunindo forças para lutar em “guerra santa” influenciados pelo Pe. Cícero, que era o mais influente e principal líder religioso do sertão caririense.

A sedição devia apresentar, pois, feições inesperadas. Do simples caso policial, de início, havia de degenerar em luta civil e em “guerra santa”... Na descrição que esboçamos, é esse aspecto que especialmente interessa, ainda como índice da diátese social do Juazeiro. Ela não se entenderia, porém, sem o quadro geral do movimento, que temos de assinalar em seus pontos essenciais. A “guerra santa” era o que menos interessava aos “chefes”. Todavia, alcançado o objetivo inicial da deposição do governador Franco Rabelo, foi esse o aspecto da luta que avultou. Os vencedores foram, de fato, os fanáticos do padre Cícero. Eles acabaram por incomodar o próprio interventor federal, e os mesmos exploradores do movimento, firmando, de uma vez para sempre, o predomínio absurdo do patriarca do Juazeiro sobre toda a política cearense... Desde então, esse arraial se tornou um estado no estado, sem outra lei senão a do arbítrio de seus chefes, com forças armadas próprias, justiça própria, moral e religião especialíssimas. (LOURENÇO FILHO, 2002, p. 89)

A adesão da população à revolta foi decisiva para as oligarquias locais e o Pe. Cícero saírem vitoriosos. De acordo com Almeida e Rodrigues (2012, p. 44), “orientada pelo Padre Cícero, a população de Juazeiro construiu muros e trincheiras em torno da cidade e a muito custo, conseguiu expulsar as tropas inimigas após 15 horas de combate.” Enfim, o Governo Federal cessou os ataques e posteriormente anulou as medidas políticas impostas pelo governo do Ceará, reestabelecendo assim, o poder político na região para a família Acyoli.

Sobre esse assunto, propomos uma sugestão de atividade no produto desta pesquisa (Capítulo 3), onde os(a) professores(a) de história e geografia em sala de aula podem organizar uma aula interdisciplinar para contextualizar, de maneira didática e intercalada, o conteúdo “A sedição de Juazeiro do Norte de 1914”.

#### **2.4.2 – O caso do Geossítio Batateiras**

O Geossítio Batateira incide, enquanto espaço recortado para tratar as questões propostas, a entender o Natural e Histórico; Patrimonial e Cultural; Político e Econômico, forjando, assim, novas identidades, novas territorialidades com o Território Cariri, afinal, “são as interações efetivas com o território que determinam as territorialidades”. Visto assim, entendo que, nesse Geossítio, as questões se tornam mais visíveis, materializando, assim, às intenções pautadas para esta análise. Isso porque, entendo ser um “espaço de significados” e de atributos que envolvem em sua própria história uma relação mítica com o Território Cariri, contada especialmente pelo mito fundador em torno da Lenda da Pedra da Batateira, que se relaciona, principalmente, com a expulsão dos índios Kariri de suas terras, quando estes em resistência a empreitada de ocupação dos colonizadores em suas terras tampam a vazão d’água da Fonte da Batateira, conforme encontra-se registrada em texto de Padre Antonio Gomes, mais precisamente em seu livro, ‘A cidade de Frei Carlos’ (1971) [...] (CAVALCANTI, 2019, p. 43/44)

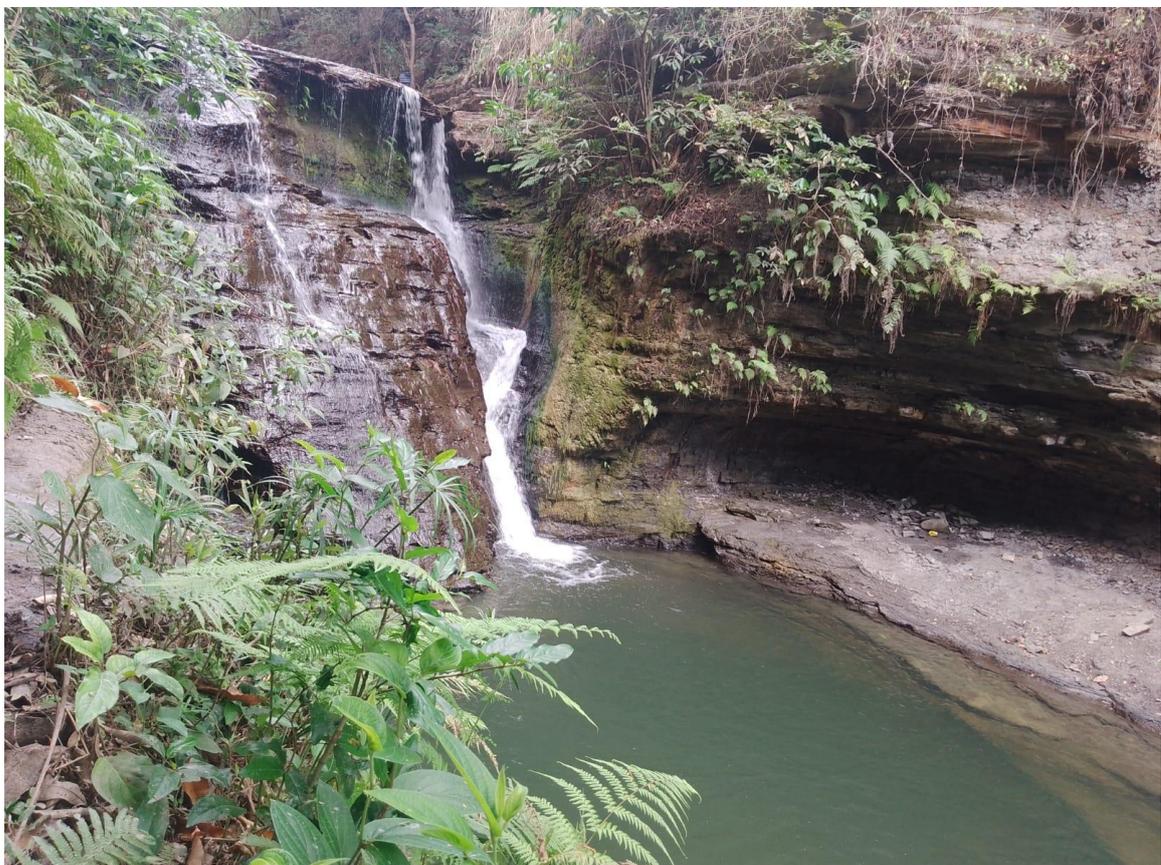
O Geossítio Batateiras encontra-se localizado na cidade de Crato-CE. É o Geossítio geograficamente mais próximo da sede do Geopark Araripe, estando a aproximadamente cerca de três quilômetros da sede. Esse Geossítio, cuja a origem de seu nome “Batateiras” está relacionado à nomenclatura do rio que corta seu território, o Rio Batateiras, destaca-se do ponto vista de beleza paisagística entre os demais, pois uma das suas principais características é a presença de fontes d’água no sopé da chapada do Araripe, além de estar dentro da área do Parque Estadual Sítio Fundão<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> O Parque Estadual Sítio Fundão, encontra-se localizado na área urbana do município do Crato, a 3km do centro da cidade criado pelo Governo do Estado, em 05 de junho de 2008 e abrange uma área

Sua bela geografia é refletida em seu roteiro de vista, que conta com trilhas ecológicas, a cascata do Lameiro (figura 22), Casa de Taipa (figura 23) e as Ruínas do Engenho de 1880 (figuras 26). Com ressalva para o último, que infelizmente encontra-se completamente abandonado depois do incêndio que ocorreu em novembro de 2018 em parte da área do Sítio Fundão, onde as ruínas do antigo engenho de açúcar, datado do final do século XIX, ficou totalmente destruído (figura 25).

**Figura 22: Cascata do Lameiro – Geossítio Batateiras**



Fonte: Registro da autora, 2022.

---

de mais ou menos 93,54 hectares. Vale destacar que é uma área protegida com espécies dos biomas Cerrado e Caatinga, até remanescentes da Mata Atlântica, que apresenta características da composição florestal original da área sul do Estado do Ceará. É considerado uma Unidade de Conservação de Proteção Integral sob a responsabilidade da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE), através do Núcleo de Apoio à Gerência da Unidade de Conservação (NAGUC) e da Coordenadoria Florestal (COFLO). A beleza paisagística e riqueza natural conotam ao sítio fundão um importante patrimônio natural para a região do Cariri. (CEARÁ, 2012)

**Figura 23: Casa de Taipa – Geossítio Batateiras**



Fonte: Registro da autora, 2022.

Em relação ao trágico incêndio em 2018 que destruiu completamente a Ruínas do engenho de 1880, o site de notícias “NEWS CARIRI”, na época, em uma matéria sobre o ocorrido, destacou o seguinte fato:

Uma perda para o patrimônio material e cultural do Cariri, com a destruição do mais antigo engenho de madeira movido a tração animal do Crato. O equipamento é datado do final do século XIX e início do século XX, ficava localizado na Unidade de Conservação Ambiental Sítio Fundão, no Geossítio Batateiras, foi completamente queimado no final de semana. O Engenho possuía valor histórico e cultural não só para o Crato mais para a região, conforme destacou advogado e pesquisador Heitor Feitosa Macêdo. Ele participou da elaboração de um relatório que objetivava preservar o equipamento de possíveis danos – “Há uns quatro meses, atendo a solicitação da Secretaria do Meio Ambiente do estado do Ceará, estive lá juntamente com os professores doutores em História (Darlan Reis – URCA – e Virgílio Arraes – UNB), a fim de elaborar um relatório para a contenção das ruínas do dito engenho. Desde 2013, outro já havia sido confeccionado com o mesmo objetivo, no qual foram feitas recomendações semelhantes as que nós apresentamos”, escreveu o pesquisador. Para o pesquisador, era

possível ter evitado o incêndio, com retirada da vegetação do entorno [...] Heitor conta ainda que há mais de um ano, tenta implantar um museu do engenho no Crato, mas que pouco tem sido as pessoas que tem dado apoio. (NEWS CARIRI, 2018, não paginado)

Sem dúvida, a destruição ocasionada pelo incêndio das ruínas do Engenho do Pau foi uma perda lastimável para a história patrimonial de Crato, que poderia ter sido evitado se tivesse sido tomado os devidos cuidados, os quais que não eram nem de grande custo, como visto no relato da pesquisa a na matéria do “News Cariri” acima. Assim, é inevitável não levantar os questionamentos de “por que essas simples medidas de cuidados de custo tão mínimo não foram tomadas por parte do Geopark Araripe?”; “A preservação e cuidado com esse patrimônio, que é um dos roteiros de visita do Geossítio Batateiras e que conta um pouco da história do município do qual ele está inserido, não deveriam ser efetivos e constantes?”.

De fato, sabe-se que supostamente o incêndio foi um acidente, e que acidentes acontecem. Sabe-se também que principalmente esse trabalho não tem como foco apontar ou investigar culpados do ocorrido, mas, sabendo também que o um dos principais pilares do Geopark é proteger e preservar seus geossítios, problematizar essa ocorrência faz-se pertinente aqui.

Veja abaixo como era, como ficou e como está atualmente as Ruínas do Engenho do Pau de 1880 nas figuras 24, 25 e 26.

**Figura 24: Ruínas do antigo Engenho do Pau antes do incêndio**



Fonte: Secretaria de Meio Ambiente apud Cavalcanti, 2019, p. 128.

**Figura 25: Ruínas do Engenho do Pau depois do Incêndio em 2018**



Fonte: Cavalcanti, 2019, p. 128.

**Figura 26: Atual situação das Ruínas do Engenho do Pau de 1880**



Fonte: Registro da autora, 2022.

As imagens do antes e depois do incêndio na área do antigo engenho falam por si só, uma perda irreversível de um patrimônio material singular do Cariri. A respeito desse assunto, propomos uma sugestão de atividade no produto desta pesquisa (Capítulo 3), “Atividade 3”.

O território que envolve o Geossítio em questão, além de sua riqueza natural refletida em sua paisagem, também é um espaço dotado de significados míticos que remonta ao seu povo originário, os índios Kariri, lembrando o que foi ressaltado por Cavalcanti (2019, p. 43), que entende esse território como “[...] um “espaço de significados” e de atributos que envolvem em sua própria história uma relação mítica com o Território Cariri, contada especialmente pelo mito fundador em torno da Lenda da Pedra da Batateira [...]” .

De acordo com o já citado livro “Geopark Araripe: História da Terra do Meio Ambiente e da Cultura” (2012), a “lenda da pedra da Batateira”, um dos mitos

fundadores da cidade de Crato, que está relacionado à presença indígena na região do Cariri cearense. Uma das versões mais aceitas é que a Chapada do Araripe era uma espécie de entrada para um lago encantado, cujo único acesso estava segurado pela Pedra da Batateira, e assim que este lugar fosse profanado, a água, jorrando, iria inundar todo o Vale do Cariri e matar toda sua população. Ainda de acordo com o mesmo, “neste tipo de narrativa há elementos indígenas que constam da existência de “serpentes” e “mães de água” e de forças encantadas, e também elementos de narrativas cristãs como a ideia do Dilúvio e do Apocalipse” (Ceará, 2012, p. 106).

**Figura 27: Pedra da Batateira**



Fonte: Pontes apud Cavalcanti, 2019, p. 75.

Essa lenda da Pedra da Batateira faz parte do imaginário popular caririense, mas infelizmente, hoje em dia, não é tão popular entre a população jovem. Em conversa informal com alguns estudantes de algumas escolas de Crato, foi possível perceber a falta de familiaridade com ela e até mesmo pouca compreensão sobre a presença efetiva dos indígenas da tribo Kariri como parte do povo fundador da população caraiense.

Nesse sentido, a necessidade de estudo pontual sobre a história local é eminente, estudo este que possa contribuir para compreensão dos processos históricos de formação do território cratense e carirense de maneira crítica, que não só evidencie a história construída pela elite local que, na maioria das vezes, apenas folclorizada e mistifica a figura dos nativos da tribo Kariri na região no tocante de sua história. E para realizar tal estudo, os campos de saberes da disciplina de História, em parceria com disciplina de Geografia (pois acredita-se que pensar a história local é pensar também sua geografia), mais precisamente o campo que envolve o estudo da história e geografia local é um terreno fértil; porém, o olhar do pesquisador/professor precisa saber para onde “focar e desfocar” para que os conhecimentos construídos e repassados não sejam mais um validador da “história dos grandes”.

A lenda da Pedra da Batateira, além de ser um fragmento da oralidade local, também estaria associada à questão da colonização das terras caraiense, em particular, a cratense, a qual envolveu disputa das chamadas “terras férteis” do que hoje é o território do Cariri entre os colonizadores portugueses e os índios da tribo Kariri que habitavam originalmente esse espaço.

Contextualizando sobre o misticismo da Pedra da Batateira e a questão da ocupação do Cariri cearense, Cavalcanti (2019, p. 81/82) salienta que:

A história que envolve a posse da Terra, e elabora uma das narrativas históricas sobre o patrimônio natural das terras onde vivia a tribo de índios Kariri é marcada, portanto, pela disputa dos primeiros colonizadores e povoadores. Isso porque, na Região do Cariri, os escassos veios de ouro encontrados, de modo nenhum podem pautar como explicação para se refletir acerca da chegada dos primeiros desbravadores nessa região, conforme a assertiva de Padre Antonio Gomes, que escreveu, “A colonização do interior de fato teve pouca relação com essas ocupações ao longo do litoral, elas foram principalmente o resultado de incursões sertão adentro, de criações de gado oriundos da Bahia e Pernambuco”. Motivo pelo qual se confirma o pouco ou quase nenhum interesse dos Portugueses por essas terras. Afinal de contas, as terras que seus olhos alcançavam tratavam-se nada menos que o “Oásis do Cariri”, um vale de terras férteis propícias à criação do gado vacum, fase esta, que mais tarde seria tratada por Capistrano de Abreu como um novo ciclo econômico, denominado por ele como “Civilização do Couro” [...]

Com base nesse pressuposto, a colonização das terras carirenses está diretamente associada a sua geografia marcada pela abundância de água advindas das nascentes da Chapada do Araripe e suas terras férteis, propícias para prática da agricultura e criação de animais, com destaque para criação de gado.

Essa parte da historiografia local pode apresentar-se como mais uma possibilidade para um ensino interdisciplinar entre as disciplinas de História e de Geografia na educação básica local. A partir dela, os professores das disciplinas em questão podem ministrar uma aula discutindo, com base em um arcabouço teórico previamente adaptado para realidade do público alvo (Ensino Fundamental ou Ensino Médio), essa singularidade da colonização do território local, relacionando os fatos históricos com os aspectos geográficos da região com a finalidade de dinamizar a aula e principalmente tornar possível um ensino interdisciplinar comprometido com uma educação crítica e participativa.

Enfim, depois do exposto até aqui, a viabilidade de ensino interdisciplinar entre história e geografia, tendo como objeto de estudo os Geossítios Colina do Horto e Batateiras, é indiscutível. Ambos apresentam um grande potencial para pensar estratégias de um ensino interdisciplinar alinhando o ensino de história na educação básica com o que propõe a Educação Ambiental comprometida com o desenvolvimento de práticas lúdicas e interdisciplinares. Todavia, para que tais práticas sejam efetivas e possíveis é preciso uma compreensão adequada por parte dos profissionais da educação das disciplinas foco do estudo por parte das instituições de ensino sobre o que é de fato um ensino interdisciplinar, bem como é necessário haver uma atenção especial das organizações formadoras desses profissionais para essa temática, para que assim a teoria possa, de fato, “sair do papel” e responsabilidade de uma educação de qualidade que não está centrada apenas na figura do professor.

## CAPÍTULO 3

### HISTÓRIA, GEOGRAFIA E PATRIMÔNIO NATURAL: UM CAMINHO INTERDISCIPLINAR

#### 3.1 – Trilha interdisciplinar para ensino de História e Geografia na educação básica com base no Patrimônio Natural

Interdisciplina — Interação existente entre duas ou mais disciplinas. Essa interação pode ir da simples comunicação de ideias à integração mútua dos conceitos diretores da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização referentes ao ensino e à pesquisa. Um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam sua formação em diferentes domínios do conhecimento (disciplinas) com seus métodos, conceitos, dados e termos próprios.

[...] Interdisciplinaridade é um termo utilizado para caracterizar a colaboração existente entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência [...]. Caracteriza-se por uma intensa reciprocidade nas trocas, visando a um enriquecimento mútuo. (FAZENDA, 2011, p. 54/73)

Compreendendo a importância da interdisciplinaridade no desenvolvimento de um ensino colaborativo, que visa o compartilhamento de conhecimentos reciprocamente, neste capítulo será apresentado o produto, um Web Site, cujo endereço eletrônico é <https://mestrado2.webnode.page/>, destinado para professores de História e Geografia da educação básica, em especial da região do Cariri cearense, o qual oferecerá possíveis caminhos de se trabalhar as disciplinas de História e Geografia de maneira interdisciplinar mediados pelo patrimônio natural (Geopark Araripe, com ênfase no Geossítio Colina do Horto e o Geossítio Batateiras), assim como uma breve apresentação conceitual sobre o que é interdisciplinaridade e patrimônio natural e sugestões de leitura (artigos, livros e sites) para estudo complementar, pois entendemos o professor como pesquisador, e assim, é de fundamental importância a busca por referências que possam melhorar, renovar e dar suporte a suas metodologias de ensino no cotidiano.

Nesse contexto, e principalmente depois do singular momento que vivenciamos com a pandemia da COVID-19, a necessidade de renovar nossa prática na educação e buscar novos caminhos metodológicos foi/é necessária, e pode-se dizer até que, para muitos profissionais que não tinham costume de lidar com o uso de computadores, internet, entre outras tecnologias em suas aulas, foi arbitrária. As chamadas “aulas remotas” ecoaram desde as instâncias da educação infantil até as Universidades e foi a realidade educacional vivenciada por professores e estudantes durante quase dois anos.

A introdução da tecnologia (uso da internet, computadores, celulares, tablets e outros) em todos os níveis de ensino foi necessária e urgente para tentar diminuir as consequências que foram muitas, principalmente na educação pública, considerando que no Brasil ela sempre foi alvo de boicote antes mesmo desse lamentável evento histórico, que além desorganizar a vida escolar, o trabalho e a vida social de todas as pessoas, ceifou várias vidas em todo o mundo.

Todavia, deve-se considerar que, mesmo antes da pandemia da COVID-19, a difusão das tecnologias no ensino já era amplamente discutida na educação, as geotecnologias<sup>24</sup> surgiram como grande suporte para o ensino de Geografia, e no caso da disciplina de História não é diferente, pois, como afirma Romeira e Altoé (2010, p. 07),

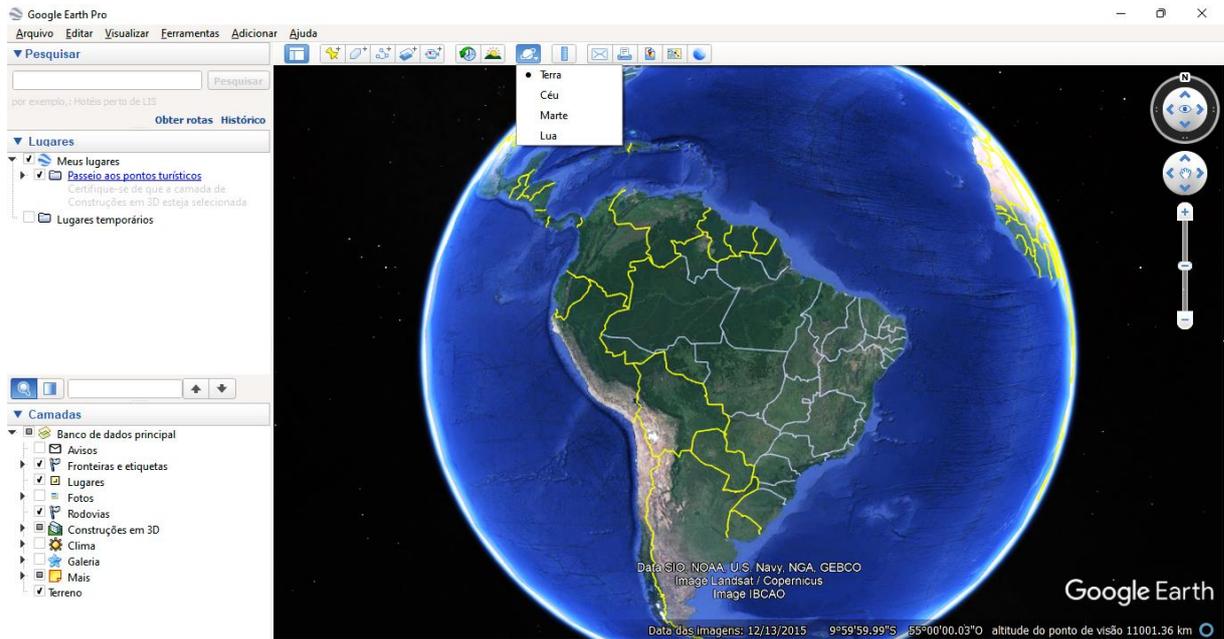
[...] as tecnologias de informação e comunicação, em especial o computador, constituem-se ferramentas capazes de interferir de forma positiva no processo de aprendizagem, o ensino de História deve estar atento para as mudanças advindas dessa nova realidade, utilizando as inovações tecnológicas de forma a possibilitar ao aluno ser capaz de compreender, de ser crítico, de poder ler o que se passa no mundo. Enfim, instrumentalizando-o para ser, no interior desse processo, um sujeito consciente e preparado para as novas relações sociais, o que implica que o ensino da disciplina se dê em sintonia com o tempo atual.

Com uso das geotecnologias, como por exemplo, com *Google Earth*, os professores de História e de Geografia podem realizar com seus alunos uma verdadeira viagem no mundo tridimensional, explorando as ferramentas disponíveis no programa como: “imagens históricas”, “street view”, “alternar entre Terra, Céu e Planetas” e outras (figura 28); o programa também oferece a possibilidade de criação de mapas conceituais com as imagens de satélite. Assim, a viabilidade de trabalho com esse tipo de recurso é uma opção de metodologia interdisciplinar que os professores de História e Geografia podem usufruir em suas aulas, vale ressaltar que uma das sugestões de atividade que propomos no produto é baseada na utilização das imagens históricas de satélite.

---

<sup>24</sup> As Geotecnologias são o conjunto de tecnologias para coleta, processamento, análise e oferta de informação com referência geográfica. As Geotecnologias são compostas por soluções em hardware, software e peopleware que juntas constituem poderosas ferramentas para tomada de decisão. Dentre as Geotecnologias, podemos destacar: sistemas de informação geográfica, Cartografia Digital, Sensoriamento Remoto, sistema de posicionamento global e a topografia georeferenciada (ROSA, 2005, p. 81).

**Figura 28: Ilustração do aplicativo Google Earth**



Fonte: Google Earth, 2022.

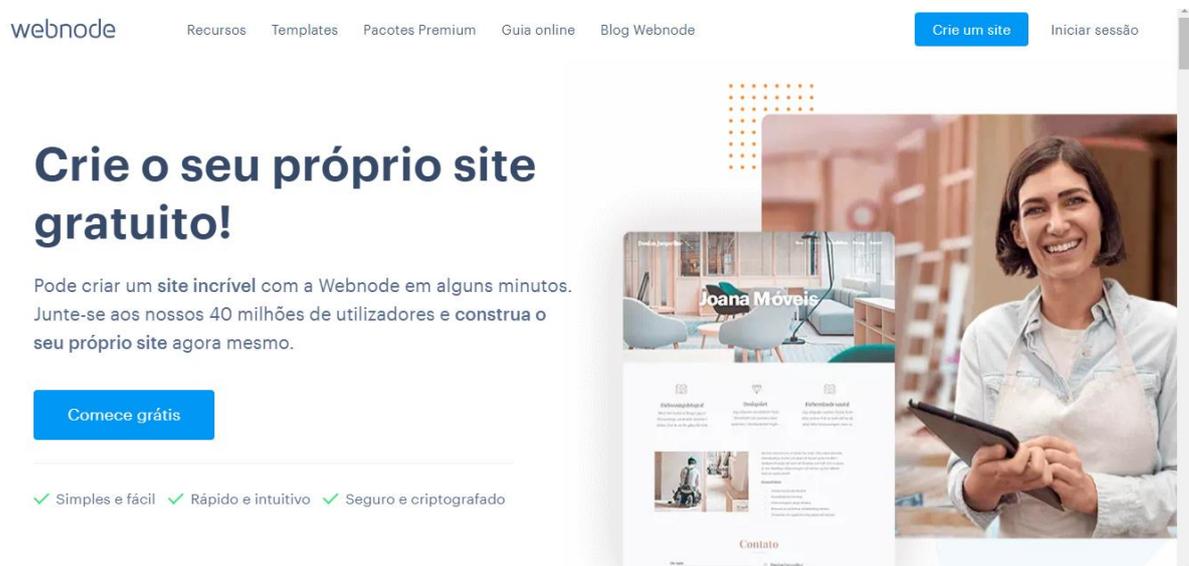
Nesse sentido, pode-se dizer que o uso de recursos tecnológicos, tais como: computadores e internet, apresentam-se como recursos pedagógicos relevantes nas aulas de História, bem como nas de Geografia que possibilita a ampliação dos conhecimentos por parte do educador e educando, além de tornar a aula lúdica.

Porém, sabe-se também com propriedade, por conhecer na prática a realidade de muitas escolas públicas como professora e ex-aluna, que computadores com acesso à internet de qualidade e suficiente para atender uma turma de 20 ou 40 alunos nas escolas de educação básica, principalmente as de Ensino Fundamental, ainda é uma realidade distante, restando ao professor utilizar o seu próprio notebook e os poucos com bom funcionamento disponíveis da escola (quando há) para conseguir fazer a chamada “aula diferente”, como assim é entendida e difundida pelos estudantes.

Com base no exposto, apresentaremos a seguir os textos tais como constam no produto (site) deste trabalho, que compõem as abas do site intitulado “Trilha interdisciplinar para o ensino de História com a Geografia na Educação Básica”, cujo link de acesso já foi citado acima. O mesmo foi criado através da plataforma

chamada “webnode”<sup>25</sup> (figura 29), que consiste em uma plataforma online gratuita que disponibiliza a criação de sites para diversas áreas e de acordo com o gosto do usuário. Dispondo de muitos modelos que podem definir o layout, mudar cores, organizar as páginas e deixar o site do jeito que se deseja. De maneira geral, o gerenciador de site usado para o desenvolvimento do produto, webnode é uma ferramenta acessível de se usar e que traz diversas formas de criar sites com uma ampla biblioteca, proporcionando assim o desenvolvimento de um modelo de site organizado e, ao mesmo tempo, simples para que todos consigam acessar, sem dificuldades.

**Figura 29: Plataforma “webnode”**



Fonte: webdone, 2022.

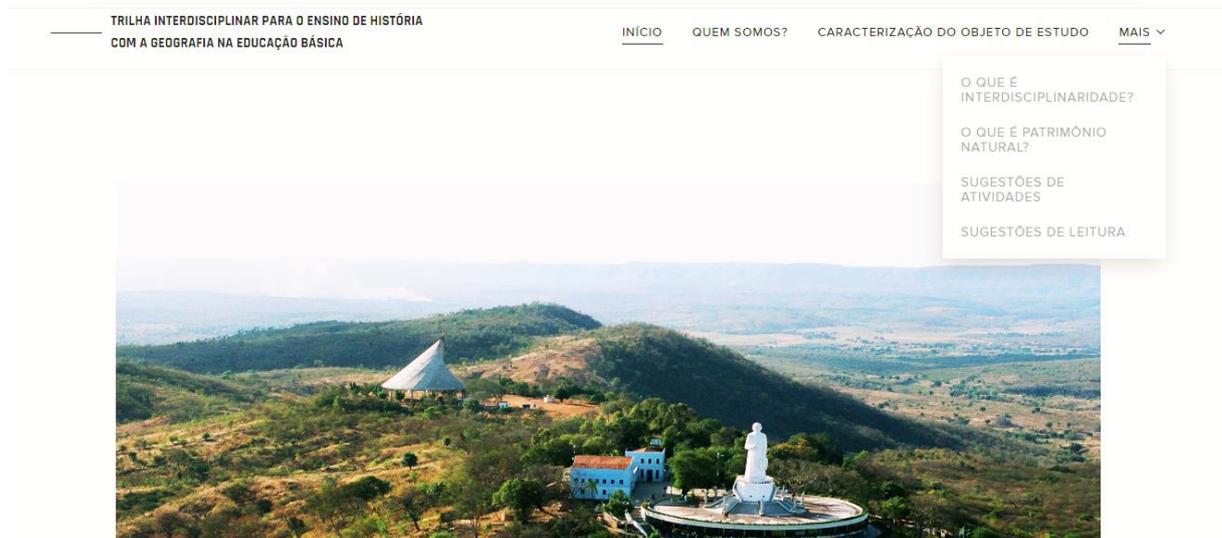
É importante ressaltar que as informações que nutrem o site nos itens: “Breve caracterização do objeto de estudo”; “O que é interdisciplinaridade?”, “O que é Patrimônio Natural?”, bem como, as imagens dispostas na proposta de “Atividade 3”, foram retiradas de partes do corpo da dissertação (Capítulo 2).

O site foi construído conforme as abas descritas a seguir:

<sup>25</sup> Link de acesso a plataforma > [https://www.webnode.com/pt/?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_term=webnode&utm\\_device=c&gclid=CjwKCAjwmJeYBhAwEiwAXIq0Af\\_wP8RZ7kqW-QbM7Op8T798-O\\_jk4HcJlhLH8CxeJQBa6Sxv8G\\_EBoCJe0QAvD\\_BwE](https://www.webnode.com/pt/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_term=webnode&utm_device=c&gclid=CjwKCAjwmJeYBhAwEiwAXIq0Af_wP8RZ7kqW-QbM7Op8T798-O_jk4HcJlhLH8CxeJQBa6Sxv8G_EBoCJe0QAvD_BwE)

## INÍCIO

**Figura 30: Imagem ilustrativa do produto (site)**



Fonte: A autora, 2022.

Esse site busca contribuir para o desenvolvimento de um ensino interdisciplinar entre a História e a Geografia na Educação Básica, tendo com eixo norteador o Geopark Araripe, nos seus Geossítios Colina do Horto e Batateiras, que se configuram como importante patrimônio natural na região do Cariri cearense.

### **Contato:**

E-mail: [sinaralima5@gmail.com](mailto:sinaralima5@gmail.com)

### **QUEM SOMOS?**

Esse site consiste em um guia pedagógico de cunho interdisciplinar, destinado para professores das disciplinas de História e Geografia da Educação Básica da região do Cariri, e é componente (PRODUTO) de uma pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA – URCA pela mestrandia Sinara Pereira Lima Costa, orientada pela Professora Dra. Janaína Valéria Pinto Camilo. Compreendo a importância do ensino de História e também as dificuldades enfrentadas pelos seus profissionais no Brasil, aqui buscamos apresentar possíveis caminhos de se trabalhar a História e a Geografia de maneira interdisciplinar. É importante considerar que não se pretende com esse site criar uma espécie de “bula” ou “passo a passo” a serem seguidos fielmente para trabalhar interdisciplinarmente essas disciplinas. O que se almeja é apresentar algumas contribuições para pensar o patrimônio natural em particular, o Geopark Araripe, tendo

como principais objetos de estudo os Geossítios Colina do Horto e o Batateiras como recurso interdisciplinar para o ensino e História na Educação Básica na região do Cariri. Tais contribuições podem ser seguidas, repensadas, melhoradas, feita a releitura que for necessária para cada espaço e sujeitos que desejam trilhar essa caminhada.

**Informações sobre a mestranda:**

*Sinara Pereira Lima Costa*

Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade Regional do Cariri – URCA (2013), especialista em Permacultura (UFCA); e em Metodologia de ensino de Geografia e História pelo Grupo Educacional (FAVENI). Mestranda no Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri (ProfHistória URCA); e professora da rede municipal de Crato e Farias Brito.

**Informações sobre a orientadora:**

*Janaína Valéria Pinto Camilo*

Doutora em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Atualmente é professora do magistério superior da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e professora colaboradora do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri (ProfHistória URCA).

**CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

**O Geopark Araripe:** Encontra-se localizado na porção Sul do estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. A sua extensão territorial é cerca de 3.789 km<sup>2</sup>, abrangendo os municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Ele conta com nove Geossítios abertos para visitação popular, os quais são: Geossítio Batateiras, Geossítio Cachoeira de Missão Velha Batateiras, Geossítio Colina do Horto, Geossítio Floresta Petrificada do Cariri, Geossítio Parque dos Pterossauros, Geossítio Pedra Cariri, Geossítio Pontal de Santa Cruz, Geossítio Ponte de Pedra e Geossítio Riacho do Meio. *(Conheça, com mais propriedade, o Geopark Araripe acessando seu site que está disponível no tópico “Sugestões de leitura”).*

**O Geossítio Colina do Horto:** Encontra-se localizado na Região Metropolitana do Cariri, ao sul do estado do Ceará, a 3km do centro urbano de Juazeiro do Norte. “A Colina do Horto é o acidente geográfico mais importante do município de Juazeiro do Norte, está localizado inteiramente na zona urbana. Oferece uma visão panorâmica, podendo-se avistar todo o Vale do Cariri e a Chapada do Araripe” (Ceará, 2012. p. 75). A geografia e história por trás desse Geossítio é, sem dúvida, singular, e seus aspectos históricos, naturais, culturais e geoturísticos conotam para esse espaço um ambiente fértil para o desenvolvimento de atividades no campo nas disciplinas de História e Geografia, que possibilitam aos educandos e educadores a realização de uma análise interdisciplinar em relação à sua história e geografia.

**O Geossítio Batateiras:** Encontra-se localizado na cidade de Crato-CE, é o Geossítio geograficamente mais próximo da sede do Geopark Araripe, estando a cerca de três quilômetros da sede. Esse Geossítio, cuja origem do nome “Batateiras” está relacionada à nomenclatura do rio que corta seu território, o Rio Batateiras, destaca-se do ponto de vista de beleza paisagística entre os demais, pois uma das suas principais características é a presença de fontes d’água no sopé da chapada do Araripe, além de estar dentro da área do Parque Estadual Sítio Fundão. Sua bela geografia é refletida em seu roteiro de vista, que conta com trilhas ecológicas, a cascata do Lameiro, Casa de Taipa e as Ruínas do Engenho de 1880.

## **O QUE É INTERDISCIPLINARIDADE?**

Aqui buscaremos apresentar, de maneira sintética, as bases que fundamentam a pesquisa no que se refere à interdisciplinaridade, com o objetivo de proporcionar aos professores uma prévia compreensão sobre “o que é interdisciplinaridade”, bem como a importância de sua prática.

Para Ivani Fazenda apud Miranda (2008, p. 119),

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano.

José D’ Assunção Barros (2017) poeticamente ressalva que a interdisciplinaridade não envolve exatamente um campo de saber estático (a praia) e outro ativo (a onda), na verdade, os diálogos e os movimentos interdisciplinares aplicam dois campos de saberes em movimento, um atuando sobre o outro. Os

encontros interdisciplinares são como águas de dois rios que se encontram, por vezes, como se ensaiassem um abraço amoroso, por vezes, defrontando-se com certa violência, como se uma corrente desejasse submeter a outra, absorvê-la dentro de si mesma para depois seguir adiante, fortalecida. Ou simplesmente, um diálogo interdisciplinar pode ser comparado a duas ondas que se abraçam no meio do oceano, o que só poderia se dar se as ondas tivessem movimentos próprios para além daqueles que lhes são ditados pelo próprio mar.

Yared (2008, p. 161), contextualizando sobre o tema ressalta o que,

[...] para mim interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torna vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e voo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. Creio que a interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade.

Para mais informações sobre a temática acesse a aba “sugestões de leitura”. Lá você encontrará a sugestão de um material completo sobre o assunto.

## Referências

BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

MIRANDA, Raquel Gianolla. Da interdisciplinaridade (p. 113-122). In FAZENDA, Ivani (org.), **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo: Cortez, 2008.

YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade? (p. 161-166) In FAZENDA, Ivani (org.), **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo: Cortez, 2008.

## O QUE É PATRIMÔNIO NATURAL?

Foi a partir da Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) que, ineditamente, definiu-se patrimônio natural, como:

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da

ciência ou da conservação; Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural (UNESCO, 1972, p. 2).

De acordo com Pereira (2018, p. 41/42),

A confusão acerca das competências quanto ao patrimônio natural no Brasil, em grande parte, se deve ao fato de o governo brasileiro ter definido como interlocutor da Unesco para o tema do patrimônio natural no âmbito da Convenção do Patrimônio Mundial o Ministério do Meio Ambiente (MMA), contudo, essa questão precisa ser entendida no âmbito das condições para o reconhecimento dos bens, que demanda uma declaração de integridade. Desse modo, um patrimônio natural guardaria condições de integridade se houvesse a preservação não somente do atributo em si, mas de todas as condições para a sua formação. Por exemplo, no caso de quedas d'água, a integridade do bem pediria a preservação da bacia que a alimenta, exigindo uma escala de atuação territorial mais compatível com a desenvolvida pelo MMA nas unidades de conservação, tendo em vista que a atuação do Iphan por meio do tombamento tem caráter pontual”.

Para mais informações sobre a temática, acesse a aba “sugestões de leitura”. Lá você encontrará a sugestão de um material completo sobre o assunto.

## Referências

PEREIRA, Danilo Celso. **Patrimônio Natural**: atualizando o debate sobre identificação e reconhecimento no âmbito do Iphan Rev. CPC, v.13, n.25, p.34–59, 2018. Disponível > <https://www.revistas.usp.br/cpc> >> Acessado em 20 de junho de 2022.

UNESCO. **Convenção para o patrimônio mundial, cultural e natural**. Paris: Unesco, 1972.

## SUGESTÕES DE ATIVIDADES

### ATIVIDADE 1 (GEOSSÍTIO COLINA DO HORTO)

#### MURO DA SEDIÇÃO 1914

A proposta desta atividade é realizar um estudo a partir da análise minuciosa das imagens históricas de satélite da área central do Geossítio Colina do Horto com objetivo de identificar a evolução da ocupação urbana. Neste estudo cabe também observar as mudanças ocorridas na paisagem e no espaço geográfico ao longo tempo, e junto a essa análise os professores podem contextualizar os processos históricos e geográficos da ocupação da comunidade que vive no entorno do Geossítio.

Essa atividade pode ser realizada de maneira online, por meio do site (<https://earth.google.com/web/>) ou aplicativo do Google Earth, que pode ser acessado

ou baixado gratuitamente. Para identificar as mudanças, os alunos podem utilizar as próprias ferramentas de marcação disponíveis no aplicativo, se for online; caso não tenha possibilidade de ser online (pois sabemos que as realidades das escolas, principalmente as públicas, são distintas), as imagens de satélites disponíveis nesta atividade, podem ser impressas, e caneta e lápis podem ser usados para identificar as mudanças observadas ao longo tempo na área de estudo. Em outro momento, posteriormente a essa ação, os professores de História e Geografia e seus estudantes<sup>26</sup> podem realizar uma aula de campo para o Geossítio em questão, com a finalidade de observarem, na prática, as mudanças identificadas em sala, bem como conversar com membros da comunidade para compreender as reais motivações da escolha de morar naquela área.

---

<sup>26</sup> Por se tratar de um estudo mais complexo, sugerimos que esta atividade tenha como público -alvo alunos a partir do 9º ano do Ensino Fundamental.

## ATIVIDADE 2 (GEOSSÍTIO COLINA DO HORTO)

*Estudo com imagens de históricas de Satélite<sup>27</sup> – 2001 a 2021 (Google Earth)*

### **Evolução histórica da ocupação urbana na área do Geossítio Colina do Horto**



Fonte: Google Earth, 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.

<sup>27</sup> Imagens retiradas do Google Earth > Disponível em: <https://earth.google.com/web/> > Acessado em 15/05/2022.



Fonte: Google Earth, 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.



Fonte: Google Earth, 2022.

A proposta dessa atividade é realizar um estudo a partir da análise minuciosa das imagens históricas de satélite da área central do Geossítio Colina do Horto com objetivo de identificar a evolução da ocupação urbana, nesse estudo cabe também observar as mudanças ocorridas na paisagem e no espaço geográfico ao

longo tempo e junto com essa análise os professores podem contextualizar os processos históricos e geográficos da ocupação da comunidade que vive no entorno do Geossítio.

Essa atividade pode ser realizada de maneira on-line através do site (<https://earth.google.com/web/>) ou aplicativo do Google Earth que pode ser acesso ou baixado gratuitamente. Para identificar as mudanças os alunos podem utilizar as próprias ferramentas de marcação disponíveis no aplicativo, se for on-line, caso não tenha possibilidade de ser on-line (pois sabemos que as realidades das escolas, principalmente as públicas, são distintas) as imagens de satélites disponíveis nessa atividade podem ser impressas, e caneta e lápis podem ser usados para identificar as mudanças observadas ao longo tempo na área de estudo. Em outro momento, posteriormente essa ação, os professores de História e Geografia e seus estudantes<sup>28</sup> podem realizar uma aula de campo para o Geossítio em questão, com a finalidade de observarem na prática as mudanças identificadas em sala, bem como conversar com membros da comunidade para compreender as reais motivações da escolha de morar naquela área.

---

<sup>28</sup> Por se tratar de um estudo mais complexo, sugerimos que essa atividade tenha como público alvo alunos a partir do 9º ano do Ensino Fundamental.

**ATIVIDADE 3  
(GEOSSÍTIO BATATEIRAS)**

*Analisando imagens: Engenho do Pau*

**Ruínas do antigo Engenho do Pau antes do incêndio**



Fonte: Secretaria de Meio Ambiente apud Cavalcanti, 2019, p. 128.

**Ruínas do Engenho do Pau depois do Incêndio em 2018**



Fonte: Cavalcanti, 2019, p. 128.

### Atual situação das Ruínas do Engenho do Pau de 1880



Fonte: Registro da autora, 2022.

Com auxílio visual das imagens acima, do antes e depois do incêndio das ruínas do antigo engenho do Pau, uma aula teórica em sala pode ser realizada com a finalidade de primeiramente os educandos entenderem a história e a importância do antigo engenho, e, a partir da análise das imagens, realizar um levantamento de questionamentos a respeito do que se foi estudado e das observações feitas na análise do material. Depois, os professores podem organizar uma aula de campo, onde as questões problematizadas em sala possam ser investigadas *in loco*. E assim, os professores (as) de História e Geografia podem juntamente com seus alunos buscar analisar quais são as estratégias adotadas para preservação e manutenção dos patrimônios do Geossítio Batateiras e, a partir dessa análise, averiguar se realmente essas estratégias estão sendo colocadas em prática; senão, questionar “o porquê”, junto a equipe responsável do Geopark Araripe, já que a proposta essencial do G.A é preservar esses ambientes.

Essa atividade pode contribuir de maneira significativa para a preservação e cuidados dos Geossítios, que é um bem de responsabilidade de todos, e que principalmente ultrapassa a frivolidade da propaganda.

#### **ATIVIDADE 4 (Geossítio Batateiras)**

##### *Colonização da região do Cariri cearense*

Considerando a exuberante paisagem expressa no roteiro de visita do Geossítio Batateiras, bem como, tendo base os estudos sobre a colonização do Cariri, pode-se considerar que a colonização das terras caririenses está associada à sua geografia, que é caracterizada pela abundância de água advindas das nascentes da Chapada do Araripe e suas terras férteis, propícias para prática da agricultura e criação de animais, com destaque para criação de gado.

Para realizar a atividade com este tema proposto, é importante que o professor (a) busque previamente fazer um estudo sobre a temática (na aba “Sugestões de leitura”, há indicação da tese de doutorado da professora Rúbia Micheline, intitulada: “Geossítio Batateira, memórias em movimento: Tramas territoriais e ambientais no Cariri cearense”, que pode ser baixada gratuitamente na internet e utilizada como material de estudo) e depois montar um material adaptado para a turma que será ministrada a aula. Posteriormente, os professores das disciplinas de História e Geografia podem ministrar uma aula discutindo com base nesse arcabouço teórico previamente adaptado para realidade do público-alvo, essa singularidade da colonização do território local, relacionando aos fatos históricos com os aspectos geográficos da região, tem a finalidade de dinamizar a aula e principalmente tornar possível um ensino interdisciplinar comprometido com uma educação crítica e participativa.

#### **SUGESTÕES DE LEITURA**

##### **- Livros:**

BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

CEARÁ. **GeoPark Araripe**: Histórias da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura. Secretaria das Cidades/Projeto Cidades do Ceará Cariri Central. Crato-CE, 2012.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. 6ª ed. São Paulo: Editora da UNESP. São Paulo, 2006.

FAZENDA, Ivani. (Org.). (2008). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo, Cortez, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia. et al. **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. 2 ed. rev. ampl. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, n. 8, p. 199-201, 1991.

#### - Artigos e Tese:

BARROS, José D'Assunção. Geografia e História: uma interdisciplinaridade mediada pelo espaço. **Geografia (Londrina)** v. 19 n. 3, 2010. Disponível em > <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/>

CABRAL, N. R. A. J.; SILVA, A. C. da. Análise do patrimônio natural e cultural do Geopark Araripe/Ce a partir da legislação ambiental pertinente. **OLAM – Ciência & Tecnologia** – ISSN 1982-7784 – Rio Claro / SP. 2012, p. 220. Disponível em > <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/index>

CAVALCANTI, Rúbia Micheline Moreira. **Geossítio Batateira, memórias em movimento**: Tramas territoriais e ambientais no Cariri cearense. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado em História, 2019. Disponível em > <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2177.pdf>

PEREZ, Olívia Cristina. O que é Interdisciplinaridade? Definições mais comuns em Artigos Científicos Brasileiros. **INTERSEÇÕES** [Rio de Janeiro] v. 20 n. 2, p. 454-472, dez. 2018. Disponível em > <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39041>

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **A região como artefato**: o Cariri na segunda metade dos Oitocentos. **CADERNOS DE HISTÓRIA**, v. 17, p. 342-367, 2016. Disponível em > <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.22378871.2016v17n27p342>

**- Sites:**

**Geopark Araripe:**

<http://geoparkararipe.urca.br/>

**IPHAN:**

<http://portal.iphan.gov.br/>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>

**UNESCO:**

<https://whc.unesco.org/>

<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil>

**Geoparque do Seridó:**

<https://geoparqueserido.com.br/>

**Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul:**

<https://www.geoparquecostoeselagunas.com/geoparque-caminhos-dos-canions-do-sul/>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos de História e Geografia permitem ao professor problematizar o que está ocorrendo no seu entorno, realizando uma prática que ultrapasse a mera transmissão do conhecimento linear que gera o imobilismo, e oportunize aos alunos ações mais dinâmicas e concretas. Enfim, o que se objetiva é formar o cidadão através da análise e estudo do meio, da realidade onde se vive, estabelecendo relações e comparações com outras realidades inclusive de outras épocas. (PABIS, 2012, p. 26)

A História e a Geografia, enquanto disciplinas escolares na educação básica e como campos do conhecimento científico, apresentam nitidamente uma contribuição fundamental no processo de formação intelectual e social das pessoas. Os professores dessas disciplinas, por sua vez, por meio de suas aulas, podem contribuir para que os alunos se percebam como personagens que fazem parte do processo de construção da história, tendo como palco o espaço geográfico, considerando que a assimilação e as noções conceituais contextualizadas mediante o encontro entre a teoria e a prática destas disciplinas são importantes para a compreensão da concepção do tempo-espaço da sociedade que gradativamente está em constante mudança, seja na esfera política, social ou econômica. Mudanças essas que refletem de maneira direta no “espaço-tempo escolar”.

Com base nesta última afirmação, e principalmente na realidade da carga horária (2 horas/aulas semanais) dos professores de História e Geografia na educação básica, bem como nas mudanças curriculares que tendenciosamente suprem consideravelmente as disciplinas das Ciências Humanas, onde muitas vezes os professores de História, para complementar sua carga horária, ministram aulas de Geografia e os de Geografia de História (ou Filosofia e Sociologia), enxergamos este trabalho como uma possibilidade de contribuir para se buscar possíveis caminhos interdisciplinares entre as disciplinas em pauta, mediado pelo conceito de espaço materializado através do patrimônio natural, os Geossítios colina do Horto e Batateiras do Geopark Araripe. Com o auxílio deles, pode-se apontar propostas pedagógicas para trabalhar conteúdos relacionados à geografia e história da região do Cariri cearense, com ênfase para as cidades de Crato e Juazeiro do Norte de maneira interdisciplinar, por meio de investigações e estudos teóricos e de campo relativos à história local, pois, concordando com Moreira, Coelho e Santos (2014, p. 151),

O professor que ensina História ou Geografia tem a função de ressignificar a educação, entendendo-a num contexto social em movimento. Com base

nessa nova ação, o professor se torna um mediador, um facilitador, que motiva, estimula, problematiza e ajuda os alunos a interpretar as informações, relacioná-las e contextualizá-las, oferecendo uma orientação intelectual e pedagógica

É importante considerar também que, além do conceito de espaço, pode-se incluir também as noções dos conceitos de território e região, como por exemplo, apresentar concepções do espaço social (lugares/territórios/regiões históricos) e como essas concepções foram construídas no imaginário popular ao longo do tempo, assim como reconhecer quem foram sujeitos que mais se beneficiaram nesse processo.

Assim, problematizar sobre uma proposta de um ensino de História interdisciplinar é, sem dúvida, fundamental, pois pode também colaborar para o desenvolvimento de um ensino lúdico, contribuindo diretamente para desconstrução das disciplinas de História e Geografia, que não devem ser vistas como enfadonha e decorativa na educação básica pelos estudantes.

No caso particular, que é de nosso interesse aqui, a interdisciplinaridade entre as disciplinas de História e Geografia, como já contextualizado, tem suas raízes nas bases científicas dessas disciplinas/ciências. Todavia, é importante ressaltar que ambas têm competências e habilidades diferentes, e que, apesar de serem áreas de estudo que apresentam especificidades semelhantes, têm objetivos e principalmente objetos de estudo diferentes. Nesse sentido, integrar ou classificar essas duas disciplinas em um único componente curricular é um erro crasso.

Outro elemento importante que possibilitou a busca por uma proposta de ensino interdisciplinar entre essas disciplinas foi o patrimônio na sua vertente natural, através do Geopark Araripe, com ênfase nos Geossítios já mencionados. Entendemos que compreender seus significados para preservação dos monumentos históricos e naturais é fundamental, o que torna a educação patrimonial essencial no processo de disseminação dos conhecimentos, fortalecimento e preservação do patrimônio cultural.

Os caminhos (atividades, sugestões de leitura e entre outros) que foram propostos no produto, o site “Trilha interdisciplinar para o ensino de História com a Geografia na Educação Básica”, apresentado no terceiro capítulo desta pesquisa, é entendido aqui como uma alternativa ou suporte pedagógico para os professores de História e Geografia que vivem essa realidade em seu cotidiano profissional, e não deve ser interpretado como material único e finalizado para estabelecer uma ponte

interdisciplinar entre as disciplinas em questão; ele pode e deve ser repensado, complementado e adequado à realidade de trabalho e estudo dos professores que desejam acolher a proposta.

Enfim, considera-se, diante deste estudo apresentado, que compreender a relação de interdisciplinaridade entre a História e a Geografia é fundamental para ampliar os horizontes dessas disciplinas e, por que não pensar, ampliar os horizontes das Ciências Humanas, pois, assim como José D' Assunção Barros (2017), quero pensar a interdisciplinaridade, e em particular, a interdisciplinaridade entre História e a Geografia, como dois campos de saberes em movimento, um atuando sobre o outro.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. C. E.; SIEBRA, F. S. F.; OLIVEIRA, M. L. T.; BEZERRA, L. M. A. **Geopark Araripe: um estudo geoturístico e ambiental no Geotopo Granito, Ceará, Brasil.** VI Seminário Latino Americano de Geografia Física; II Seminário Ibero Americano de Geografia Física. Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em > [https://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema5/cicera\\_geopark](https://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema5/cicera_geopark) > Acessado em 05 de junho de 2022.

BARROS, José D'Assunção. **História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_, José D'Assunção. **Geografia e História: uma interdisciplinaridade mediada pelo espaço.** Geografia (Londrina) v. 19 n. 3, 2010. Disponível em > <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/> > Acessado: 26 de maio de 2020.

\_\_\_\_\_, José D' Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** 8. Ed. – Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BOAS, Mariana Pinheiro Vilas. **Patrimônio paleontológico do Geopark Araripe (Ceará, Brasil): análise e propostas de conservação.** Universidade do Minho, Escola de Ciências da Terra, Dissertação de Mestrado, 2012.

BRASIL, lei no 9.795, de 27 de abril de 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm) > Acessado em 07 de julho 2022.

\_\_\_\_\_. **Parecer nº 853 de 12 de novembro de 1971.** Núcleo comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus. Disponível em > [file:///C:/Users/sinar/Downloads/parecer%20853-71%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/sinar/Downloads/parecer%20853-71%20(1).pdf) . Acessado em 17 de jul. 2020

BRILHA, J. B. R. **Patrimônio geológico e geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica.** Braga: Palimage, 2005. 190 p.

CABRAL, N. R. A. J.; SILVA, A. C. da. **Análise do patrimônio natural e cultural do Geopark Araripe/Ce a partir da legislação ambiental pertinente.** OLAM – Ciência & Tecnologia – ISSN 1982-7784 – Rio Claro / SP. 2012, p. 220. Disponível em > <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/index> . Acessado: 19 de out. de 2020.

CAVALCANTI, Rúbia Micheline Moreira. **Geossítio Batateira, memórias em movimento: Tramas territoriais e ambientais no Cariri cearense.** Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Tese de Doutorado em História, 2019.

CARVALHO NETA, M. de L.; CORREA, A. C. B.; SILVA, D. G. Esboço Geomorfológico do Geopark Araripe/CE como ferramenta para a Geoconservação. In: **XI Simpósio**

**Nacional de Geomorfologia-SINAGEO**, 2016, Maringá. Anais do XI Simpósio Nacional de Geomorfologia - SINAGEO, 2016. v. único.

CARTA DE ATENAS (1931). **Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauo dos Monumentos**. Serviço Internacional de Museus, Atenas, 1931. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf> > Acessado em: 06 de janeiro 2022.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **Geopark Araripe**: Histórias da Terra, do Meio Ambiente e da Cultura. Crato: Projeto Cidades do Ceará, 2012.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. Estação liberdade, UNESP: 6ª ed. São Paulo, 2006.

DECLARAÇÃO DO MÉXICO. **Conferência Mundial sobre Políticas Culturais – ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios**, México, 1985;

DEMARCHI, João Lorandi. Educação, patrimônio e sujeitos: diálogo democrático. In: TOLENTINO, Atila B.; BRAGA, Emanuel Oliveira (Orgs.). **Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. Caderno Temático de Educação Patrimonial, João Pessoa: IPHAN/PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, n. 5, p. 49- 56, 2016.

FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e Interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

\_\_\_\_\_, Ivani C. A. (Org.). (2008). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo, Cortez, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim et al. IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**, 2012. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducacaoPatrimonial\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf) > Acesso em: 16 março de 2022.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. PELEGRINI, Sandra de Cassia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed. 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Trangressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rogrigues. – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial**; 2022. Disponível em > <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> > Acessado em: 03 de junho de 2022

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo – Estudos sobre História**. Rio de Janeiro, Editora PUC Rio, 2014.

LE MOS, Calos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: brasiliense, 2º ed., 2013.

LENOIR, Yves. Didática e interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável. In FAZENDA, Ivani (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papyrus, 13ª Edição, 2008.

LIRA, Larissa Alves de. **A Concepção de Tempo Geográfico do Mediterrâneo de Vidal de la Blache**. Confins – Revue franco-brésilienne de géographie / Revista franco-brasileira de geografia: Número 22, 2019. Disponível em > <https://journals.openedition.org/confins/9781> > Acessado em 09 de abril de 2021.

LOIOLA, M. I. B; ARAÚJO, F. S; LIMA-VERDE, L. W. *et. al.* Flora da Chapada do Araripe. In: ULYSSES, P. de A.; MEIADO, M. V. (Orgs.). **Sociobiodiversidade na Chapada do Araripe**. 1ed. Recife: NUPEEA, 2015, v. 1, p. 103-148.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Juazeiro do Padre Cícero**. 4. ed. aum. – Brasília: MEC/Inep, 2002.

MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. **O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica**. História Unisinos 15(1):40-49, 2011.

MARTINS, Marcos Lobato. **História e Meio Ambiente**. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, G. E; COELHO, H. F; SANTOS, C. R. dos. **O ensino de história e geografia na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental: desafios permanentes**. Ensino de Geografia, Urbelândia, v. 5, p. 150-166, jun. 2014. Disponível em: [http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/552/1/Artigo\\_EnsinoHistoriaGeografia.pdf](http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/552/1/Artigo_EnsinoHistoriaGeografia.pdf) Acesso em: 25 julho. 2022.

MOURA-FÉ, M. M. **GeoPark Araripe e a geodiversidade do sul do Estado do Ceará, Brasil**. REVISTA DE GEOCIÊNCIAS DO NORDESTE, v. 2, p. 28-37, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2447-3359.2016v2n1ID10635> > Acessado em 12 de maio de 2022.

OLIVEIRA, B. A. de; OLIVEIRA, J. C. A. de; SOBRAL, S. D. C. *et. al.* **Educação ambiental no Geopark Araripe: contribuição para o ensino de geografia**. Research, Society and Development, v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i1.2472> > Acessado em 15 junho de 2022.

PEREIRA, C. S. S. **Centro, centralidade e cidade média: o papel do comércio e serviços na reestruturação da cidade de Juazeiro do Norte/CE**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista, 2014.

PEREIRA, Danilo Celso. **Patrimônio Natural: atualizando o debate sobre identificação e reconhecimento no âmbito do Iphan**. Rev. CPC, v.13, n.25, p.34–59, 2018. Disponível em> <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p34-59> > Acessado em 05 de março 2022.

PEREZ, Olívia Cristina. **O que é Interdisciplinaridade?** Definições mais comuns em Artigos Científicos Brasileiros. INTERSEÇÕES [Rio de Janeiro] v. 20 n. 2, p. 454-472,

dez. 2018. Disponível em >  
<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/39041> >  
 Acessado: 13 de jun. 2020.

PABIS, Nelsi Antônia. **O ensino de história e geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Paraná: Unicentro, 137 p, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira. **A região como artefato: o Cariri na segunda metade dos Oitocentos**. CADERNOS DE HISTÓRIA, v. 17, p. 342-367, 2016. Disponível em >  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.22378871.2016v17n27p342>

ROMEIRA, T. E. ALTOÉ, An. **Tecnologia de Informação e Comunicação e Ensino de História: Possibilidades de Diálogo**. In: Seminário de Pesquisa do PPE - 2010, 2010, Maringá. Disponível em:  
[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2009\\_2010/pdf/2010/036.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/036.pdf) >  
 Acessado em: 25 de julho de 2022.

ROSA, Roberto. **Geotecnologias na Geografia aplicada**. Revista do Departamento de Geografia, n. 16, 2005, p. 81-90. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47288> > Acessado em 25 de julho de 2022.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar**. São Paulo: edições Sesc, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **História do ensino de história no Brasil: Uma proposta de periodização**. 17º Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe, Universidade Federal de Santa Maria/RS, 2011. Disponível em >  
<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/24245/pdf> . Acessado em 17 de jul. de 2020.

SILVA JUNIOR, A. G. Da. **Educação patrimonial, história local e ensino de história: uma proposta para o trabalho docente**. Dissertação (PROFHISTORIA). UFF, 2016

SCHOBENHAUS, C.; SILVA, C. R. **Geoparques do Brasil: propostas**. CPRM – Serviço Geológico do Brasil, 2012.

SOARES, Rafael Celestino. **Geoturismo no Geopark Araripe Ce, Brasil: comunidade e desenvolvimento territorial**. 2019. 183 f. Tese (Doutorado em Geologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

SOUSA, S. G. DE; GOMES LOPES, A. J. **Geossítio Colina do Horto: possibilidades à educação geográfica.** Revista Ensino de Geografia (Recife), v. 4, p. 213-227, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/249928> > Acessado em: 02 de julho de 2022.

TOLENTINO, A. B. O que não é Educação Patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. In: TOLENTINO, A. B.; BRAGA, E. O. (Orgs.). Educação Patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas. **Caderno Temático de Educação Patrimonial**, João Pessoa: IPHAN/PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, n. 5, p. 38- 48, 2016.

UNESCO. **Convenção para o patrimônio mundial, cultural e natural.** Paris: Unesco, 1972.

YARED, Ivone. O que é interdisciplinaridade? In FAZENDA, Ivani. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo, Cortez, 2008.

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC/ Fundação Getúlio Vargas, n. 8, p. 199-201, 1991.

## REFERÊNCIAS DE SITES DA INTERNET

DIOCESE DE CRATO. **Procissão de Nossa Senhora das Dores leva milhares de fiéis às ruas de Juazeiro do Norte.** Disponível em: <https://diocesedecrato.org/procissao-de-nossa-senhora-das-dores-leva-milhares-de-fieis-as-ruas-de-juazeiro-do-norte/> > Acessado em: 05 de junho de 2022.

g1 CEARÁ. **Encerramento de Romaria das Candeias reúne 85 mil fiéis em procissão em Juazeiro do Norte, no Ceará.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/02/02/encerramento-de-romariadas-candeias-reune-85-mil-fieis-em-procissao-em-juazeiro-do-norte-no-ceara.ghtml> > Acessado em: 05 de junho de 2022.

g1 CEARÁ. **Teleférico do Horto de Juazeiro do Norte é inaugurado.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/02/02/encerramento-de-romariadas-candeias-reune-85-mil-fieis-em-procissao-em-juazeiro-do-norte-no-ceara.ghtml> > Acessado em: 05 de julho de 2022.

GOOGLE EARTH. Disponível em: <https://earth.google.com/web/> > Acessado em: 15 de maio de 2022.

GEOSSIT. **Sistema de Cadastro e Quantificação de Geossítios e Sítios da Geodiversidade.** Disponível em: <http://cprm.gov.br/geossit/> > Acessado em: 11 de janeiro de 2022.

GOPARK ARARIPE. Disponível em: <http://geoparkararipe.urca.br/> > Acessado em: 11 de setembro de 2021.

GEOPARK ARARIPE, Instagram: @geoparkararipe. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CejmykQOfm8/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CejmykQOfm8/?utm_source=ig_web_copy_link) > Acessado em: 08 de junho de 2022.

GOVERNO DO CEARÁ. **Geopark Araripe: a história da vida na Terra recontada no Ceará - Governo do Estado do Ceará.** Secretaria das Cidades, 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/11/16/geopark-araripe-a-história-da-vida-na-terra-recontada-no-ceará/> > Acessado em: 07 de janeiro de 2022.

NEWS CARIRI. **Incêndio destrói último “Engenho do Pau” no Sítio Fundão.** 2018. Disponível em: <https://www.newscariri.com.br/2018/11/incendio-destroi-ultimo-engenho-de-pau-no-sitio-fundao-em-crato> > Acessado em: 12 de julho de 2022.

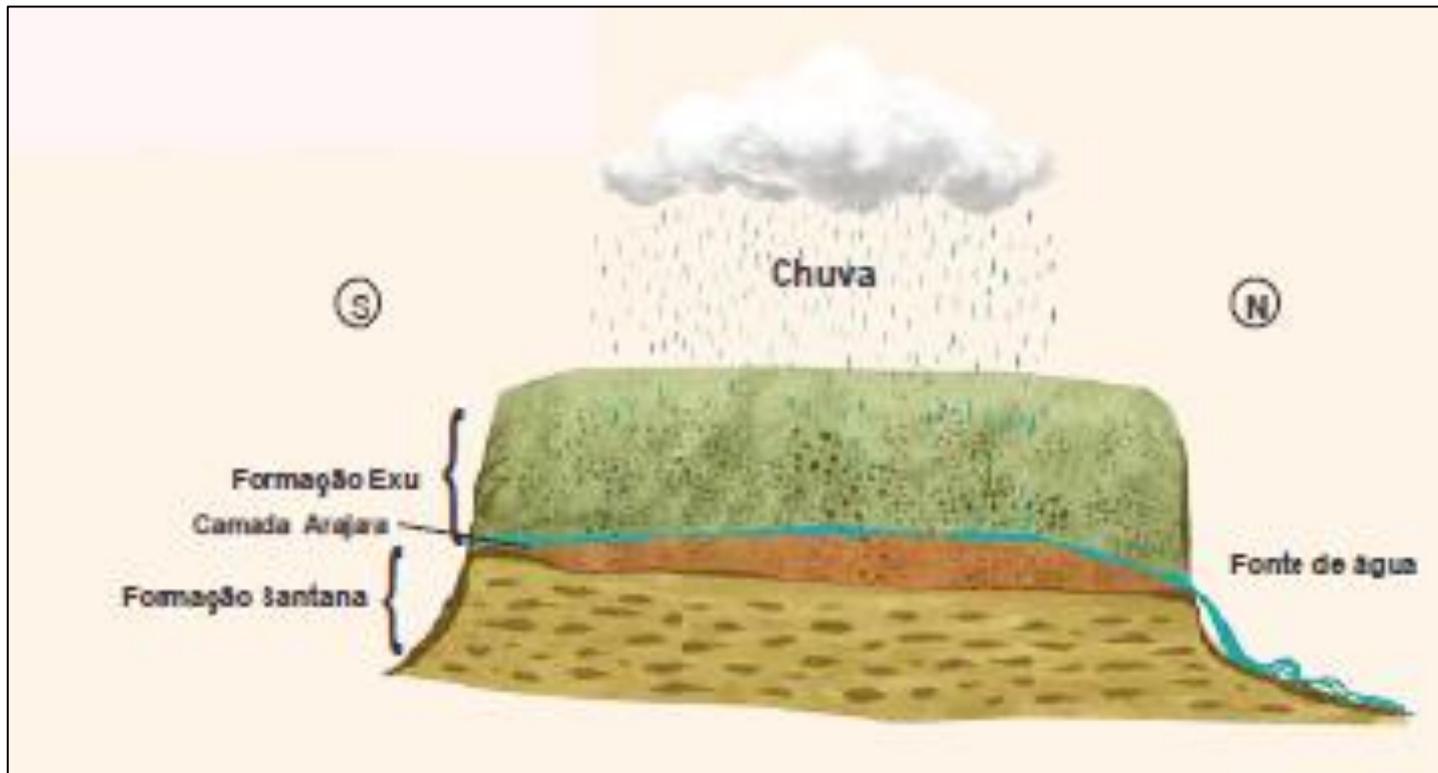
TV.j1.COM.BR. **Romaria de Finados reúne 300 mil pessoas em Juazeiro do Norte.** Disponível em: <https://tvj1.com.br/regional/noticias/romaria-de-finados-reune-300-mil-pessoas-em-juazeiro-do-norte.html> > Acessado em: 05 de junho de 2022.

UNESCO. Disponível em: <https://whc.unesco.org/> > Acessado em: 16 de maio de 2022.

UNESCO BRASIL. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil> > Acessado em: 16 de setembro de 2021.

WEBNODE. disponível em: [https://www.webnode.com/pt/?utm\\_source=google&utm\\_medium=cpc&utm\\_term=webnode&utm\\_device=c&qclid=CjwKCAjwmJeYBhAwEiwAXIq0AYDTvuxl7tpS53IReaZKq1Lu1N5vietrnOy4wsY\\_-9IL5uRS5lvjxoCCK8QAvD\\_BwE](https://www.webnode.com/pt/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_term=webnode&utm_device=c&qclid=CjwKCAjwmJeYBhAwEiwAXIq0AYDTvuxl7tpS53IReaZKq1Lu1N5vietrnOy4wsY_-9IL5uRS5lvjxoCCK8QAvD_BwE) > Acessado em: 02 julho de 2022.

### Anexo 01: Esquema das nascentes de água na Chapada do Araripe



Fonte: CEARÁ, 2012, p. 49.

**Anexo 02: Breve descrição dos 26 Geossítios identificados, após a nova avaliação de 2011.**

Geossítio	Município	Unidade Geológica	Principal interesse	Relevância
1 - Colina do Horto	Juazeiro do Norte	Embasamento	Estratigráfico, petrológico e geomorfológico	Regional
2 - Cachoeira de Missão Velha	Missão Velha	Fm. Cariri	Estratigráfico, paleontológico, geomorfológico e sedimentológico	Regional
3 - Floresta Petrificada do Cariri	Milagres	Fm. Missão Velha	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Internacional
4 - Batateiras	Crato	Fm. Rio Batateiras	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Nacional
5 - Pedra Cariri	Nova Olinda	Fm. Santana, M. Crato	Estratigráfico e sedimentológico	Regional
6 - Ipubi	Santana do Cariri	Fm. Santana, C. Ipubi	Estratigráfico	Regional
7 - Parque dos Pterossauros	Santana do Cariri	Fm. Santana, M. Romualdo	Paleontológico, estratigráfico e sedimentológico	Internacional
8 - Riacho do Meio	Barbalha	Fm. Exu	Estratigráfico e sedimentológico	Regional
9 - Ponte de Pedra	Nova Olinda	Fm. Exu	Estratigráfico e sedimentológico	Regional
10 - Pontal da Santa Cruz	Santana do Cariri	Fm. Exu	Estratigráfico e sedimentológico	Regional
11 - Sobradinho	Jardim	Fm. Santana, M. Romualdo	Paleontológico, estratigráfico e sedimentológico	Nacional
12 - Rio Salamanca	Barbalha	Fm. Rio Batateiras	Sedimentológico, estratigráfico e geomorfológico	Regional
13 - Abaiara	Abaiara	Fm. Abaiara	Sedimentológico e estratigráfico	Regional
14 - Brisa da Serra	Crato	Fm. Santana, M. Crato e C. Ipubi	Estratigráfico e sedimentológico	Regional
15 - Pedra Branca	Porteiras	Fm. Exu	Estratigráfico, sedimentológico e geomorfológico	Regional
16 - Café da Linha	Abaiara	Fm. Missão Velha	Estratigráfico, sedimentológico e paleontológico	Regional
17 - Poço da Mãe D'Água	Nova Olinda	Embasamento	Tectônico e estratigráfico	Regional
18 - Vale do Calcário	Santana do Cariri	Fm. Santana, M. Crato	Estratigráfico, paleontológico e geomorfológico	Regional
19 - Gnaisse do Embasamento	Nova Olinda	Embasamento	Tectônico e estratigráfico	Regional
20 - Mina Pedra Branca	Nova Olinda	Fm. Santana, C. Ipubi e M. Romualdo	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Nacional
21 - Mina Conceição Preta	Santana do Cariri	Fm. Santana, C. Ipubi e M. Romualdo	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Nacional
22 - Cascata do Lameiro	Crato	Fm. Rio Batateiras	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Nacional
23 - Serra do Mãozinha	Abaiara	Fm. Santana, M. Crato, C. Ipubi e M. Romualdo	Estratigráfico, paleontológico, sedimentológico e geomorfológico	Internacional
24 - Buraco da Moça	Santana do Cariri	Fm. Exu	Geomorfológico e sedimentológico	Regional
25 - Brejo Santo	Missão Velha	Fm. Brejo Santo	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Nacional
26 - Contato da Brejo Santo com a Missão Velha	Brejo Santo	Fm. Brejo Santo e Missão Velha	Estratigráfico, paleontológico e sedimentológico	Regional

Fonte: BOAS, 2012, p. 35.

### Anexo 03: Linha do tempo (2005 a 2021) – Evolução histórica do Geopark Araripe



Fonte: Secretaria de Ciências, Tecnologia e Educação Superior – Governo do Ceará (2021)